

olimpíada
de Língua Portuguesa

Pontos de vista



Distribuição gratuita

CADERNO DO PROFESSOR
orientação para produção de textos

Pontos de vista

Todo ponto de vista é
a vista de um ponto.

Leonardo Boff



Copyright © by Cenpec e Fundação Itaú Social

Coordenação técnica

Centro de Estudos e Pesquisas em Educação,
Cultura e Ação Comunitária – Cenpec

Créditos da publicação

Coordenação

Sonia Madi

Equipe de produção

Ana Luiza Marcondes Garcia
Ana Paula Severiano
Egon de Oliveira
Eliana Gagliardi
Heloísa Amaral

Organização

Jéssica Nozaki
Marcela Pasqualucci Ronca
Mária Aparecida Laginestra

Projeto gráfico e capa

Criss de Paulo e Walter Mazzuchelli

Ilustrações

Criss de Paulo

Editoração e revisão

agwm editora e produções editoriais

Contato

Cenpec

Rua Minas Gerais, 228
01244-010 — São Paulo — SP
Telefone: 0800-7719310
e-mail: escrevendofuturo@cenpec.org.br
www.escrevendofuturo.org.br

Iniciativa



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pontos de vista : caderno do professor :

orientação para produção de textos / [equipe
de produção Ana Paula Severiano, Egon de
Oliveira, Eliana Gagliardi, Heloísa Amaral].
– São Paulo: Cenpec. – (Coleção da Olimpíada)

Vários colaboradores
Bibliografia.

ISBN 978-85-85786-89-2

1. Artigos de opinião 2. Olimpíada de Língua
Portuguesa 3. Ponto de vista (Literatura) 4. Textos
I. Rangel, Egon de Oliveira. II. Gagliardi, Eliana.
III. Amaral, Heloísa. IV. Série.

09-13446

CDD-371.0079

Índices para catálogo sistemático:

1. Olimpíada de Língua Portuguesa : Escolas :
Educação 371.0079

6ª edição, 2019



Caro Professor,

Bem-vindo à Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, iniciativa do Ministério da Educação (MEC) e da Fundação Itaú Social (FIS), com a coordenação técnica do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec). A união de esforços do poder público, da iniciativa privada e da sociedade civil visa um objetivo comum: proporcionar ensino de qualidade para todos.

O MEC reconheceu no Programa Escrevendo o Futuro a metodologia adequada para realizar a Olimpíada – uma das ações do Plano de Desenvolvimento da Educação, idealizado para fortalecer o processo de ensino-aprendizagem no país.

A Olimpíada desenvolve ações de formação para educadores por meio de materiais orientadores, cursos presenciais e a distância, ambiente virtual de aprendizagem, e oferece recursos didáticos para o desenvolvimento do trabalho em sala de aula. Em anos pares também promove um concurso de textos que premia as melhores produções dos alunos de escolas públicas do 5º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio.

O concurso está organizado em quatro categorias – cada uma delas envolve dois anos escolares:

O tema para a produção de texto é “O lugar onde vivo”. O ponto de partida são entrevistas e conversas com a comunidade, experiências que desenvolvem o sentimento de pertença e favorecem o reconhecimento dos saberes e problemas locais; além disso, leituras, pesquisas e estudos constroem um novo olhar acerca da realidade e abrem perspectivas de transformação social.

Este Caderno do Professor propõe uma metodologia de ensino para a produção de textos pela perspectiva de gênero. Apresenta uma sequência didática que aborda os conteúdos de língua portuguesa previstos nos currículos escolares, favorecendo o desenvolvimento de competências de leitura e de escrita.

As atividades propostas concretizam os princípios metodológicos e viabilizam o trabalho em sala de aula, pois, para que os alunos dos vários cantos do Brasil produzam textos de qualidade, é fundamental a formação e atuação dos professores, além do apoio e envolvimento da direção da escola, dos pais e da comunidade.

Vale ressaltar que a Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro não está em busca de talentos; o programa tem o firme propósito de contribuir para a melhoria da escrita de todos os estudantes. O importante é que seus alunos cheguem ao final da sequência didática tendo aprendido a se comunicar com competência no gênero estudado. Isso contribuirá para que se tornem cidadãos mais bem preparados. E é você, professor, quem pode proporcionar essa conquista.

Desejamos a você e seus alunos um ótimo trabalho!

Coleção da Olimpíada

As escolas públicas brasileiras – que atendem um ou mais anos escolares entre o 5º ano do Ensino Fundamental e o 3º ano do Ensino Médio – têm disponíveis, em PDF, os Cadernos do Professor no Portal da Olimpíada (escrevendoofuturo.org.br).

Caderno do Professor – Orientação para produção de textos

Aqui você encontra uma sequência didática, organizada em oficinas, para o ensino da escrita de um gênero textual. As atividades propostas estão voltadas para o desenvolvimento da competência comunicativa, envolvendo leitura e análise de textos já publicados, linguagem oral, conceitos gramaticais, pesquisas, produção, aprimoramento de texto dos alunos etc. Consiste em material de apoio para planejamento e realização das aulas. O Caderno *Pontos de vista* compreende ainda um glossário, página 164, cujo principal objetivo é o de fornecer definições para palavras e expressões cujos sentidos são cruciais para desenvolver as atividades em sala de aula.



Poema



Memórias literárias



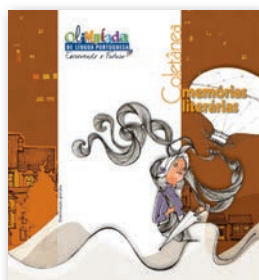
Crônica



Artigo de opinião

Coletânea de textos

Para que os alunos possam ter contato com os textos trabalhados nas oficinas, a Coletânea de textos os traz sem comentários ou análises.



Sumário

Apresentação
pág. **8**

Introdução ao
gênero
pág. **16**

1

Argumentar
é preciso?
Análise de uma notícia
pág. **22**

2

Os movimentos
da argumentação
O artigo de opinião
pág. **38**

3

Informação
versus
opinião

Diferenças entre
notícia e artigo
de opinião
pág. **46**

4

Questões
polêmicas

Reconhecimento de
bons argumentos
pág. **60**

5

A polêmica
no texto

A primeira produção
pág. **72**

6

Por dentro
do artigo

Principais características
de um artigo de opinião
pág. **78**

7

O esquema
argumentativo

A organização textual
pág. **90**

8

Questão,
posição e
argumentos

Análise da
argumentação
pág. **100**

9

Sustentação
de uma tese

Construção de
argumentos para a
defesa de uma tese
pág. **112**

10

Como
articular

Vínculos ou
elementos
articuladores
pág. **126**

11

Vozes
presentes
no artigo
de opinião

As diferentes
posições a respeito
de um assunto
pág. **132**

12

Pesquisar para
escrever

Informações e
escrita do texto
pág. **144**

13

Aprendendo
na prática

Reescrita coletiva
pág. **148**

14

Enfim,
o artigo

Produção final
pág. **158**

15

Revisão final

O texto individual
pág. **162**

Critérios de avaliação
para o gênero

Artigo de opinião
pág. **166**

Glossário
pág. **168**

Referências
pág. **172**

Apresentação

Ler e escrever: um desafio para todos

Neste Caderno falamos diretamente com você, que está na sala de aula “com a mão na massa”. Contudo, para preparar este material conversamos com pessoas que pesquisam, discutem ou discutiram a escrita e seu ensino. Entre alguns pesquisadores e teóricos de diferentes campos do conhecimento que têm se dedicado a elaborar propostas didáticas para o ensino de língua destacamos o Prof. Dr. Joaquim Dolz, do qual apresentamos, a seguir, uma pequena *biodata* e um texto, de sua autoria, uma espécie de prefácio, em que esse ilustre professor tece comentários sobre o projeto Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro.

Juntamente com Jean-Paul Bronckart, Bernard Schneuwly e outros pesquisadores, **Joaquim Dolz** pertence a uma escola de pensamento genebrina que tem influenciado muitas pesquisas, propostas de intervenção e de políticas públicas de educação em vários países. No Brasil, a ação do trabalho desses pesquisadores se faz sentir até mesmo nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

Dolz nasceu em 1957, em Morella, na província de Castellón, Espanha. Atualmente, é professor da unidade de didática de línguas da Faculdade de Psicologia e das Ciências da Educação da Universidade de Genebra (Suíça). Em sua trajetória de docência, pesquisa e intervenção, tem se dedicado sobretudo à didática de línguas e à formação de professores. Desde o início dos anos 1990 é colaborador do Departamento de Instrução Pública de Genebra, atuando notadamente na elaboração de planos de ensino, ferramentas didáticas e formação de professores.

A Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro: uma contribuição para o desenvolvimento da aprendizagem da escrita

Joaquim Dolz

Faculdade de Psicologia e das Ciências da Educação, Universidade de Genebra (Suíça)
[Tradução e adaptação de Anna Rachel Machado]

Os antigos jogos olímpicos eram uma festa cultural, uma competição em que se prestava homenagem aos deuses gregos. Os cidadãos treinavam durante anos para poderem dela participar. Quando o barão de Coubertin, na segunda metade do século XIX, quis restaurar os jogos olímpicos, ele o fez com esses mesmos ideais, mas também com o de igualdade social e democratização da atividade desportiva.

Os organizadores da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, imbuídos desses mesmos ideais desportivos, elaboraram um programa para o enfrentamento do fracasso escolar decorrente das dificuldades do ensino de leitura e de escrita no Brasil. Ao fazer isso, não imaginaram que, alguns anos depois, a cidade do Rio de Janeiro seria eleita sede das Olimpíadas de 2016. Enquanto se espera que os jogos olímpicos impulsionem a prática dos esportes, a Olimpíada de Língua Portuguesa também tem objetivos ambiciosos.

Quais são esses objetivos? Primeiro, busca-se uma democratização dos usos da língua portuguesa, perseguindo reduzir o “iletrismo” e o fracasso escolar. Segundo, procura-se contribuir para melhorar o ensino da leitura e da escrita, fornecendo aos professores material e ferramentas, como a sequência didática – proposta nos Cadernos –, que tenho o prazer de apresentar. Terceiro, deseja-se contribuir direta e indiretamente para a formação docente. Esses são os três grandes objetivos para melhorar o ensino da escrita, em um projeto coletivo, cuja importância buscaremos mostrar a seguir.


Ler e escrever: prioridades da escola

Ler e escrever são duas aprendizagens essenciais de todo o sistema da instrução pública. Um cidadão que não tenha essas duas habilidades está condenado ao fracasso escolar e à exclusão social. Por isso, o desenvolvimento da leitura e da escrita é a preocupação maior dos professores. Alguns pensam, ingenuamente, que o trabalho escolar limita-se a facilitar o acesso ao código alfabético; entretanto, a tarefa do professor é muito mais abrangente. Compreender e produzir textos são atividades humanas que implicam dimensões sociais, culturais e psicológicas e mobilizam todos os tipos de capacidade de linguagem.

Aprender a ler lendo todos os tipos de texto

Trata-se de incentivar a leitura de todos os tipos de texto. Do ponto de vista social, o domínio da leitura é indispensável para democratizar o acesso ao saber e à cultura letrada. Do ponto de vista psicológico, a apropriação de estratégias de leitura diversificadas é um passo enorme para a autonomia do aluno. Essa autonomia é importante para vários tipos de desenvolvimento, como o cognitivo, que permite estudar e aprender sozinho; o afetivo, pois a leitura está ligada também ao sistema emocional do leitor; finalmente, permite desenvolver a capacidade verbal, melhorando o conhecimento da língua e do vocabulário e possibilitando observar como os textos se adaptam às situações de comunicação, como eles se organizam e quais as formas de expressão que os caracterizam.

Dessa forma, o professor deve preparar o aluno para que, ao ler, aprenda a fazer registros pessoais, melhore suas estratégias de compreensão e desenvolva uma relação mais sólida com o saber e com a cultura. Não é suficiente que o aluno seja capaz de decifrar palavras, identificar informações presentes no texto ou lê-lo em voz alta – é necessário verificar seu nível de compreensão e, para tanto, tem de aprender a relacionar, hierarquizar e articular essas informações com a situação de comunicação e com o conhecimento que ele possui, a ler nas entrelinhas o que o texto pressupõe, sem o




dizer explicitamente, e a organizar todas as informações para dar-lhes um sentido geral. Ele precisa aprender a tomar certo distanciamento dos textos para interpretá-los criticamente e ser capaz de identificar suas características e finalidades. Se queremos que descubra as regularidades de um gênero textual qualquer (uma carta, um conto etc.), temos de fornecer-lhe ferramentas para que possa analisar os textos pertencentes a esse gênero e conscientizar-se de sua situação de produção e das diferentes marcas linguístico-discursivas que lhe são próprias.

Aprender a escrever escrevendo

Entretanto, o que se pretende sobretudo é incentivar a escrita. Por isso, essa Olimpíada acertadamente afirma que estamos em uma “batalha” e para ganhá-la precisamos de armas adequadas, de desenho de estratégias, de objetivos claros e de uma boa formação dos atores envolvidos. Não é suficiente aprender o código e a leitura para aprender a escrever. Escrever se aprende pondo-se em prática a escrita, escrevendo-se em todas as situações possíveis: correspondência escolar, construção de livro de contos, de relatos de aventuras ou de intriga, convite para uma festa, troca de receitas, concurso de poesia, jogos de correspondência administrativa, textos jornalísticos (notícias, editorial, carta ao diretor de um jornal) etc.


Do ponto de vista social, a escrita permite o acesso às formas de socialização mais complexas da vida cidadã. Mesmo que os alunos não almejem ou não se tornem, no futuro, jornalistas, políticos, advogados, professores ou publicitários, é muito importante que saibam escrever diferentes gêneros textuais, adaptando-se às exigências de cada esfera de trabalho. O indivíduo que não sabe escrever será um cidadão que vai sempre depender dos outros e terá muitas limitações em sua vida profissional. O ensino da escrita continua sendo um espaço fundamental para trabalharmos os usos e as normas dela, bem como sua adaptação às situações de comunicação. Assim, consideramos que ela é uma ferramenta de comunicação e de guia para os alunos compreenderem melhor seu funcionamento todas as vezes que levam em



conta as convenções, os usos formais e as exigências das instituições em relação às atividades de linguagem nelas praticadas.

Do ponto de vista psicológico, a escrita mobiliza o pensamento e a memória. Sem conteúdos nem ideias, o texto será vazio e sem consistência. Preparar-se para escrever pressupõe ler, fazer registros pessoais, selecionar informações... atividades cognitivas, todas elas. Mas escrever é também um auxílio para a reflexão, um suporte externo para memorizar e uma forma de regular comportamentos humanos. Assim, quando anotamos uma receita, as notas nos ajudam a realizar passo a passo o prato desejado, sem nos esquecermos dos ingredientes nem das etapas a serem seguidas. Do mesmo modo, quando escrevemos um relato de uma experiência vivida, a escrita nos ajuda a estruturar nossas lembranças.

Do ponto de vista do desenvolvimento da linguagem, escrever implica ser capaz de atuar de modo eficaz, levando em consideração a situação de produção do texto, isto é, quem escreve, qual é seu papel social (jornalista, professor, pai); para quem escreve, qual é o papel social de quem vai ler, em que instituição social o texto vai ser produzido e vai circular (na escola, em esferas jornalísticas, científicas, outras); qual é o efeito que o autor do texto quer produzir sobre seu destinatário (convencê-lo de alguma coisa, fazê-lo ter conhecimento de algum fato atual ou de algum acontecimento passado, diverti-lo, esclarecê-lo sobre algum tema considerado difícil); algum outro objetivo que não especificamos. Deve-se também, para o desenvolvimento da linguagem, planificar a organização do texto e utilizar os mecanismos linguísticos que asseguram a arquitetura textual: a conexão e a segmentação entre suas partes, a coesão das unidades linguísticas que contribuem para que haja uma unidade coerente em função da situação de comunicação. Esses aspectos de textualização dependem, em grande parte, do gênero de texto. As operações que realizamos quando escrevemos uma receita ou uma carta comercial ou um conto não são as mesmas. Mas, independentemente do texto que escrevemos, o domínio da escrita também implica: escolher um vocabulário adequado, respeitar as estruturas sintáticas e morfológicas da língua e fazer a correção ortográfica. Além disso, se tomarmos a produção escrita como um processo e não só como o produto final, temos de levar



em consideração as atividades de revisão, de releitura e de reescrita, que são necessárias para chegarmos ao resultado final desejado.

Escrever: um desafio para todos

Essa Olimpíada lançou um desafio para todos os alunos brasileiros: melhorar as práticas de escrita. Incentivar a participar de um concurso de escrita é uma forma de motivá-los coletivamente. Para que todos possam fazê-lo em igualdade de condições, os materiais disponibilizados pela Olimpíada propõem uma série de situações de comunicação e de temas de redação que antecipam e esclarecem o objetivo a ser alcançado. O papel do professor é indispensável nesse projeto. A apresentação da situação de comunicação, a formulação clara das instruções para a produção e a explicitação das tarefas escolares que terão de ser realizadas, antes de se redigir o texto para a Olimpíada, são condições essenciais para seu êxito. Entretanto, é mais importante ainda o trabalho de preparação para a produção durante a sequência didática. Por meio da realização de uma série de oficinas e de atividades escolares, pretende-se que todos os alunos, ao participar delas, aperfeiçoem o seu aprendizado, colocando em prática o que aprenderão e mostrando suas melhores habilidades como autores.


Só o fato de participar desse projeto já é importante para se tomar consciência do desafio que é a escrita. Entretanto, o real desafio do ensino da produção escrita é bem maior. Assim, o que se pretende com a Olimpíada é iniciar uma dinâmica que vá muito além da atividade pontual proposta neste material. Espera-se que, a partir das atividades da sequência didática, os professores possam começar a desenvolver um processo de ensino de leitura e de escrita muito mais amplo. Sabemos que a escrita é um instrumento indispensável para todas as aprendizagens e, desse ponto de vista, as situações de produção e os temas tratados nas sequências didáticas são apenas uma primeira aproximação aos gêneros enfocados em cada uma delas, que pode ampliar-se aos poucos, pois escrever textos é uma atividade complexa, que envolve uma longa aprendizagem. Seria ingênuo pensar que os alunos resolverão todas as suas dificuldades com a realização de uma só sequência.

A sequência didática como eixo do ensino da escrita

A sequência didática é a principal ferramenta proposta pela Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro para se ensinar a escrever. Estando envolvido há muitos anos na elaboração e na experimentação desse tipo de dispositivo, iniciado coletivamente pela equipe de didática das línguas da Universidade de Genebra, é um prazer ver como se adapta à complexa realidade das escolas brasileiras. Uma sequência didática é um conjunto de oficinas e de atividades escolares sobre um gênero textual, organizada de modo a facilitar a progressão na aprendizagem da escrita.

Cinco conselhos me parecem importantes para os professores que utilizam esse dispositivo como modelo e desenvolvem com seus alunos as atividades aqui propostas:

1. **Fazer os alunos escreverem um primeiro texto e avaliar suas capacidades iniciais.** Observar o que eles já sabem e assinalar as lacunas e os erros me parece fundamental para escolher as atividades e para orientar as intervenções do professor. Uma discussão com os alunos com base na primeira versão do texto é de grande eficácia: o aluno descobre as dimensões que vale a pena melhorar, as novas metas para superar, enquanto o professor compreende melhor as necessidades dos alunos e a origem de alguns dos erros deles.
2. **Escolher e adaptar as atividades** de acordo com a situação escolar e com as necessidades dos alunos, pois a sequência didática apresenta uma base de materiais que podem ser completados e transformados em função dessa situação e dessas necessidades.
3. **Trabalhar com outros textos do mesmo gênero**, produzidos por adultos ou por outros alunos. Diversificar as referências e apresentar um conjunto variado de textos pertencentes a um mesmo gênero, propondo sua leitura e comparação, é sempre uma base importante para a realização de outras atividades.
4. **Trabalhar sistematicamente as dimensões verbais e as formas de expressão em língua portuguesa.** Não se conformar apenas com o entusiasmo que a redação de um texto para participar de uma competição provoca e sempre buscar estratégias para desenvolver a linguagem escrita.

- 
5. **Estimular progressivamente a autonomia e a escrita criativa dos alunos.** Os auxílios externos, os suportes para regular as primeiras etapas da escrita são muito importantes, mas, pouco a pouco, os alunos devem aprender a reler, a revisar e a melhorar os próprios textos, introduzindo, no que for possível, um toque pessoal de criatividade.

Uma chama olímpica contra o “iletrismo”

Pouco me resta a dizer. Primeiro, parabenizar os autores das sequências didáticas. Segundo, expressar toda a minha admiração pela organização da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, que envolve a parceria entre uma entidade governamental, o Ministério da Educação, e uma fundação empresarial, a Fundação Itaú Social, com a coordenação técnica do Cenpec. Terceiro, incentivar professores e alunos a participar desse projeto singular. Que a chama olímpica contra o “iletrismo” percorra esse vasto e magnífico país que é o Brasil. Ensinar a escrever é uma tarefa nobre e complexa que merece o maior dos reconhecimentos sociais.

Nos antigos jogos olímpicos, a chama olímpica se mantinha acesa diante do altar do deus Zeus durante toda a competição. Que a chama da esperança do acesso à leitura e à escrita não se apague. Essa competição todos nós podemos e devemos ganhar!

Introdução ao gênero



Escrita e cidadania

Você é contra ou a favor do incentivo à produção e ao consumo de alimentos transgênicos? E o que você pensa a respeito da igualdade de direitos e deveres para homens e mulheres? Você acha injusto que um negro ou um pobre entre na universidade pública com uma nota menor que a dos candidatos não cotistas? E, a seu ver, que medidas deveriam ser tomadas em relação às populações que moram nas margens da represa que abastece uma cidade? O aumento da criminalidade teria alguma relação com a injustiça social?

Desde a hora em que nos levantamos até a hora em que vamos dormir, essas e outras questões nos instigam, pois envolvem fatos socialmente relevantes: a escassez e a distribuição desigual de alimentos no planeta; o papel e o comportamento do homem e da mulher na sociedade; o “funil” do vestibular e o sistema de cotas para ingresso na universidade; a poluição das águas; ou, ainda, a insegurança cotidiana de nossas grandes cidades.

Como afetam direta ou indiretamente a vida de todos – na cidade, no Estado, no país ou no mundo –, essas e muitas outras questões são de interesse público. Referem-se, em geral, a problemas que demandam soluções mais ou menos consensuais, decisões a serem tomadas, rumos a serem seguidos, valores a serem discutidos e/ou lembrados etc. E a resposta que se der a cada caso afetará a vida de populações inteiras, fechando ou abrindo possibilidades, estabelecendo rumos, fixando parâmetros para as escolhas e ações das pessoas. São, portanto, questões polêmicas: estão em aberto, em processo de ampla discussão social.

Um dos objetivos principais deste Caderno é motivar alunos e professores a (re)conhecer questões polêmicas que atravessam nosso cotidiano. Afinal, entender o que está em jogo em cada caso, perceber “quem é quem”, certificar-se de interesses em disputa, estratégias em ação etc. são formas eficazes de se envolver nas questões que movem a vida em sociedade. Debatê-las, colaborando para a formulação coletiva de respostas, é parte da vida política cotidiana numa sociedade democrática. É parte, portanto, do pleno exercício da cidadania.

É nesse âmbito do interesse público e da construção da cidadania que o jornalismo se movimenta. As matérias dos mais diferentes veículos ditos “de imprensa” – jornais, revistas, *sites*, telejornais etc. – pretendem nos contar *o que acontece* à nossa volta. Analisar e comentar esses fatos faz parte dessa função tipicamente jornalística, que é oferecer ao público em geral um retrato o mais fiel possível da realidade, colaborando para sua análise, discussão e transformação.

Retratar a realidade e contribuir para a reflexão a seu respeito são, portanto, as duas intenções básicas do jornalismo. De forma geral, as matérias não assinadas, especialmente a notícia, procuram nos dar, na medida do possível, uma descrição objetiva e imparcial dos fatos que relatam. Já as matérias assinadas, como os editoriais, os artigos de opinião, as críticas, as resenhas, as grandes reportagens etc., se esforçam para analisar e discutir esses mesmos fatos.

Assim, matérias jornalísticas como a notícia apresentam-se ao público como “anônimas” e “neutras”. Não possuem marcas claras de autoria, como o verbo em primeira pessoa e ideias ou preferências individuais; por isso mesmo, evitam emitir opiniões explícitas, assumir um ponto de vista. Na notícia, é como se os fatos falassem por si: “Aconteceu, virou *Manchete*”, dizia, muito sintomaticamente, a publicidade de uma revista semanal já fora de circulação. Evidentemente, fatos não falam por si. Portanto, toda matéria jornalística, por mais objetiva e imparcial que se pretenda, manifesta uma versão particular dos fatos. Basta ler a mesma notícia publicada em diferentes veículos de imprensa para se dar conta disso. Seja como for, o foco do interesse, numa matéria não assinada, é a informação, e não o que determinada pessoa ou órgão de imprensa pensa a respeito dela.



Já as matérias assinadas, como o próprio nome indica, são autorais. Os fatos chegam ao público “filtrados” pelo ponto de vista do articulista (autor do artigo), que opina sobre eles, comentando, discutindo, avaliando etc. E quem as lê quer saber, com muita clareza, *o que* quem escreve pensa a respeito de determinado assunto, bem como *por que* pensa nesses termos, e não em outros.



Articulistas

São profissionais ou especialistas que escrevem matérias assinadas (autorais) sobre algum assunto que está sendo discutido na mídia impressa, internet ou televisão. No caso particular do artigo de opinião, o articulista é convidado por uma empresa jornalística para escrever porque é reconhecido, tanto por ela como pelos leitores, como alguém que tem uma contribuição própria relevante para o debate. Por isso mesmo, nem sempre sua opinião coincide com a do veículo para o qual escreve. E é por esse motivo que ele assina o artigo, responsabilizando-se pessoalmente pelo que diz. A assinatura revela sua identidade, que se completa com seu currículo, geralmente inserido no final da matéria.

Este Caderno trabalha com um dos gêneros mais conhecidos de matéria assinada: o **artigo de opinião**. Ele pode ser publicado em jornais, revistas ou internet; e é assinado por um articulista que, jornalista profissional ou não, normalmente é uma autoridade no assunto ou uma “personalidade” cujas posições sobre questões debatidas publicamente interessam a muitos. É o que explica a relativa frequência com que celebridades da cultura *pop*, por exemplo, são convidadas a se pronunciar sobre o que pensam a respeito de questões sobre educação, saúde pública etc., mesmo quando estão longe de ser especialistas no assunto. Não por acaso esse conjunto de protagonistas dos debates públicos faz parte de um grupo a que se dá o nome de “formadores de opinião”.

Sem as questões polêmicas de que já falamos, não existe artigo de opinião. Elas geram discussões porque há diferentes pontos de vista circulando sobre os assuntos que as envolvem. Assim, o articulista, ao escrever, assume posição própria nesse debate, procurando justificá-la. Afinal, argumentos bem fundamentados têm maior probabilidade de convencer os leitores.

Ao escrever seu artigo, o articulista toma determinado acontecimento, ou o que já foi dito a seu respeito, como objeto de crítica, de questionamento e até de concordância. Ele apresenta seu ponto de vista inserindo-o na história e no contexto do debate de que pretende participar. Por isso mesmo tende a incorporar ao seu discurso a fala dos participantes que já se pronunciaram a respeito do assunto, especialmente os mais marcantes.

Aprender a ler e a escrever esse gênero na escola favorece o desenvolvimento da prática de argumentar, ou seja, anima a buscar razões que sustentem uma opinião ou tese. O tema do concurso – “O lugar onde vivo” – estimula a participação nos debates da comunidade, ajuda a formar opinião sobre questões relevantes e a pensar em como resolvê-las. Portanto, escrever artigos de opinião pode ser um importante instrumento para a formação do cidadão.



O tempo das oficinas

Cada oficina foi organizada para tratar de um tema, um assunto. Algumas poderão ser realizadas em uma ou duas aulas; outras levarão três ou quatro. Por isso, *é essencial que você, professor, leia todas as atividades antecipadamente*. Antes de começar a trabalhar com os alunos, é preciso ter uma visão do conjunto, de cada etapa e do que se espera que eles produzam ao final.

Aproprie-se dos objetivos e estratégias de ensino, providencie o material e estime o tempo necessário para que sua turma faça o que foi proposto. Registre suas observações.

Enfim, é preciso planejar cada passo, pois só você, que conhece seus alunos, conseguirá determinar qual a forma mais eficiente de trabalhar com eles. Comece o quanto antes; assim, terá mais tempo para desenvolver as propostas e acompanhar o “Cronograma de atividades”, calendário que deverá ser afixado na sala dos professores e consultado regularmente.





oficina



Argumentar é preciso?

▶ objetivos

- Discutir o papel da argumentação.
- Conhecer a proposta de trabalho.

▶ prepare-se!

Você está iniciando a primeira oficina desta sequência didática. Provavelmente já leu todo o Caderno, tem uma visão do conjunto, de cada etapa e do que se espera que os alunos produzam ao final. O primeiro passo é a análise de uma notícia.

material

- ▶ Coletânea de artigos de opinião (PDF)
- ▶ kraft ou cartolina
- ▶ Caderno (será seu Diário da Olimpíada)

1ª etapa

Uma notícia

O objetivo desta oficina é refletir sobre o papel que o bom uso da palavra, o debate e a argumentação podem desempenhar na resolução de conflitos e na tomada de decisões coletivas. Para essa atividade, os alunos lerão uma notícia sobre um caso de violência envolvendo dois ciclistas e um motorista, numa via pública de Fortaleza, Ceará.

A importância de participar

Lembre-se de que as atividades deste Caderno foram planejadas para abordar alguns dos conteúdos de ensino de língua portuguesa. Todos os alunos devem participar das oficinas, pois poderão alcançar uma escrita mais aprimorada, ainda que não tenham seus textos selecionados para as próximas etapas.



atividades

- ▷ Divida os alunos em grupos e informe-os de que vão entrar em contato com uma notícia. Leia para eles a manchete: “Ciclistas denunciam agressão de motorista em discussão de trânsito no Bairro Aldeota”, instigue-os com perguntas:
 - ▶ **Que agressão esses ciclistas poderiam ter sofrido? E o motorista, teria sido agredido, também? Por quê?**
 - ▶ **O que um fato tão comum como esse teria a ver com os objetivos de uma oficina chamada “Argumentar é preciso”?**
- ▷ Solicite aos alunos que anotem as respostas, para uma conversa posterior. E só então peça-lhes que leiam a notícia.
- ▷ Na sequência, proponha-lhes uma discussão sobre os fatos reportados. As questões relacionadas nas páginas 29 e 30 podem ajudar na condução desse debate.

Ciclistas denunciam agressão de motorista em discussão de trânsito no Bairro Aldeota

Os ciclistas registraram BO relatando agressão. O motorista reconhece que se excedeu, após presenciar os ciclistas “furando” sinal vermelho

Já passava das 22h30, quando um casal de ciclistas pedalava no Bairro Aldeota, em Fortaleza. Eles retornavam para casa e, ao passar pelo cruzamento das ruas José Lourenço com Dom Expedito, afirmam terem sido abordados por um motorista de carro na noite da última quinta-feira (15). Depois do episódio, a dupla se dirigiu ao 2º Distrito Policial, para registrar um **boletim de ocorrência** contra o suposto agressor.

“Estávamos em um grupo de quatro ciclistas, mas um de nós ficou no sinal da Avenida Padre Antônio Tomás. Resolvemos seguir, com uma de nós mais à frente. Para acompanhar o ritmo dessa amiga que ia mais à frente, passamos o sinal vermelho, virando à direita juntamente com o motorista que vinha. Mas, ainda enquanto fazíamos a conversão, ele já baixou o vidro e começou a falar de forma agressiva, puxando o carro para o lado, imprensando as bicicletas contras os carros estacionados”, conta uma das vítimas.

O motorista, identificado como J. M. M., relatou a sua versão em sua página, em uma rede social, nesta sexta-feira (16). Ele cita que houve agressão mútua e apontou o mau comportamento dos ciclistas. “No meio do cruzamento, me deparei com um casal que vinha de bicicleta pelo meio da rua descendo a José Lourenço, cruzando o sinal que estava vermelho para eles. Diminuí, desviei e avisei aos dois que o sinal estava verde para mim. Eles me mandaram para merda (*sic*) com cara feia, como se eu estivesse errado. Eu, ainda calmo, perguntei se era assim que eles queriam ser respeitados no trânsito. Eles novamente me xingaram e mandaram eu me f... (*sic*), exigindo que eu saísse da frente deles, com palavras ostensivas: SAI FORA!!!”, declara o motorista.

A mulher contradiz o relato e afirma que foi o motorista quem iniciou as agressões. “Pegou a bicicleta do meu amigo, jogou no chão e bateu nele. Eu, que consegui escapar da investida, pude ver a placa do carro e comecei a gritar para que alguém anotasse”, disse.

Ela conta que, nesse momento, a atenção do motorista mudou. “Ele retornou ao carro e dirigiu em minha direção, **jogando o veículo para cima de mim**. Desceu novamente do carro e bateu com a mão na minha cabeça para tirar o boné que eu usava”, acrescenta.

O motorista informa só ter agredido o rapaz e aponta que, quando se dirigiu à mulher para evitar a gravação, apenas tentou **tomar o celular das mãos dela**. “Fui novamente para cima do rapaz. Ia fazer uma besteira, Deus foi mais! O máximo que eu consegui foi dar um chute nele, porque ele corria. Em uma atitude impensada, joguei a bicicleta dele no chão e fui embora. Ela continuou gritando e me instigando, me filmando. Me irritei e tentei tomar o celular dela”, completa.

De acordo com o relato da vítima, a dupla viu o motorista entrar novamente no carro e ir embora. “Mas **ele parou na esquina da Rua Padre Valdevino**. Peguei o celular para registrar o que estava acontecendo, ouvir as pessoas que estavam ali assistindo a tudo. Acho que ele viu que eu estava filmando e saiu do carro, correndo em direção a mim novamente, exigindo que eu parasse de filmar.”

João conta que teve seu carro seguido por alguns metros e, por isso, parou o veículo para confrontar o ciclista. “Ele empurrou a bicicleta contra mim e, quando fui empurrá-lo, ele a usava de escudo. Enquanto isso, ela me cercava gritando um número de um artigo que não recordo qual, vindo para cima de mim como se estivesse me dando voz de prisão, se aproveitando de que era mulher, me incitando para ver se eu tinha coragem de agredi-la”, explica no texto.

A mulher relata que sofreu mais agressões, que **incluiram socos nas costas**, e que teve sua bicicleta novamente arremessada ao chão. “Ainda não acredito no que aconteceu. **Foi uma agressão arbitrária, já que não fizemos nada contra ele**. Independente de termos atravessado o sinal vermelho, poderíamos compartilhar a pista, até porque já era tarde, o fluxo era pequeno”, comenta.

Apesar do acontecido, a ciclista não pretende aposentar a magrela, e se diz ainda mais estimulada a lutar pelos direitos dos ciclistas urbanos. “Uso a bicicleta todos os dias, é meu meio de transporte e não vai ser isso que vai me fazer parar. Na verdade, estou ainda mais animada de continuar pedalando. É uma pena que ainda existem pessoas que não acreditam que possa existir uma convivência pacífica entre bicicletas e carros, mas acredito que isso vai acontecer em breve”, almeja.

“Agredir gratuitamente uma pessoa na rua nunca pode se tornar algo banal, e existem aí questões mais profundas.” (ciclista vítima da agressão)



Quanto ao amigo que também foi agredido, ela tem poucas notícias. “Não consegui encontrá-lo ainda, mas pelo pouco que nos falamos, sei que ele está bem, o dano foi mais na bicicleta”, explica. O mesmo vale para ela, que **ainda sofre com as dores de cabeça** causadas pela agressão. “Fui ao médico e está tudo bem. Ainda sinto dores no corpo, mas o maior trauma é emocional e psicológico.”

A vítima diz não se arrepender da **denúncia** e aponta a importância da discussão civilizada sobre temas sociais. “É preciso denunciar para que a nossa sociedade aprenda a discutir de forma civilizada essas questões. Agredir gratuitamente uma pessoa na rua nunca pode se tornar algo banal, e existem aí questões mais profundas, como a agressão contra a mulher, que deve, sim, ser apontada e discutida.”

“Agi de cabeça quente! É muito complicado, mas só quem pode julgar é Deus e a Justiça!” (João Mário Martin)

Em seu texto, João **se desculpa e assume o erro cometido**. “Estar indo para casa descansar e ser xingado sabendo que estava certo me subiu à cabeça. Se um chute caracteriza uma agressão, que me processem, assumo o que fiz e estou disposto a arcar com as consequências. Agora peço que entendam meu lado, cometi um erro, mas não fui o único agressor! Não justifico meu erro! Agi de cabeça quente! É muito complicado, mas só quem pode julgar é Deus e a Justiça.” João finaliza com o apelo. “Tomem as atitudes legais e parem de me crucificar e julgar meu trabalho! Por favor me deixem em paz!” O **Tribuna do Ceará** não conseguiu um contato com o motorista.

Tribuna do Ceará. Fortaleza, 17 de outubro de 2015.
Disponível em <<http://tribunadoceara.uol.com.br/noticias/mobilidadeurbana/ciclistas-denunciam-agressao-de-motorista-em-discussao-de-transito-no-bairro-aldeota>>.



Questões possíveis:

1. Depois de lida a notícia, como cada aluno responderia à pergunta inicial sobre a relação entre esse caso de agressão e os objetivos desta oficina?

Espera-se que os alunos percebam claramente a relação entre a briga de trânsito noticiada pelo jornal cearense e a reflexão aqui proposta; e que, com a sua ajuda e mediação, reflitam coletivamente sobre o papel que o debate e a argumentação podem ter na resolução de conflitos. Expliquem-lhes, então, que essa primeira etapa da oficina consistirá na discussão do fato em questão.

2. De acordo com as informações fornecidas pela notícia, qual foi o motivo mais provável da agressão?

Com base nas informações fornecidas pela notícia, pode-se concluir que o motorista se enfureceu com o fato de os ciclistas terem ultrapassado o sinal vermelho no momento exato em que ele atravessava corretamente o cruzamento.

3. Segundo a ciclista que denunciou o motorista, “independente de termos atravessado o sinal vermelho, poderíamos compartilhar a pista, até porque já era tarde, o fluxo era pequeno”. Considerando esse argumento e levando em conta, ainda, a desigualdade de condições entre o motorista e os ciclistas, você acha que a reação do motorista foi a mais adequada? Por quê?

É bastante frequente, em confrontos desse tipo, que a discussão gire em torno das regras de trânsito: quem teria sido o infrator? No caso em jogo, “vítimas” e “agressor” concordam que as “vítimas” cometeram uma infração perigosa, ao desrespeitar o sinal vermelho. O “pomo da discórdia”, portanto, é outro: a (in)adequação da reação do motorista. Qual teria sido o “dano” a ele causado pelos ciclistas? Caberia a ele “punir” os infratores? É justo pôr a vida de terceiros em risco, como resposta a uma suposta agressão? A violência empregada se justificaria?

4. Todos sabemos do estresse cotidiano vivido pelas populações das grandes e médias cidades do País. Em que trechos da notícia se faz alusão a essas fortes tensões? Qual parece ser o papel desse dia a dia difícil, nos acontecimentos reportados?

Espera-se que os alunos identifiquem facilmente, nos argumentos do motorista, as alusões a um dia cansativo de trabalho (ele estava voltando para a casa tarde da noite; ficou de “cabeça quente” com a situação). É possível inferir, também, um cotidiano opressivo, já que a reação dos ciclistas à sua atitude intimidadora é percebida como uma “injustiça” cometida contra quem “estava certo”. Nesse sentido, a revolta do motorista é compreensível. No entanto, o alvo parece equivocado; e os meios empregados, totalmente desproporcionais.

5. No trânsito, é muito comum que o “mais forte” se valha de uma vantagem circunstancial para constranger e/ou colocar em risco o “mais fraco”. Assim, motoristas se sentem, no volante, autorizados a intimidar e assustar pedestres, ciclistas e motoqueiros; enquanto motoristas de ônibus e caminhões desrespeitam e/ou ameaçam motoristas de veículos menores.

Pergunte aos alunos se reconhecem, nessas afirmações, um traço recorrente do trânsito, tanto nas cidades quanto nas estradas. Como é muito provável que a resposta seja positiva, peça a eles que deem exemplos recentes e discutam a situação específica de sua cidade.

6. Debata com eles a (in)adequação e as consequências dessa atitude no trânsito.

Procure evidenciar, ao longo da discussão, o quanto esse tipo de atitude:

- transforma o que não passa de uma circunstância momentânea numa “vantagem” ou “desvantagem” pessoal;
- substitui as leis e normas de trânsito pela “lei do mais forte”;
- prejudica a construção de uma ética voltada para o bem comum.

7. Diante de fatos desse tipo, o que é possível fazer para evitar a violência?

Uma forma eficaz de combatê-la e evita-la é o debate aberto, constante e sistemático sobre:

- as dificuldades a serem contornadas no convívio cotidiano, nas cidades;
- a conduta no trânsito, em especial.

2ª etapa

Produção de jornal mural

Uma forma de promover o diálogo e o debate na escola é fazer um jornal mural. Esse jornal pode consistir em um grande cartaz (de folhas de papel *kraft* ou cartolina, por exemplo) pregado numa parede da sala de aula ou em local estratégico da escola.

Entre outras coisas, esse tipo de suporte pode ser utilizado para: noticiar fatos de interesse geral, ocorridos dentro e fora da escola; e comentar e questionar esses fatos, estimulando o debate, ajudando a formar opiniões e produzindo consensos que desestimulem a violência. Funciona, portanto, como um porta-voz eficiente das múltiplas opiniões que se confrontam, dentro da escola, a respeito dos mais diferentes assuntos. Nesse sentido, convém não se esquecer de incluir, no corpo do jornal mural, um espaço para manifestações dos leitores.

O jornal mural pode ser complementado pela criação coletiva de um *blog* e/ou de página(s) em redes sociais, com o objetivo de tornar públicas as posições da turma no debate sobre diferentes temas

atividades

- ▷ Peça aos alunos que, com base na discussão efetuada na primeira etapa, selecionem uma notícia recente sobre agressão no trânsito e produzam individualmente, a respeito, uma matéria assinada, destinada a um jornal mural. A matéria deverá:
 - ▷ referir-se aos fatos relatados na notícia;
 - ▷ chamar a atenção para a irritabilidade e a intolerância envolvidas nas agressões;

- ▷ fazer questionamentos do ponto de vista ético; entre outros possíveis: “Uma atitude hostil contra pedestres, ciclistas, motoqueiros e/ou outros motoristas seria justificável, no trânsito?”; “Como agressões desse tipo chegam a ocorrer?”; “Podemos/devemos conviver com esse tipo de comportamento (chame a atenção para a diferença entre “compreensível” e “justificável”, nas atitudes)?”;
- ▷ opinar a respeito da notícia, apontando alguma forma de opor-se às hostilidades e combatê-las, como, por exemplo: “Aulas de educação para o trânsito nas escolas”; “fiscalização mais frequente nos locais de maior incidência de conflitos”; “policiais treinados para lidar com essas situações e conversar com os envolvidos” etc.
- ▷ Em seguida, peça aos alunos que troquem entre si os textos produzidos e peça-lhes que os leiam fora do horário de aula. Assim, todos tomarão conhecimento das opiniões dos colegas e isso instigará o debate. Oportunamente, os textos mais representativos poderão ser expostos no jornal mural da sala ou da escola.

3ª etapa

O poder da argumentação

atividades

- ▷ Como forma de concluir a reflexão, peça aos alunos que debatam entre si qual o valor que a argumentação pode ter na condução da vida pública de uma comunidade, de uma cidade, de um Estado ou de um país, bem como no cotidiano das pessoas, especialmente em situações que parecem difíceis. Para tanto, leia e discuta com eles o texto ao lado.

Argumentar em situações difíceis

O que é uma “situação difícil”? Em geral é uma situação que se caracteriza pela violência indesejada que carrega. Apesar de inúmeros progressos realizados com relação a essa questão, a violência continua enraizada no cerne de nossas vidas diárias. [...]

Diante de uma situação difícil, de uma violência que atravessa nosso caminho, temos apenas três opções à nossa disposição:

- recorrer à violência;
- fugir;
- tomar a palavra, tentar argumentar a fim de defender nossas posições e, ao mesmo tempo, pacificar a situação.

Philippe Breton. *Argumentar em situações difíceis*. Barueri: Manole, 2005.



- ▷ Ao discutir esse texto, chame a atenção dos alunos para o fato de que “tomar a palavra” com o objetivo de “pacificar uma situação” envolve *ouvir* o interlocutor e *acolher* seus motivos. Na notícia sobre a briga de trânsito em Fortaleza, o motorista reconhece seu erro; mas pede que o “entendam” (reconheçam o contexto adverso em que se via) e não o julguem nem o “crucifiquem”. Nesse sentido, podemos dizer que uma boa argumentação deve favorecer a expressão de sentimentos e paixões associados às atitudes em jogo, ao mesmo tempo que introduz a “ordem das razões” como instrumento comum para o diálogo. Por isso mesmo, deve evitar julgamentos, repreensões e, mais ainda, revides.
- ▷ Caso você disponha de algum tempo, leia antes o livro de Breton; ou o artigo “Como conversar com um fascista”, da filósofa Márcia Tiburi, disponíveis em <<http://revistacult.uol.com.br/home/2015/05/como-conversar-com-um-fascista/>>; e exponha aos alunos a aposta de ambos os autores no poder do diálogo e da argumentação como antídotos para a violência e a intolerância. Essas ideias poderão subsidiar todo o seu trabalho com o artigo de opinião, ao longo das oficinas.
- ▷ Ao final desse percurso, peça aos alunos que anotem suas conclusões e promova uma apresentação oral dos resultados, seguida de discussão coletiva. Procure salientar os pontos comuns e as eventuais divergências. Se achar que vale a pena, sugira aos alunos que transformem essas notas em uma matéria sobre a importância da argumentação que possa “abrir” o jornal mural e/ou o *blog* da turma.



Buscando sentido

Para ler um texto, não basta identificar letras, sílabas e palavras; é preciso buscar o sentido, compreender, interpretar, relacionar e reter o que for mais relevante.

Quando lemos algo, temos sempre um objetivo: buscar informação, ampliar o conhecimento, meditar, entreter-nos. O objetivo da leitura é que vai mobilizar as estratégias que o leitor vai utilizar. Sendo assim, ler um artigo de jornal é diferente de ler um romance, uma história em quadrinhos ou um poema.

Ler textos traz desafios para os alunos. Para vencê-los é fundamental a mediação de um professor que deve ajudá-los a gradativamente compreender diferentes gêneros textuais por meio da leitura individual e autônoma. Algumas estratégias podem facilitar essa conquista, uma delas é a leitura expressiva feita pelo professor; outra, ouça os áudios disponíveis no Portal.

Contudo, ouvir textos lidos em voz alta não pode substituir a leitura dos alunos, pois são jeitos diferentes de conhecer um mesmo texto. Além disso, é papel da escola desenvolver habilidades de leitura.



4ª etapa

A Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro

atividades

- ▷ Converse com a turma a respeito da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro. Diga-lhes que não vão escrever um texto argumentativo qualquer, mas um **artigo de opinião**, um tipo de matéria jornalística cujas características eles irão conhecer ao longo das oficinas.
- ▷ Explique-lhes que, para escrever um bom artigo, terão de fazer uma série de oficinas, nas quais vão aprender muitas coisas que os ajudarão a escrever o texto. Os conhecimentos adquiridos contribuirão para que tenham o que dizer e como dizer, com autoridade suficiente para ocupar a posição de articulista e produzir textos do gênero Artigo de opinião.



Palavras que o vento não leva

O registro é muito importante para você aperfeiçoar o seu trabalho. Ele nos ajuda a fazer questionamentos e descobrir soluções que nos fazem crescer. No entanto, é mais uma tarefa. Mesmo assim, precisamos desenvolver essa prática e vencer a falta de tempo.

Anote, no seu Diário da Olimpíada, as atividades desenvolvidas, suas impressões e dificuldades e as reações do grupo. Como diz a educadora Madalena Freire (1996): “O registrar de sua reflexão cotidiana significa abrir-se para seu processo de aprendizagem”.

O professor de aluno semifinalista da Olimpíada deverá, com base em seus registros, apresentar por escrito o relato de experiência e percurso vivido em sala de aula.



2 oficina





Os movimentos da argumentação

▶ objetivos

- Tomar contato com o artigo de opinião.
- Estabelecer uma definição de argumentação.

▶ prepare-se!

Qual a diferença entre argumentar e opinar?
Antes de começar a trabalhar com os alunos, leia as definições que estão nesta oficina. Você precisa se apropriar desses termos para ensiná-los.

- ▶ Coletânea de artigos de opinião (PDF)
- ▶ Jornais e revistas que contenham artigos de opinião



1ª etapa

Artigos de opinião: onde circulam, quem escreve, para que leitores, com que objetivo

atividades

- ▷ Divida a classe em grupos e apresente os artigos da Coletânea. Peça-lhes que escolham um dos artigos para ser lido. Para cada artigo selecionado, o grupo deverá responder às seguintes perguntas:
 - ▶ **Em que veículo o texto foi publicado?**
É bastante conhecido do público?
 - ▶ **Que tipo de autor o escreveu?**
Além do nome, há mais informações sobre ele?
 - ▶ **Qual é o assunto principal abordado pelo texto?**
É atual ou ultrapassado em relação à data de publicação?
Parece relacionado a alguma notícia do mesmo período?
 - ▶ **Para que tipo de leitor o artigo se dirige?**
Que importância essas informações podem ter para esse leitor?
 - ▶ **Com que finalidade esse assunto é abordado?**
 - ▶ **Considerando que se trata de textos argumentativos, que ideia ou tese o autor parece defender?**
Com que argumentos?

- ▷ Após recolher as respostas dos alunos, mostre-lhes algumas características dos artigos de opinião:
 - ▷ costumam circular em veículos tipicamente jornalísticos e de grande penetração popular: jornais impressos, revistas, *sites* de notícias etc.;
 - ▷ geralmente são escritos por especialistas num determinado assunto, pessoas publicamente reconhecidas por suas posições, por exemplo, autoridades;
 - ▷ abordam assuntos e/ou acontecimentos polêmicos atuais, recentemente noticiados e de interesse público;
 - ▷ dirigem-se a um leitor que o jornal considera como potencialmente envolvido no debate, na qualidade de cidadão;
 - ▷ têm como finalidade defender uma opinião ou tese, a qual é apresentada com base em argumentos coerentes.

2ª etapa

Argumentação

atividades

- ▷ Uma vez identificadas as principais características dos artigos de opinião, aprofunde a explicação sobre o que seja discurso argumentativo.
- ▷ Com os resultados obtidos na 1ª etapa, proponha aos alunos um debate sobre o que é “argumentação”, até chegar a uma definição coletiva.

Você poderá enriquecer a discussão com outras informações a respeito do que é argumentar.

Argumentar é uma *ação verbal* na qual se utiliza a palavra oral ou escrita para defender uma tese, ou seja, uma opinião, uma posição, um ponto de vista particular a respeito de determinado fato.

Quem argumenta, como a própria palavra sugere, se vale de argumentos, que nada mais são que razões, verdades, fatos, virtudes e valores (éticos, estéticos, emocionais) tão amplamente reconhecidos que, justamente por isso, servem de alicerce para a tese defendida.

Assim como num jogo, quem argumenta faz suas “jogadas” para se sair vencedor: entre outras coisas, afirma, nega, contesta, explica, promete, profetiza, critica, dá exemplos, ironiza. E todas essas jogadas estão a serviço da criação de um clima favorável à adesão do público às posições defendidas. A cada “lance”, o argumentador se esforça para comprovar que está indo pelo caminho certo; caso contrário, perderá credibilidade e será vencido.

Um auditório é o conjunto dos que assistem a um debate, acompanham ou se interessam potencialmente pelo assunto em questão. Nos grandes debates, ele é o representante da *opinião pública*. Por isso mesmo, a função do auditório é frequentemente decisiva para o debate. Quando alguém escreve uma carta a um jornal, por exemplo, argumentando contra uma posição defendida em determinada matéria, está querendo convencer, antes de tudo, o conjunto dos leitores, ou seja, o auditório.

Todo jogador desenvolve estratégias, isto é, um plano e um estilo próprios de ação verbal para, por meio deles, vencer o adversário. No jogo argumentativo, entretanto, é preciso convencer, ou seja, vencer com a ajuda de todos, que precisam aderir à tese, graças à eficiência das estratégias e à força dos argumentos. Daí o valor social da argumentação, na medida em que se trata de uma vitória coletiva.

Argumentação

Pode-se definir a argumentação como a ação verbal pela qual se leva uma pessoa e/ou todo um auditório a aceitar uma determinada tese, valendo-se, para tanto, de recursos que demonstrem a consistência dessa tese. Esses recursos são as verdades aceitas por uma determinada comunidade, assim como os valores e os procedimentos por ela considerados corretos ou válidos. Dessa forma, argumentação é um termo que se refere tanto a esse *ato de convencimento* quanto ao *conjunto de recursos* utilizados para realizá-lo.

Por isso mesmo, a argumentação sempre parte de um objetivo a ser atingido (a adesão à tese apresentada) e lança mão de um conjunto de estratégias próprias para isso, levando em conta aquilo que faz sentido para quem lê ou ouve. Daí a importância de conhecer-se o leitor ou o ouvinte; afinal, o argumento que funciona muito bem para um grupo de estudantes adolescentes não terá o mesmo efeito sobre uma comunidade de senhoras católicas – e vice-versa.

Egon de Oliveira Rangel. *O processo avaliatório e a elaboração de "protocolos de avaliação"*.
Brasília: Semtec/MEC, 2004. (Adaptado)

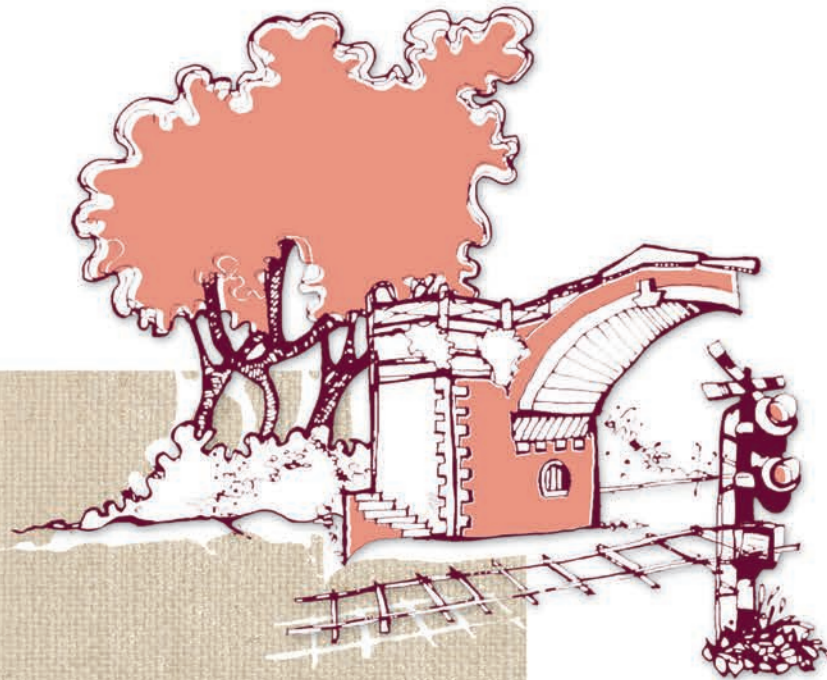


3ª etapa

Artigos de opinião nos jornais

atividades

- ▷ Leve para a classe um jornal que tenha pelo menos uma coluna de opinião.
- ▷ Peça à turma que procure em que parte do jornal encontra-se o artigo de opinião. Isso possibilitará aos alunos o aprendizado de como o gênero é graficamente apresentado em um de seus veículos mais típicos – o jornal impresso. Além disso, permitirá que você explore com eles as diferenças entre as várias seções e seus gêneros próprios: matérias assinadas e não assinadas; texto opinativo e não opinativo; o que é informação pura e o que está condicionado a uma visão particular ou específica do mundo etc.



- ▷ Ajude-os a perceber que o jornal procura delimitar claramente os territórios em que as matérias são opinativas e, com isso, dá a entender que as demais são neutras e imparciais. Discuta até que ponto esse pressuposto se confirma.
- ▷ Leia com a classe o artigo selecionado e retome a conversa sobre as características próprias do artigo de opinião, como fizeram na 1ª etapa, enfatizando que o articulista levanta uma questão polêmica de acordo com o ponto de vista dele. A finalidade é apresentar uma posição e argumentar a favor dela, mostrando aos leitores por que devem concordar com o autor. Por isso, o tom é de convencimento, ou seja, o texto é argumentativo.
- ▷ Considerando o artigo lido, proponha aos alunos que reflitam e instigue-os com perguntas:
 - ▶ **Qual é a questão polêmica que o artigo discute?**
 - ▶ **Como o autor a retoma em seu texto?**
Como se refere ao debate de que pretende participar?
 - ▶ **Para que tipo de leitor ele se dirige?**
Que aspectos do texto remetem a esse leitor?
 - ▶ **Que posição, ou tese, o autor defende?**
 - ▶ **Que argumentos são utilizados para defender e/ou fundamentar essa tese?**

oficina





Informação *versus* opinião

▶ objetivo

- Relacionar e diferenciar notícia de artigo de opinião.

▶ prepare-se!

Vocês analisarão duas charges, uma notícia e um artigo de opinião que abordam práticas, usos e/ou aspectos negativos da internet.

Nesta Oficina vamos debater práticas, usos e/ou aspectos negativos da internet. O tema tem sido cada vez mais debatido, seja em função de episódios internacionais recentes de espionagem eletrônica de autoridades, empresas e governos, seja pelos resultados de pesquisas acadêmicas sobre o impacto da internet na vida cotidiana dos cidadãos. Atualize-se a respeito, lendo notícias e artigos de jornais. Algumas dicas:

1. *Observatório da Imprensa* (<http://observatoriodaimprensa.com.br>), ONG brasileira especializada na análise do comportamento da mídia, em especial a jornalística. Usando o buscador do próprio *Observatório*, você poderá ter acesso a matérias sobre fotos e vídeos adulterados, cada vez mais comuns na internet. Por exemplo, a matéria “Como identificar fotos e vídeos adulterados” (<http://observatoriodaimprensa.com.br/curadoria-de-noticias/com-identificar-fotos-e-videos-adulterados>).
2. “O lado negro do Facebook”, matéria de capa da revista *Superinteressante*, edição 348, de junho de 2015. Sintetizando pesquisas internacionais, a revista aponta o efeito psicológico negativo das redes sociais sobre o psiquismo dos usuários.
3. *Caiu na rede, é peixe*, livro organizado por Cora Rónai (Rio de Janeiro: Agir, 2005). A obra reúne 67 textos literários de larga circulação na internet, falsamente atribuídos a autores como Millôr Fernandes e Carlos Drummond de Andrade, discutindo essa prática de desinformação, comum na mídia eletrônica.

1ª etapa

Charge, tirinha e notícia

atividades

- ▷ Com o objetivo de ampliar conhecimentos prévios a respeito do tema, pergunte aos alunos se acompanham as discussões que se têm produzido nas mídias, inclusive as digitais, sobre as vantagens e desvantagens da internet para as relações entre as pessoas, a pesquisa de informações confiáveis, o debate e a produção social de conhecimentos. Caso a familiaridade da turma com essa preocupação social seja pequena, faça uma breve explanação a respeito. Nesse momento, as leituras sugeridas na página anterior podem lhe prestar bons serviços!
- ▷ Após essa primeira explanação, divida a classe em grupos e apresente a Coletânea. Peça-lhes que leiam e discutam a **tirinha** e a **charge** que seguem.

Tirinha



Disponível em <<http://www2.uol.com.br/laerte/tiras/>>.

A tirinha é de **Laerte Coutinho**. Nascido em São Paulo em 1951, Laerte é um dos mais importantes quadrinistas brasileiros. Em coautoria com dois amigos, Angeli e Glauco, publicou as tiras *Los três amigos*. Lançou uma revista em quadrinhos própria, *Piratas do Tietê* e criou personagens inesquecíveis, como o Hugo Baracchini desta historieta, um homem urbano sempre às voltas com problemas típicos da vida contemporânea.

Charge



Disponível em <https://www.google.com.br/search?q=charges+sobre+internet&hl=pt-BR&rlz=1T4MXGB_pt-BRBR511BR511&tbn=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwi9p4H2_6TJAhWMJZAKHUwjBEUQsAQIHA&biw=1536&bih=730>.

O autor da charge é **Eduardo dos Reis Evangelista**, Duke, como se tornou conhecido, nasceu em 1973, e é de Belo Horizonte, Minas Gerais. Assina as charges diárias dos jornais *O Tempo* e *Super Notícia*, mantendo, ainda, o site <<http://dukechargista.com.br>>, onde você poderá apreciar outras charges, caricaturas e tirinhas de sua autoria. Em 2009, recebeu o troféu HQMIX como melhor cartunista brasileiro de 2008.

▷ Para favorecer a compreensão e instigar a discussão, você pode fazer perguntas como:

- ▶ **O que há de comum entre a tirinha e a charge?**
- ▶ **Espera-se que os alunos percebam que ambas têm em comum uma posição crítica em relação à internet.**
- ▶ **Como poderíamos parafrasear cada uma delas? Sugestões:**
 1. Na tirinha
 - a) O cibernauta incauto acaba comprando gato por lebre;
 - b) Assim como na publicidade, na internet também há muita propaganda enganosa;
 - c) Tem *site* que “se acha”...
 2. Na Charge
 - a) Nem mesmo no consultório do psicanalista estamos à salvo;
 - b) A facilidade de acesso à informação digital desencoraja os esforços pessoais de investigação;
 - c) A internet pode “falar” a nosso respeito que nós mesmos.

▷ Antes de pedir que os alunos leiam a notícia, converse com eles sobre o assunto. Utilize o quadro da próxima página como material de apoio. Avise-os de que o texto, por abordar a internet, traz termos do inglês correntes nessa área, tanto em sua grafia original (“*knowledge vault*”) quanto em sua forma abreviada (“linkar”).

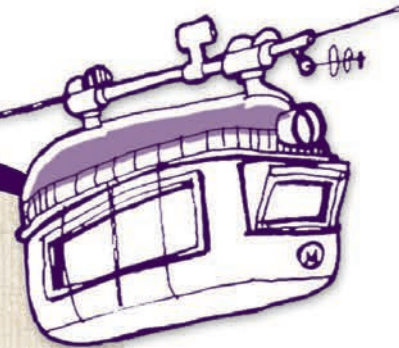
Notícia

“Matéria-prima” dos jornais, a notícia relata fatos que estão ocorrendo na cidade, no país, no mundo. O objetivo da notícia é informar o leitor com exatidão. Mesmo tendo a pretensão de ser “neutra” e confiável, ela traz em si concepções, princípios e a ideologia dos órgãos de imprensa que a divulgam.

Seja no jornal impresso, seja em um portal jornalístico da internet ou em outras mídias, as notícias aparecem de acordo com o grau de relevância (das mais importantes para as menos importantes). Para chamar a atenção dos leitores, algumas notícias se iniciam com manchete bem objetiva, com verbo sempre no presente. Em seguida, vem o lide (*lead*), ou primeiro parágrafo, que contém as informações básicas sobre o fato noticiado. O lide apresenta esquematicamente o fato noticiado pela indicação sucinta de seus componentes: o *que* ocorreu, envolvendo *quem*, *como*, *quando*, *onde* e *por quê*. Originária do inglês — *lead* —, essa palavra tem sido cada vez mais utilizada em sua forma abreviada, “lide”.

atividades

- ▷ Avise-os de que a notícia que lerão, por tratar de uma lei, usará termos jurídicos referentes à tramitação de leis. Entretanto, isso ocorre apenas em dois parágrafos da notícia (o segundo e o terceiro), quando seu autor descreve o processo. Antecipe, assim, possíveis dificuldades quanto ao vocabulário, apresentando de antemão definições breves e precisas das seguintes palavras e expressões: *impetrar*, *mandado de segurança*, *tramitação*, *regimento interno terminativo*, *plenário*, *requerimento*, *revisão de despacho*, *poder conclusivo*, *matéria de direitos individuais*. A ideia é ajudar o aluno a se familiarizar com o sentido destas palavras e facilitar a leitura e a compreensão do texto.
- ▷ Em seguida, peça aos alunos que leiam silenciosamente a notícia “Google entra na guerra contra as falsas notícias”.



Google entra na guerra contra as falsas notícias

Novo algoritmo do sistema de buscas irá checar confiabilidade de páginas da internet, influenciando sua posição nos resultados

Camilo Rocha

Blog de O Estado de S. Paulo – 4/3/2015

SÃO PAULO – Que a internet e as redes sociais são um desfile constante de notícias e informações falsas, boa parte dos usuários já sabe. O ruído ininterrupto de conteúdo duvidoso é uma reclamação comum, de usuários a empresas de mídia. Um aliado poderoso chega agora para ajudar na guerra contra a desinformação: o Google anunciou que um novo algoritmo no seu sistema de buscas irá checar a confiabilidade de páginas da internet.

Atualmente, os resultados de buscas do Google são ranqueados de acordo com sua popularidade. Esta é medida pelo número de vezes em que a página é linkada de outros lugares. Ou seja, basta que o conteúdo tenha um alto índice de compartilhamento para que seja considerado relevante pelos robôs do Google e suba posições na lista de resultados.

O novo modelo em desenvolvimento pela empresa pretende mensurar a confiabilidade de uma página contando o número de fatos incorretos contidos nela. Segundo a descrição do projeto, “os fatos serão automaticamente extraídos de cada fonte através de métodos usados para construir bases de conhecimento (tecnologia que armazena dados não estruturados em computadores)”.

O texto do projeto cita como exemplo a informação da nacionalidade do presidente Barack Obama em oito sites diferentes. Sites que indicam o local como sendo o Quênia e não os Estados Unidos tendem a perder posições no ranking de confiabilidade. Quanto mais erros e inverdades um site tiver, piores são suas chances de ter um bom lugar nas buscas do Google.

O sistema checará as informações que circulam pela internet no “knowledge vault” (cofre do conhecimento, em tradução livre), um vasto banco de dados que o Google vem montando de maneira automatizada com fatos sobre o mundo, pessoas e objetos. Esse banco serve para responder perguntas que usuários fazem ao Google em seus celulares ou computadores. Por exemplo, quando você digita “capital da Hungria” na busca é do “knowledge vault” que vem a resposta “Budapeste”.

Segundo os criadores do projeto, o banco de dados inclui 2,8 bilhões de fatos, com os quais pode se estimar a confiabilidade de 119 milhões de páginas na web. O texto de apresentação explica que foram realizadas avaliações humanas dos resultados para “a confirmação da eficiência do método”.

Disponível em <<http://blogs.estadao.com.br/link/google-entra-na-guerra-contra-as-falsas-noticias>>.

- ▷ Dê tempo aos alunos para que leiam a notícia e só então comece uma conversa, instigando-os com perguntas:
 - ▶ **A notícia foi publicada em veículo impresso ou digital? De circulação ampla ou restrita? Confiável ou não?**
 - ▶ **Quem é o jornalista responsável pela notícia? Há alguma informação a seu respeito, na matéria?**
 - ▶ **Qual é o assunto principal abordado pelo texto? É atual ou ultrapassado, em relação à data de publicação?**
 - ▶ **Para que tipo de leitor a notícia se dirige? Por que o assunto é rotulado como uma “guerra”? Que importância essas informações podem ter para esse leitor?**
 - ▶ **Com que finalidade esse assunto é abordado?**

- ▷ Após o debate, faça uma leitura, em voz alta, da mesma notícia. Conversando com os alunos, reforce que os principais fatos noticiados no texto são:
 - ▶ **A internet é um meio de comunicação em que circula uma grande quantidade de informações duvidosas e de notícias falsas.**
 - ▶ **Boa parte dos usuários não só já se deu conta dessa realidade como manifesta desconforto com esse estado de coisas.**
 - ▶ **A empresa responsável por um buscador muito utilizado anunciou que está desenvolvendo um algoritmo capaz de organizar as páginas da internet não por sua popularidade, mas pela confiabilidade das informações.**
 - ▶ **Para avaliar a confiabilidade de uma página, o algoritmo confrontará as informações nelas disponíveis com as de um gigantesco banco de dados previamente aferido.**

- ▷ Alimente a conversa perguntando:
 - ▶ **Qual foi o fato que virou notícia?**
 - ▶ **Qual é a relevância dessa notícia?**
 - ▶ **Qual é sua opinião sobre a confiabilidade das informações disponíveis na internet?**
 - ▶ **O autor dá sua própria opinião ou apenas registra seja um fato, seja uma opinião corrente?**

- ▷ Mostre que a notícia “Google entra na guerra contra as falsas notícias” tende a provocar reações diversas: muitas pessoas podem aprovar incondicionalmente a iniciativa; no entanto, haverá quem considere que a filtragem de informações por um buscador constitui interferência abusiva de uma empresa sobre a liberdade de expressão na internet, prejudicando, por exemplo, a compreensão e a circulação de brincadeiras e simulações. Outros, ainda, poderão considerar que discernir fontes confiáveis e não confiáveis não é tarefa para um buscador, mas um direito e uma responsabilidade inalienáveis de cada cidadão, ao longo de sua formação como leitor.
- ▷ De qualquer forma, mostre que, na notícia, o jornalista procura não assumir, ele mesmo, posição a respeito do que divulga. O objetivo – nesse caso – *é apresentar os fatos em si*:
- a) a opinião de usuários a respeito da confiabilidade das informações na internet;**
 - b) o lançamento de um filtro de informações por uma empresa especializada em buscas na internet.**
- Ambos os fatos são referidos já no primeiro parágrafo.**
- ▷ Para deixar isso bem claro, peça aos alunos que examinem trechos da notícia “Google entra na guerra contra as falsas notícias” que comprovam essa afirmação.

“Que a internet e as redes sociais são um desfile constante de notícias e informações falsas, boa parte dos usuários já sabe. O ruído ininterrupto de conteúdo duvidoso é uma reclamação comum, de usuários a empresas de mídia. Um aliado poderoso chega agora para ajudar na guerra contra a desinformação: o Google anunciou que um novo algoritmo no seu sistema de buscas irá checar a confiabilidade de páginas da internet.”

[...] “O novo modelo em desenvolvimento pela empresa pretende mensurar a confiabilidade de uma página contando o número de fatos incorretos contidos nela. Segundo a descrição do projeto, “os fatos serão automaticamente extraídos de cada fonte através de métodos usados para construir bases de conhecimento (tecnologia que armazena dados não estruturados em computadores)”.

[...] “O sistema checará as informações que circulam pela internet no “knowledge vault” (cofre do conhecimento, em tradução livre), um vasto banco de dados que o Google vem montando de maneira automatizada com fatos sobre o mundo, pessoas e objetos.”



- ▷ Mostre aos alunos que trechos como “[...] a internet e as redes sociais são um desfile constante de notícias e informações falsas” expressam opiniões ou impressões, mas não são atribuídas ao jornalista. Da mesma forma, expressões como “um aliado poderoso”, para referir-se ao recurso automático de checagem de informações, e termos como “guerra”, para designar o conflito entre informações verdadeiras e falsas, são utilizados de forma a dar a impressão de que correspondem a avaliações do público leitor, e não do jornalista.

2ª etapa

O artigo de opinião

atividades

- ▷ Ouça com os alunos a leitura em voz alta do artigo “Viralização do senso comum”. É importante que identifiquem a relação entre o fato noticiado e a questão abordada no **artigo**.
- ▷ Após a audição, peça aos alunos que encontrem no texto e copiem no caderno as frases – ou, eventualmente, as palavras – que demonstram a opinião do articulista (em vermelho, no texto das páginas 58 e 59 deste Caderno).

Estratégia de leitura

Existem alguns modos de mostrar aos alunos como um texto é estruturado. Um deles é solicitar que grifem ou circulem – de diferentes cores – os elementos que se quer destacar. Ao longo das oficinas, o uso desse recurso será proposto algumas vezes. Você e seus alunos poderão fazer isso por meio do Caderno Virtual, com o texto projetado na parede.

- ▷ Mostre aos alunos que esse artigo se relaciona tematicamente com a notícia discutida na 1ª etapa desta Oficina. Em ambos os casos, o assunto tratado é a confiabilidade das informações disponíveis na internet.
- ▷ Solicite-lhes que escrevam com outra cor o(s) trecho(s) que indica(m) que o jornalista Michel Carvalho da Silva toma como referência fatos do mesmo tipo dos considerados na notícia (em verde, no texto).
- ▷ Cada um dos textos tem uma finalidade específica: na notícia, o jornalista veicula informações sobre um fato; já no artigo, o articulista opina sobre as questões polêmicas que a notícia pode despertar. Vale lembrar que uma notícia pode abordar, como vimos na etapa anterior, opiniões sobre o fato noticiado, especialmente quando essas opiniões fazem parte do fato ou são, elas mesmas, o fato a ser noticiado: “Presidente da França considera atentado em Paris ‘um ato de guerra’”. Diferentemente do que se verifica no artigo, entretanto, a opinião do jornalista não deve estar em questão.
- ▷ Após a conclusão da análise do artigo, você poderá projetar na lousa o texto, que se encontra no Caderno Virtual, e fazer os grifos coletivamente.

A viralização do senso comum

Michel Carvalho da Silva

Observatório da Imprensa, ed. 864 – 21/8/2015

Quem já recebeu alguma mensagem via *whatsapp* informando que o governo vai confiscar a caderneta de poupança ou que o Congresso vai votar um projeto que acaba com o 13º salário? Outro conteúdo falso que “viralizou” no Facebook nos últimos tempos se refere ao auxílio-reclusão, que seria pago diretamente ao criminoso, ou, ainda, que o benefício se multiplicava conforme o número de filhos do preso ou da presa.

Muitas mensagens circulam pela internet e **nem sempre elas são verdadeiras**. Mas como pode o cidadão comum distinguir, num volume pulverizado de informação, entre aquela confiável, verídica e relevante, e aquela errônea, imprecisa e falsa? **É evidente que essa questão está relacionada ao nível de empoderamento do indivíduo, que varia de acordo com o grau de instrução, a consciência política e os hábitos midiáticos de cada um.**

Uma pesquisa divulgada recentemente pelo Pew Research Center mostra que cresceu nos últimos dois anos a influência das redes sociais na tarefa de manter os cidadãos informados. Os sites de notícias, antes tradicionais fontes de informação, foram descritos no estudo como fontes secundárias, na hora de saber sobre um assunto ou acontecimento.

As redes sociais podem impulsionar o engajamento cívico devido à sua flexibilidade ao permitir aos usuários acessar informações sob demanda, receber notícias de maneira instantânea, aprender sobre diversos temas, personalizar conteúdo de acordo com seus interesses e aprofundar a discussão em torno de assuntos mais complexos.

Acesso à informação é um direito

No entanto, o potencial da internet para ampliar o grau de informação do indivíduo ainda é limitado por fatores como o desinteresse da coletividade ou a inabilidade das pessoas em assimilar grandes volumes de dados e relacionar fatos. Daí a importância de uma educação que subsidie o cidadão a entender a burocracia governamental e o funcionamento do sistema político (conhecimento das regras gerais, familiaridade com as estatísticas e as plataformas de governo). Só uma pessoa que reúna essas competências poderá acompanhar e fiscalizar as políticas públicas implementadas pelos agentes públicos.

A desinformação, fruto da imprecisão, da mentira ou do ruído informacional, contribui para a ignorância das pessoas e inviabiliza o debate democrático. Aliás, é preocupante quando observamos que uma informação é manipulada simplesmente com o propósito de causar pânico ou revolta, com vistas a beneficiar um segmento político. Não podemos nos esquecer também do triste episódio, ocorrido no ano passado no Guarujá, em que uma mulher foi espancada até a morte após boato espalhado em rede social que a acusava de sequestro e bruxaria.

Diante disso, é preciso verificar se a informação veiculada é de uma fonte confiável, como sites institucionais, páginas de jornais conhecidos e blogs de profissionais respeitados. Também é importante pesquisar se mais de uma fonte publicou a notícia, isso denota maior credibilidade à mensagem. Outro aspecto relevante é identificar se o conteúdo divulgado não é oriundo de um site de notícias falsas ou de conteúdo exclusivamente humorístico, como o Sensacionalista.

A informação tem relevância para o exercício pleno da cidadania e a formação de opinião. Por isso, o acesso à informação é um direito que antecede os demais, pois quem está bem informado tem maiores possibilidades de reivindicar outros direitos. As redes sociais oferecem oportunidades significativas para a politização da sociedade e um maior engajamento do cidadão no processo de deliberação pública, mas é preciso, antes de tudo, discernimento para não reproduzir o senso comum “viralizado” na internet.

Michel Carvalho da Silva é jornalista, professor e mestre em ciências da comunicação.
Disponível em <<http://observatoriodaimprensa.com.br/redes-sociais/a-viralizacao-do-senso-comum>>.

4

oficina





Questões polêmicas

▶ objetivos

- Identificar questões polêmicas.
- Reconhecer bons argumentos.
- Escolher ou formular uma questão polêmica.

▶ prepare-se!

Na última etapa desta oficina seus alunos escreverão o primeiro artigo de opinião. Você precisará ajudá-los a definir questões polêmicas, identificando o que é polêmico na comunidade deles.

1ª etapa

O que é uma questão polêmica?

atividades

- ▷ Proponha aos alunos que encontrem ou formulem **duas questões polêmicas gerais** que os mobilizem e mereçam ser discutidas por sua relevância social. Para isso, faça um levantamento, com a participação de toda a turma, de assuntos polêmicos que estão circulando no rádio, na TV ou na imprensa.
- ▷ Como já foi explicado, questões polêmicas envolvem confronto entre diferentes pontos de vista sobre um mesmo tema. Por exemplo:
 - ▶ **A sociedade tem o direito de tirar a vida de um criminoso?**
 - ▶ **A política de cotas tem colaborado para diminuir as desigualdades sociais relacionadas às minorias étnicas?**
 - ▶ **A organização de grandes eventos esportivos no país, como a Copa do Mundo e as Olimpíadas, mina recursos que deveriam ser utilizados em ações mais relevantes e estratégicas para o desenvolvimento do país?**
 - ▶ **Há formas certas e erradas de falar o português?**



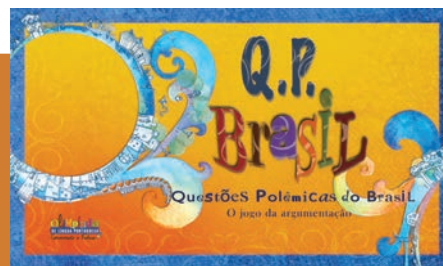
- ▷ Esses e outros exemplos são importantes para os alunos perceberem que uma questão polêmica, capaz de motivar a escrita de um artigo de opinião, envolve, necessariamente, *um assunto de interesse público*, ou seja, uma demanda em que ao menos uma determinada comunidade esteja envolvida, e diferentes soluções ou respostas, cada uma das quais reunindo posições favoráveis e contrárias. Assim, trata-se de estabelecer – e sempre por meio do debate – qual delas deveria ser assumida pela comunidade afetada.
- ▷ Para compreensão do que é uma questão polêmica e dos debates que ela pode provocar, discuta brevemente com a turma algumas das sugestões aqui apresentadas.
- ▷ Em seguida, identifique com o grupo questões polêmicas próprias da sua comunidade que recentemente tenham provocado discussões. Por fazer parte dessa comunidade o aluno terá maior familiaridade com o debate e, certamente, mais conhecimento de causa do que está em jogo, podendo desenvolver argumentos próprios. Além disso, refletindo sobre questões relativas à realidade dele, exercitará uma discussão que será de grande utilidade na preparação do artigo que escreverá para participar da Olimpíada, cujo tema será “O lugar onde vivo”.
- ▷ Uma vez garantido o interesse do aluno, dê preferência, sempre que possível, a questões que estejam relacionadas a polêmicas mais amplas. O meio ambiente, por exemplo, é um tema que pode envolver tanto questões locais (vantagens e desvantagens da canalização de um córrego, construção de moradias em área de mananciais, destinação do lixo da comunidade etc.) quanto nacionais e internacionais (aquecimento global, diminuição das reservas de água potável, desmatamento, entre outras). O mesmo se verifica com temas como a violência cotidiana, o conflito de gerações etc. Dessa maneira, você poderá ampliar o universo de referência do aluno sem, no entanto, deixá-lo desprovido das coordenadas básicas que possam orientá-lo quanto à sua realidade imediata.

- ▷ Se as questões apontadas não despertarem o interesse dos alunos, proponha-lhes que escrevam sobre o tema “Polêmica na escola” ou, sobre assuntos controversos que estejam vivendo na escola, como:
- ▶ **O Enem é um exame democrático, como forma de acesso à universidade?**
 - ▶ **Deveria ser permitido o namoro no pátio da escola?**
 - ▶ **Deve-se proibir o uso de celular em sala de aula?**
 - ▶ **O aluno pode participar das decisões relativas ao que será ensinado em cada semestre?**
 - ▶ **As escolas deveriam especializar-se num único ciclo de ensino-aprendizagem (anos iniciais do Ensino Fundamental; anos finais do Ensino Fundamental; Ensino Médio)?**
- ▷ Essas perguntas aquecem o debate e facilitam a escrita, pois sobre elas os alunos têm o que dizer. Não se esqueça, no entanto, de fazê-los pensar sobre a relação entre essas questões e os debates mais amplos, como a construção da cidadania, a civilidade, o bem comum etc. Afinal, a escola, assim como o lugar em que cada um vive, não está isolada do resto do mundo.
- ▷ Ao examinar as questões com os alunos, chame a atenção deles para a importância de uma estratégia argumentativa adequada na condução de um debate. Para isso, explore as diferentes formas de propor um debate, considerando determinada questão polêmica.

Jogo Q.P. Brasil

Se a sua escola possui *Q.P. Brasil: Questões Polêmicas do Brasil - O jogo da argumentação*, você poderá usá-lo na escolha do tema para a produção de um artigo de opinião. Procure conhecer as questões polêmicas das cartas coloridas e as das cartas de cor laranja.

No Manual do jogo você vai encontrar atividades complementares às oficinas deste Caderno; como exercício, faça a atividade 1, que está na página 7 dele.



Estratégia argumentativa e questão polêmica

Podemos definir **estratégia argumentativa** como o conjunto de procedimentos e recursos verbais utilizados pelo argumentador para convencer tanto seus adversários quanto o auditório envolvido. Como em qualquer outra área de atividade humana, uma boa estratégia é fundamental para garantir um resultado favorável. No caso da argumentação, isso envolve desde a escolha das palavras mais apropriadas, o “tom” mais adequado, até os tipos de argumento empregados e a organização geral da argumentação.

Um passo fundamental para definir uma boa estratégia argumentativa é a definição de “por onde” se vai entrar no debate, já que toda **questão polêmica** envolve aspectos muito diversos. Discutir se há formas certas e erradas de falar o português, por exemplo, envolve fatores diversos. O que dizem os pesquisadores (linguistas, gramáticos, filólogos etc.) a esse respeito? O que pensam os diferentes “profissionais da linguagem” (escritores, jornalistas, professores, editores etc.)? Que aspectos culturais e sociais estão associados a essa questão? Cada um desses fatores permite ao argumentador uma entrada diferente no debate, reservando-lhe tanto um “lugar” a ocupar quanto um estilo particular de argumentação a desenvolver.

Assim, ao decidir “por onde entrar”, o argumentador “se situa” no debate, definindo, ainda as estratégias a serem utilizadas. Para quem escolhe o caminho do direito, por exemplo, recorrer à autoridade de um jurista pode ser de grande valia; para aquele que envereda pelo campo das ciências experimentais, no entanto, o recurso ao conhecimento de um especialista será de pouca ou nenhuma valia se o argumentador não dispuser de dados e experimentos confiáveis para demonstrar sua tese. Outro exemplo: carregar no apelo emocional (ou moral) pode ser uma estratégia decisiva num debate eleitoral; mas dificilmente será apropriado numa discussão sobre saúde pública. E assim por diante.

2ª etapa

O debate

atividades

- ▷ Para preparar a turma para o debate regrado, converse com os alunos sobre a diferença entre *emitir uma opinião pessoal* e *debater*. Quem debate, certamente emite opiniões pessoais. No entanto, ao contrário daquele que apenas opina — muitas vezes só para “marcar posição” — o debatedor se envolve na discussão coletiva de uma questão que, por seu caráter polêmico, pode interessar a todos. Nesse sentido, o compromisso mais importante do debatedor é o de colaborar para, tendo em vista o bem comum, estabelecer consensos possíveis a respeito das escolhas mais adequadas a uma determinada comunidade. Logo, *estabelecer regras* é fundamental para o bom funcionamento de um debate.
- ▷ Com o objetivo de promover essa discussão sobre *o que é e para que serve* um debate bem conduzido, leia com os alunos “Teste rápido: Você faz papel de idiota nas redes sociais?”. Trata-se de uma matéria do jornalista Leonardo Sakamoto, redigida como um desses “testes psicológicos” muito comuns na mídia digital e em seções de autoajuda de revistas de grande circulação. O teste proposto por Sakamoto põe o leitor diante de uma realidade cada vez mais comum em ambientes digitais: o desejo narcisista de opinar (“Pronto, falei!”), sem, no entanto, sustentar suas posições nem tampouco ouvir o que o outro tem a dizer.
- ▷ Você pode apenas ler em conjunto o “teste”, indagando os alunos a respeito dos objetivos pretendidos pelo autor. Mas também pode ser produtivo e divertido pedir que eles respondam ao teste, discutindo, depois, as paixões que, muitas vezes, nos impedem de entender e aproveitar um debate. Seja como for, o importante é deixar o mais claro possível a diferença entre marcar/defender território e trabalhar para a construção coletiva de consensos.



Teste rápido: Você faz papel de idiota nas redes sociais?

Leonardo Sakamoto
17/11/2015

Escolha apenas uma alternativa:

1. Após ler o título de um texto sobre um assunto que te interessa, você:

- a) Parte para esculhambar e xingar o autor.
- b) Começa a elogiar e endeusar o autor.
- c) Diz que aquela postagem é a prova que os Illuminati estão dominando o mundo.
- d) Avisa que aquilo não tem importância alguma porque Cristo vai voltar em breve.
- e) Lê o texto.

2. Você recebeu uma mensagem no WhatsApp com uma denúncia séria, mas com autoria desconhecida e sem fontes de dados confiáveis. Então:

- a) Encaminha a postagem para 50 amigos no WhatsApp.
- b) Encaminha a postagem para 50 amigos no WhatsApp e replica no Twitter.
- c) Encaminha a postagem para 50 amigos no WhatsApp, replica no Twitter e bomba no Facebook.
- d) Encaminha a postagem para 50 amigos no WhatsApp, replica no Twitter, bomba no Facebook e fica falando dele no Snapchat.
- e) Dá um Google para checar e; caso haja uma dúvida razoável, avisa a quem te mandou, a fim de que evite espalhar conteúdo que pode ser falso.

3. Quando percebe que não manja muito de um assunto em um debate nas redes sociais, você:

- a) Inventa dados para ganhar o debate.
- b) Cria histórias para sustentar seus argumentos.
- c) Enfia palavras na boca de terceiros.
- d) Distorce o que não é favorável a você.
- e) Não tem vergonha de dizer “não sei”, “não faço ideia” e “me explica”.

4. Quem xinga alguém durante uma discussão nas redes sociais está:

- a) Colocando a pessoa no seu devido lugar.
- b) Mostrando a ela quem manda por aqui.
- c) Deixando claro a todo mundo quem é o pica das galáxias.
- d) Dando uma lição em quem se atreveu a questioná-lo.
- e) Sendo um babaca.

5. Alguém que discorda educadamente do seu post é:

- a) Um petralha imundo que mama nas tetas do governo.
- b) Um tucanalha nojento e insensível à dor do semelhante.
- c) Uma feminazi maldita que quer destruir os homens de bem.
- d) Um gayzista que quer transformar meus filhos em sodomitas.
- e) Alguém que discorda educadamente do meu *post*.

A quem respondeu qualquer coisa que não fosse a alternativa “e”: Há pessoas preocupadas em ganhar debates e que ignoram as dores do outro. E ofendem, xingam, maltratam, espantam. E há aquelas que querem construir algo através de conversas nas redes sociais. E ouvem, entendem, toleram, absorvem. Qual desses grupos de pessoas você acha que vai deixar saudades, se partir? Qual desses grupos de pessoas você acha que são fundamentais para o futuro do País?

Disponível em <<http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2015/11/17/teste-rapido-voce-faz-papel-de-idiota-nas-redes-sociais>>.

atividades

- ▷ Na sequência, organize o debate. Divida a turma em dois grupos; cada um deles deve ficar responsável por uma das questões polêmicas estabelecidas na “1ª etapa” (página 62). Proponha ao grupo 1 que se organize em dois subgrupos, A e B, para a realização de um debate que será assistido e avaliado pelo grupo 2.
- ▷ “Primeiro turno”: de um lado, devem estar os que irão argumentar a favor de determinada posição ou proposta (subgrupo A – tese 1); de outro, aqueles que irão argumentar contra, defendendo, se acharem necessário, uma posição alternativa (subgrupo B – tese 2). Estabeleça consensualmente tanto a duração máxima quanto

as normas básicas para o debate, bem como o tempo concedido a cada fala, o direito (ou não) à réplica e/ou à tréplica, o respeito à pessoa do adversário (especialmente na maneira de se referir a ele) e à sua vez de falar, o tipo de linguagem a ser empregada (mais formal, mais descontraída) e as “penalidades” que podem ser aplicadas aos que desrespeitarem as normas.

- ▷ Lembre à turma que o respeito às regras garante não só o bom funcionamento e a fluência do debate como o direito de fala de cada participante.
- ▷ Oriente os membros do grupo 2 para que, durante cada fala, façam as anotações necessárias para uma análise geral do debate, considerando as seguintes questões:
 - ▶ **As normas foram respeitadas? O debate foi fluente?**
 - ▶ **As posições ou teses foram claramente explicitadas, em cada caso?**
 - ▶ **Que estratégias argumentativas foram usadas pelos debatedores?**
 - ▶ **Que argumentos principais foram utilizados contra e a favor de cada tese?**
 - ▶ **Os argumentos foram convincentes? Por quê?**
 - ▶ **Foi possível chegar-se a algumas conclusões? Por quê?**
 - ▶ **Que sugestões o grupo 2 faria para os subgrupos A e B, que representam o grupo 1, no sentido de melhorar o desempenho?**
- ▷ Para o “segundo turno”, diga aos alunos que deverão inverter as posições. O grupo 2, agora dividido em dois subgrupos (A e B), é que deverá debater a questão polêmica por ele escolhida. Caberá ao grupo 1, por sua vez, avaliar o debate nos moldes já propostos.
- ▷ Ao final, faça o mesmo balanço coletivo do funcionamento do debate. Retome, com toda a turma, a definição de estratégia argumentativa e aproveite a oportunidade para esquematizar, na lousa ou em folhas de papel kraft, as teses e as estratégias argumentativas de cada grupo de debatedores.

- ▷ Durante a atividade, seu papel será, inicialmente, o de orientar a organização e a formulação, pelos alunos, da tese em torno da qual se posicionarão *contra* (grupo B) ou *a favor* (grupo A). Estimule-os a fazer perguntas contundentes, como:
 - ▶ **Por que vocês pensam assim?**
 - ▶ **Vocês têm algum dado estatístico que comprove o que sustentam?**
 - ▶ **Já leram sobre esse assunto?**
 - ▶ **O que falava o texto (artigo, notícia, livro, editorial, cartaz)?**
 - ▶ **Conhecem situações similares? Se sim, o que aconteceu?**
- ▷ Num segundo momento, você será o mediador. Por isso, não deverá tomar partido, limitando sua participação às intervenções necessárias para a fluência e o bom funcionamento do debate.
- ▷ Ao final de ambas as participações, faça uma avaliação coletiva da atividade. Tente mostrar aos alunos quais dos argumentos elaborados mostraram-se mais confiáveis, justamente por apresentarem com maior precisão o que justifica e/ou fundamenta a opinião defendida. Reforce, nesse momento, que os melhores argumentos são os que vão além do “porque eu sei”, “porque eu acho”, “porque é melhor assim”, “porque todo mundo concorda”.
- ▷ Com isso, você e os alunos poderão identificar o que já têm a dizer sobre a questão e o que ainda precisam conhecer para justificar de forma consistente a posição assumida. Após esse levantamento, você terá condições de orientá-los para a pesquisa que será realizada posteriormente.



Debate

Durante um debate, os participantes usam a palavra para expressar o que sabem e pensam sobre o assunto em questão. Retomam o discurso do outro, fazem críticas, se situam, tomam posição e, com respeito e civilidade, podem rebater o ponto de vista contrário.

O debate é uma situação de comunicação privilegiada para desenvolver capacidades de linguagem argumentativa nos alunos, pois aprofunda conhecimentos, possibilita tanto a concentração no foco da discussão quanto a transformação de valores e normas de interação social.

É fundamental que os debatedores, no decorrer do processo, considerem pontos de vista e falas dos demais protagonistas, mantendo o diálogo sempre aberto. Essa é uma boa oportunidade para perceber a importância da flexibilidade de pensamento e tomar consciência da pluralidade de opiniões como um valor que deve ser respeitado. Nesse sentido, valerá a pena resgatar, aqui, a discussão sobre o valor da argumentação em situações difíceis e sobre “como conversar com um fascista”.

Jogo Q.P. Brasil

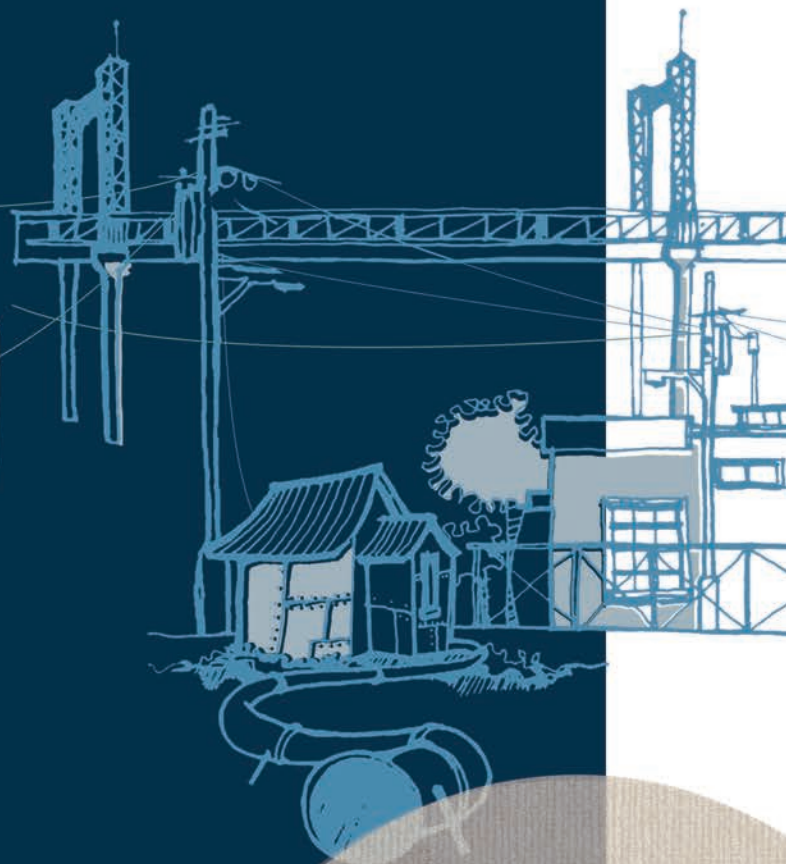
Com o *Q.P. Brasil*, uma boa opção é substituir a 2ª etapa desta Oficina por uma partida. Divida os alunos em três grupos e entregue uma caixa média e um tabuleiro para cada um deles.

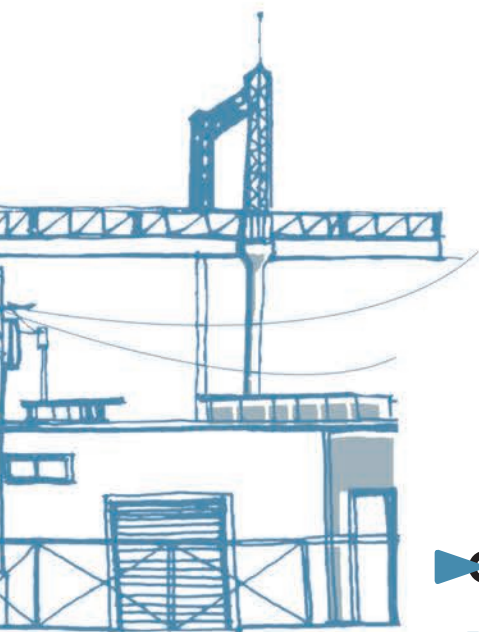
Professor, para fazer isso, é essencial que você conheça o jogo e saiba jogá-lo.

Caso opte por não jogar neste momento, recorra aos envelopes coloridos para propor debates, com a utilização das questões polêmicas e dos argumentos que estão no jogo.



oficina





A polêmica no texto

▶ objetivo

- Produzir individualmente um primeiro artigo de opinião.

▶ prepare-se!

Seus alunos irão escrever o primeiro artigo de opinião deles. Procure identificar as informações que eles já têm sobre o gênero e o que precisam assimilar. Tranquilize-os, explicando que farão várias oficinas para que possam apreender as características de textos desse gênero.

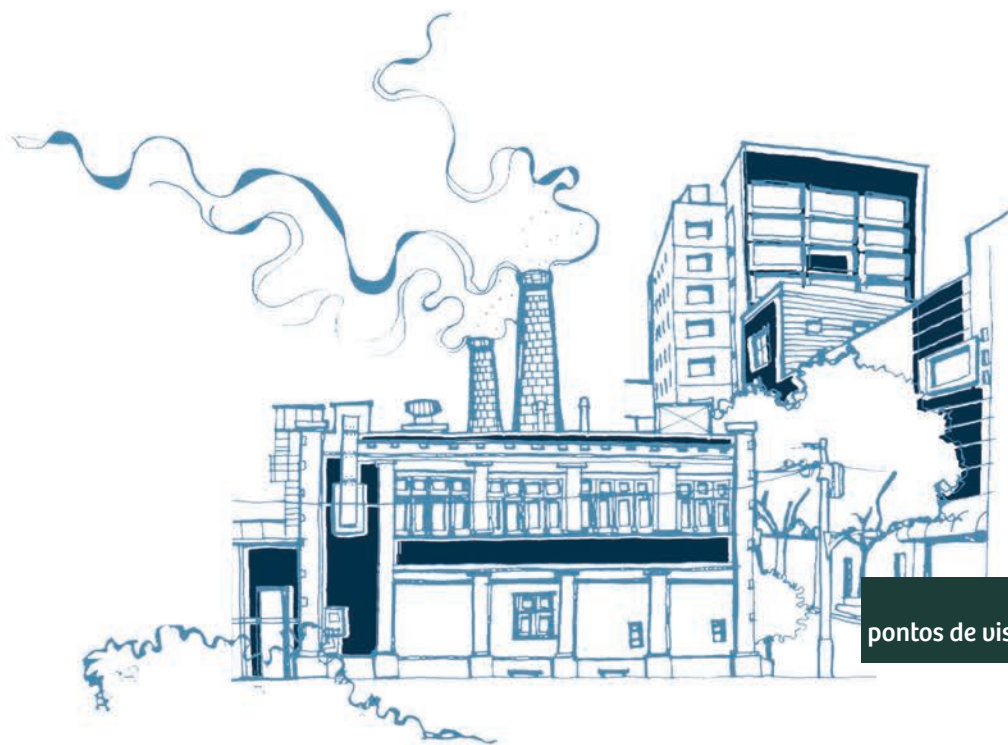
1ª etapa

Primeiro artigo

atividades

- ▷ Uma vez realizado o debate sugerido na Oficina 4, proponha aos alunos a escrita de um artigo de opinião com base em uma das questões polêmicas escolhidas. Peça-lhes que se coloquem no lugar do articulista e ajude-os a definir a questão polêmica a ser abordada; os objetivos que levam à escrita desse artigo; o tipo de publicação (jornal mural, *blog*, jornal do bairro etc.); e o público-alvo ou leitor visado.
- ▷ Depois disso, oriente a turma para planejar a escrita de acordo com os questionamentos abaixo:
 - ▶ **Que aspecto da polêmica será discutido?**
 - ▶ **Qual opinião ou tese será defendida a esse respeito?**
 - ▶ **Que argumentos principais serão utilizados para isso?**
 - ▶ **De quais fatos ou dados deve-se partir?**
 - ▶ **O que será escrito na “Introdução”, de forma que possa indicar ao leitor qual é o contexto da discussão?**
 - ▶ **Como serão desenvolvidos os argumentos de forma que fiquem bem claros?**
 - ▶ **Como se pretende concluir?**
 - ▶ **Que título será mais adequado para já situar o leitor acerca da tese defendida e despertar o interesse dele?**

- ▷ Por fim, peça a cada aluno que escreva um artigo, procurando seguir o planejamento feito. Anuncie que o processo de escrita pode levá-los a repensar o planejamento. Nesse caso, devem estar atentos para a repercussão que as alterações terão sobre os outros elementos do texto, ou seja, se resolverem mudar a tese no meio do caminho, será preciso verificar se a nova opinião também é compatível com a polêmica. E muito provavelmente será preciso estabelecer outros argumentos e partir de novos dados.
- ▷ Terminada essa fase, peça aos alunos que releiam o que escreveram – agora como possíveis leitores do artigo. Caso haja tempo, sugira que troquem os textos entre si, fazendo comentários e sugestões. Só depois da releitura ou da leitura de um colega é que o aluno deverá rever o texto para escrever a versão final.
- ▷ Explique-lhes que esse texto permitirá a você fazer uma avaliação inicial do nível de compreensão dos alunos, bem como daquilo que ainda necessitam aprender sobre artigo de opinião.



Primeira escrita

A produção inicial indica o que os alunos já sabem sobre o gênero e dá pistas para que o professor possa intervir adequadamente no processo de aprendizagem.

Esse primeiro texto também é importante para que os alunos avaliem a própria escrita. Com sua ajuda, eles serão capazes de perceber o que é preciso melhorar e poderão envolver-se mais nas atividades das oficinas. Além disso, será possível comparar essa produção com o texto final e identificar os avanços, realizando-se um processo de avaliação continuada.



atividades

- ▷ Ao ler esses primeiros textos dos alunos, avalie se:
 - ▶ **tratam efetivamente de uma questão polêmica;**
 - ▶ **localizam adequadamente o leitor em relação a essa questão;**
 - ▶ **deixam clara a posição assumida;**
 - ▶ **trazem argumentos coerentes e convincentes;**
 - ▶ **apresentam e discutem ou rebatem o pensamento de opositores sobre o assunto;**
 - ▶ **há erros de ortografia, desvios do padrão culto ou outras impropriedades capazes de prejudicar a leitura do artigo.**
- ▷ Ao fazer essa avaliação, você terá uma boa ideia de quais traços de um artigo de opinião o aluno demonstra já conhecer em algum grau (ou mesmo dominar) e de quais desconhece. Assim, você poderá ajustar melhor o trabalho das oficinas ao perfil da sua turma.

Atenção!

Caso seu aluno seja semifinalista da Olimpíada, você precisará levar a primeira produção dele para o encontro regional.



Oficina



Por dentro do artigo

▶ objetivo

- Ler artigos de opinião para reconhecer e compreender as características principais desse gênero textual.

▶ prepare-se!

Como se organiza um texto de opinião?
O que compõe a introdução, o desenvolvimento e a conclusão? Antes de trabalhar com seus alunos, é essencial que você consiga responder a essas questões. Prepare-se lendo previamente esta Oficina na íntegra, com especial atenção para a análise do artigo “Em defesa do voto obrigatório”.

- ▶ Coletânea de artigos de opinião (PDF)
- ▶ Áudio de artigos de opinião
- ▶ Aparelho de som

1ª etapa

Leitura do artigo

atividades

- ▷ Leia junto com os alunos o artigo “Em defesa do voto obrigatório”, de Léo Lince, sobre a obrigatoriedade do voto como garantia democrática.
- ▷ Divida-os em grupos e apresente a Coletânea. Para facilitar, organize o trabalho em dois momentos: antes da leitura e durante sua realização.

1. Antes da leitura

- ▷ O artigo a ser explorado foi publicado em 2015, em meio a uma crise política nacional iniciada no ano anterior, contexto no qual a mídia promoveu uma discussão sobre a necessidade de reformas político-eleitorais urgentes, questionando, ainda, a obrigatoriedade do voto. No entanto, a abordagem dada ao tema pelo autor ultrapassa largamente essas circunstâncias, até pelo fato de o articulista não se referir, explícita ou diretamente, seja à crise, seja a fatos específicos dessa circunstância, nem tampouco restringir o debate a eles. O autor concentra-se, então, em estabelecer quais seriam as *condições necessárias para o bom funcionamento da democracia*. E, na opinião dele, o voto obrigatório seria parte “inarredável” dessas condições. No Brasil contemporâneo, o voto é ao mesmo tempo *universal* (ou seja, extensivo a todo e qualquer cidadão maior de 16 anos) e *obrigatório* (um dever de todo cidadão).

- ▷ Dado o tema do artigo, esta seria uma excelente oportunidade para você e seus colegas de história desenvolverem *atividades interdisciplinares, articulando ensino de leitura*, de um lado, e *estudo de História do Brasil*, de outro. Caso isso seja possível, combine com os outros professores, com base nas propostas desta Oficina, como vocês organizariam o trabalho. Em qualquer hipótese, você pode se preparar lendo a matéria “O voto no Brasil – Às urnas, cidadão!”, da *Revista de História da Biblioteca Nacional* que trata do assunto. Voltadas para o público das bancas de jornal, as matérias dessa publicação nunca perdem de vista o interesse pedagógico dos temas, o que atrai bastante o leitor em idade escolar. Em função desse caráter e da qualidade de seus textos, o MEC distribui a versão impressa para as escolas públicas de todo o país. Portanto, não será difícil encontrar a revista nas estantes da biblioteca ou da sala de leitura de sua unidade. Seja como for, você e seus alunos podem ter acesso direto e gratuito à versão digital (<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos-revista/voto-no-brasil>).
- ▷ A matéria aqui recomendada é composta de três textos. O primeiro deles é uma apresentação clara e precisa da questão polêmica de base e de sua relevância política; e apresenta, ainda, informações de caráter histórico sobre o voto no Brasil. O segundo e o terceiro são artigos de opinião escritos por especialistas, defendendo posições diametralmente opostas.
- ▷ De posse das informações reunidas ao longo dessas leituras, levante com os alunos os conhecimentos prévios que eles tenham a respeito:
- ▶ **Vocês já leram ou ouviram falar alguma coisa sobre o assunto?**
 - ▶ **O que é uma democracia?**
 - ▶ **Seria possível imaginar uma democracia sem a garantia do direito a voto?**



- ▶ **Vocês tem ideia do interesse e do valor que um debate sobre a obrigatoriedade/não obrigatoriedade do voto possa ter para o país?**
 - ▶ **Sabem o que é “curral eleitoral”?**
 - ▶ **Sabiam que até 1930 as mulheres não podiam votar, e que só a partir de 1988 os analfabetos tiveram esse direito garantido constitucionalmente?**
 - ▶ **Estão cientes de que aos 16 anos o jovem cidadão já pode votar?**
 - ▶ **Já pararam para pensar que esses fatos históricos têm representado importantes conquistas democráticas, ampliando e aprofundando a participação do cidadão na vida do país?**
- ▷ Aproveite a oportunidade, ao longo dessa conversa, para fornecer informações sobre a história do voto no Brasil que julgar pertinentes para compreensão e interpretação do artigo.
- ▷ Em seguida, peça aos alunos que “passem os olhos” no texto, para terem uma primeira ideia do que irão ler. Explícite o contexto de crise política nacional em que o artigo foi escrito e instigue os alunos a identificar passagens que fazem alusões a esse contexto. Peça que levantem palavras cujo sentido não dominem, assim como expressões que se refiram a fatos históricos que desconheçam. Procure ajudá-los a formular hipóteses bem fundadas a respeito dos sentidos desses termos no texto, anunciando que terão acesso ao Glossário (página 164) onde poderão checar suas previsões.
- ▷ Faça perguntas sobre o artigo, de modo a motivá-los para a leitura e para levá-los a criar expectativas, a identificar elementos determinantes da estruturação de um artigo de opinião e a formular hipóteses a respeito da forma e do conteúdo do texto. Com base no título, peça-lhes que respondam:
- ▶ **Dá para prever as ideias que o autor defenderá?**
 - ▶ **Que trecho(s) do texto melhor parece(m) expressá-las?**
 - ▶ **Em que momentos Léo Lince faz referência a ideias contrárias às suas?**
 - ▶ **A quem o autor atribui essas ideias e que expressões utiliza para qualificá-las?**

- ▷ Continue apresentando o texto e instigando a leitura com novas perguntas:
 - ▶ **O que é possível supor a respeito dos objetivos do veículo jornalístico que publicou o artigo, considerando-se o seu nome, *Correio da Cidadania*? Leia em voz alta, com eles, a apresentação que a própria redação faz do jornal em seu *site* (veja o box da página 86). Isso favorece ou atrapalha a compreensão e a interpretação do texto? Por quê?**
 - ▶ **Como curiosidade, indague aos alunos se sabiam que “Correio” é um termo muito usado nos nomes de jornais, como *Correio Brasiliense*, *Correio Popular* ou *Correio do Estado*. Outros termos muito utilizados são “Folha” e “Diário”, por exemplo. Se quiser, leve-os a fazer suposições a respeito do que teria motivado cada tipo de escolha.**

2. Durante a leitura

- ▷ Esse é o momento de atuar como mediador, de forma que possa garantir uma compreensão geral e crítica do texto. Faça uma primeira leitura, coletiva e em voz alta, do artigo. Outra opção é o áudio em que esse artigo vem lido em voz alta.
- ▷ Verifique se as expectativas e hipóteses formuladas foram ou não atendidas, discutindo, então, se estavam mais ou menos baseadas em dicas do próprio texto. Nesse momento, valorize a participação dos alunos que fizeram comentários pertinentes em relação à forma e/ou ao conteúdo do texto. Garanta, ao final dessa etapa, que a turma explicita uma primeira apreensão do artigo.
- ▷ Caso nenhum aluno tenha se manifestado antes a respeito, aponte que, por se inserir na esfera da política, o artigo recorre a terminologia própria. Solucione, então, as dúvidas que ainda persistam, recorrendo ao glossário que está no final do livro (página 164).
- ▷ Em seguida, peça a todos que leiam o artigo de novo, silenciosamente, identificando, a cada passo, a(s) frase(s) que resume(m) o conteúdo de todo o parágrafo. Se achar conveniente, use como referência a sinalização que sugerimos na página seguinte.

Artigo de opinião

Título

Em defesa do voto obrigatório

Quem assina

Léo Lince

Veículo/Quando

Correio da Cidadania, 29/5/2015

- 1 Existe, no senso comum, um mal-estar em relação ao voto obrigatório. Toda obrigação incomoda. Este fato, indiscutível, favorece os defensores do voto facultativo, que, ademais, apresentam sua proposta como expressão da postura libertária e como fator de desmonte de algumas distorções que, de fato, existem em nosso sistema eleitoral.
- 2 O “curral eleitoral” e a compra de votos seriam distorções eliminadas pela simples presença do voto facultativo. Falso. Na República Velha, o voto era facultativo e os currais proliferavam. O voto obrigatório foi implantado na década de 30 e os currais continuam a operar até hoje. Ou seja, sendo obrigatório ou facultativo, o voto pode se tornar mercadoria. A coerção que encurrala eleitores é de outra natureza e tem a ver com o peso do poder econômico. O quadro atual, marcado pelo desencanto com a política e pela descrença no voto como instrumento de mudança — elementos que favorecem a cristalização do poder de quem já está por cima — também joga água no moinho dos que defendem o voto facultativo.
- 3 Apresentado como uma vitória da liberdade, o voto facultativo se recobre com as feições sedutoras da rebeldia. Desobrigado de votar, o indivíduo ficaria mais “livre” ao deixar de “perder” aquele pedaço do dia em que, de dois em dois anos, comparece na seção eleitoral. Falsa conquista, baseada em perigoso conceito de liberdade individual, que pode comprometer a realização do princípio republicano da soberania popular.
- 4 O voto, para os que defendem sua obrigatoriedade, além de um direito duramente conquistado, deve ser considerado um dever, sem o exercício do qual aquele direito se descaracteriza ou se perde. A liberdade e a democracia não são meros meios, são fins cuja permanência depende da eterna vigilância e do trabalho continuado de seus defensores. Logo, quem vive numa comunidade política não pode estar desobrigado de opinar sobre os seus rumos.
- 5 Essa é uma ideia que vem de longe, dos tempos da Revolução Francesa, ancorada em formulação de Jean-Jacques Rousseau. Segundo ele, o cidadão só pode ser o soberano da política se ao mesmo tempo for “escravo” do processo que constitui a “vontade geral”. Ou seja, o poder político só emanará do povo se o povo participar da política. Nada contra a

desobediência civil ou demais formas de protesto político que vão além do momento eleitoral. A insatisfação contestatória, aliás, também pode se expressar no **voto nulo**, cuja tecla deveria constar na máquina de votar.

- 6 O voto facultativo desloca o eixo da questão. Com ele, o direito de votar e o de não votar ficam inscritos, em pé de igualdade, no **corpo legal**. Uma parte do eleitorado deixará voluntariamente de opinar sobre a constituição do poder político. O desinteresse pela política e a descrença no voto serão registrados como mera “escolha”, sequer como desobediência civil ou protesto. A consagração da **alienação política** como um direito legal interessa aos **conservadores**. Reduz o peso da soberania popular e desconstitui o **sufrágio** como universal.
- 7 Ganha com a mudança quem deseja o povo como “maioria silenciosa”, gigante adormecido, aglomerado de consumidores, nunca como titular soberano e organizado do poder político. Nos EUA, onde o voto é facultativo, a abstenção eleitoral é enorme e tende a se perpetuar, ao longo do tempo, nos mesmos grupos sociais e étnicos, especialmente entre os discriminados socialmente. A redução da universalidade do sufrágio se expressa como **exclusão social** e elemento efetivo de **cristalização do poder** nas mãos da “**classe política**”.
- 8 No quadro brasileiro atual, o voto facultativo é uma das faces (a mais simpática) da investida conservadora. O “**estado mínimo**” da **macroeconomia neoliberal** demanda, para o seu bom funcionamento, a **teoria da representação mínima**. Encolher o tamanho do eleitorado com o voto facultativo; reduzir o número de partidos com a cláusula de barreira; eliminar parte dos votos válidos com o distrital-majoritário. Querem reduzir a participação política, eliminar partidos e esterilizar o voto da oposição contestadora.
- 9 Para o cidadão ativo, que além de votar se organiza para garantir os **direitos civis, políticos e sociais**, o enfoque deve ser inteiramente outro. A liberdade de não ir votar é uma armadilha. O tempo dedicado ao acompanhamento continuado da política não deve se apresentar como restritivo da liberdade individual. Pelo contrário. É compromisso livre com a **democracia participativa**, indispensável ao exercício pleno de todas as liberdades, inclusive as individuais. Para que o sufrágio continue universal, para que todo poder emane do povo e não dos donos do poder econômico, o voto, além de um direito, deve conservar a sua condição de um inarredável **dever civil**.

Disponível em <http://www.correiciudadania.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=10806:submanchete290515&catid=13:leo-lynce&Itemid=87>.

→ Fonte

O *Correio da Cidadania* é editado por uma sociedade sem fins lucrativos, a Sociedade para o Progresso da Comunicação Democrática, fundada em 1996, com o objetivo de colaborar com a construção da mídia democrática e independente. Há dezessete anos, o *Correio da Cidadania* oferece visão crítica de acontecimentos políticos, econômicos e sociais, fazendo contraponto à uniformidade editorial da grande imprensa.

Ao contrário das empresas jornalísticas, o *Correio da Cidadania* não vive do dinheiro dos anunciantes e seus interesses econômicos. A versão eletrônica do *Correio*, como se vê, é gratuita. E não se pretende cobrar por este acesso. Pelo contrário, entendemos que ele é fundamental para que cada vez mais um número maior de pessoas tenha acesso ao conteúdo do *Correio da Cidadania*.

atividades

- ▷ Após discutir os trechos que foram indicados pelos alunos, determine com a classe quais os mais adequados e os registre. Você pode fazer isso projetando o texto na parede e fazendo os grifos junto com eles.
- ▷ Peça-lhes que observem, durante a leitura, a forma com que o articulista se vale dos recursos próprios do gênero para elaborar e sustentar sua opinião:
 - ▶ **insere-se numa questão polêmica que circula na imprensa, na mídia ou na sociedade (“O voto deve ser obrigatório?”);**
 - ▶ **refere-se, direta ou indiretamente, a fatos recentes relacionados a essa questão (A “investida conservadora” e sua proposta de voto facultativo como forma de corrigir desvios do nosso sistema eleitoral);**
 - ▶ **formula explicitamente suas opiniões a respeito desses fatos, da polêmica em jogo e das ideias de seus oponentes ou adversários;**
 - ▶ **apresenta suas razões, na forma de argumentos que sustentem suas opiniões;**
 - ▶ **antecipa e contesta os argumentos mais fortes dos oponentes;**
 - ▶ **tece o texto de maneira a adequá-lo o mais possível aos interlocutores: adversários (defensores do voto facultativo), auditório (leitores do jornal) e público em geral;**
 - ▶ **finaliza o raciocínio com uma conclusão explícita (“o voto, além de um direito, deve conservar a sua condição de um inarredável dever civil”).**

- ▷ Para orientar a leitura e promover a compreensão e a discussão do texto, proponha aos alunos que, enquanto leem o artigo, respondam a perguntas como as sugeridas abaixo:

▶ **Qual é a questão polêmica que o artigo pretende responder?**

A questão pode ser formulada nos seguintes termos: O voto deve ser/permanecer obrigatório?

▶ **Quais foram os fatos que motivaram o articulista a escrever o artigo?**

Esses fatos são referidos, no artigo, como “investidas conservadoras” surgidas no contexto da crise política de 2014/2015.

▶ **Há alguma referência no texto a posições e/ou a debatedores anteriores?**

Desde o primeiro parágrafo, o autor faz referências a ideias de seus adversários.

▶ **É possível identificar, no texto, quem são os adversários do articulista?**

Os adversários, no debate, são os que defendem o voto facultativo como medida capaz de corrigir distorções como o curral eleitoral.

▶ **Que tese o artigo defende?**

A tese é formulada claramente na conclusão do artigo: “o voto, além de um direito, deve conservar a sua condição de um inarredável dever civil”.

▶ **O articulista declara que “a liberdade e a democracia não são meros meios, são fins cuja permanência depende da eterna vigilância e do trabalho continuado de seus defensores”. Que importância esse ponto de vista tem para a tese defendida?**

Ao contrário de outros polemistas, Léo Lince não está discutindo saídas imediatas para uma crise política. Em lugar disso, está argumentando com base num “princípio republicano”, de acordo com o qual uma das condições necessárias a qualquer regime democrático é o voto universal e obrigatório. Assim, o articulista entra no debate por uma via político-filosófica, ou seja, por uma discussão dos princípios que devem orientar a busca de saídas possíveis para a crise. Aproveite para chamar a atenção dos alunos para o valor dessa estratégia argumentativa, que situa as posições do autor “acima” da disputa política do momento (veja a explicação sobre estratégia argumentativa na página 65).

► **Quais são os argumentos principais? Como vêm desenvolvidos?**

Os argumentos são elaborados a partir da contestação das posições do “senso comum” e dos “conservadores” em favor do voto facultativo. Resumidamente, envolvem os seguintes passos:

- Com base em informações históricas, o jornalista contesta a tese de seus opositores, de que o voto facultativo corrigiria distorções como o curral eleitoral (§1); e afirma que “sendo obrigatório ou facultativo, o voto pode se tornar mercadoria”. Portanto, a explicação para a existência dos currais eleitorais não pode ser a obrigatoriedade do voto: “A coerção que encurrula eleitores é de outra natureza e tem a ver com o peso do poder econômico” (§2).
- Com base nessas ideias, Léo Lince desenvolve uma série de argumentos capazes de justificar sua defesa do voto obrigatório:
- A “liberdade” de não comparecer às urnas é uma “falsa conquista, baseada em perigoso conceito de liberdade individual, que pode comprometer a realização do princípio republicano da soberania popular”.
- O voto não é apenas um direito duramente conquistado, mas um dever que, não sendo cumprido, descaracteriza o direito de votar. A democracia não é apenas um meio, mas um fim em si mesma.
- A proposta do voto facultativo desloca o eixo da questão: “A consagração da alienação política como um direito legal interessa aos conservadores. Reduz o peso da soberania popular e desconstitui o sufrágio como universal”.

“Ganha com a mudança quem deseja o povo como ‘maioria silenciosa’, gigante adormecido, aglomerado de consumidores”. Assim, “a redução da universalidade do sufrágio se expressa como exclusão social e elemento efetivo de cristalização do poder nas mãos da ‘classe política’”.

“No quadro brasileiro atual, o voto facultativo é uma das faces (a mais simpática) da investida conservadora”.

“Para o cidadão ativo, (...) a liberdade de não ir votar é [portanto] uma armadilha”.

“Para que o sufrágio continue universal, para que todo poder emane do povo e não dos donos do poder econômico, o voto, além de um direito, deve conservar a sua condição de um inarredável dever civil”.

► **Com base no que você leu, é possível saber que tipo de leitor compõe o auditório visado?**

Pela linguagem utilizada, assim como pela tese e pelos argumentos usados em sua defesa, pode-se deduzir que o articulista se dirige à parte da “opinião pública” que, não se definindo como conservadora já de início, defende saídas para a crise compatíveis com princípios democráticos. Tudo indica, portanto, que o auditório visado é o dos assim chamados “cidadãos de bem”, ou seja, aqueles efetivamente comprometidos com o bem comum; e que, no artigo, vêm nomeados como “cidadãos ativos”.

- ▷ Em seguida, discuta coletivamente as respostas, anotando as mais adequadas na lousa.

2ª etapa

Outros artigos

atividades

- ▷ Sugira aos alunos que procurem em jornais, revistas ou internet outros artigos de opinião. Ao longo das oficinas, leia-os com a turma. A leitura deve começar pela exploração do título. Do que trata o texto? Como imaginam que o articulista vai abordar o assunto?
- ▷ Antecipando possíveis dificuldades quanto aos assuntos e ao vocabulário, você poderá preparar a leitura levando material de apoio, como informações relacionadas aos temas e conceitos abordados. Isso ajudará o aluno a se familiarizar com o assunto e facilitará a leitura e a compreensão do texto.

oficina

90
pontos de vista





O esquema argumentativo

▶ objetivo

- Analisar o esquema argumentativo e a organização textual de um artigo de opinião.

▶ prepare-se!

O que compõe o núcleo de uma argumentação? Qual a importância dos dados, da conclusão e da justificativa num artigo de opinião? Para que possa trabalhar com os alunos, é necessário que você domine esses conceitos. Leia atentamente esta oficina antes de colocar em prática as atividades com os alunos.

- ▶ Coletânea de artigos de opinião (PDF)
- ▶ Áudio de artigos de opinião
- ▶ Datashow

1ª etapa

Análise da organização do texto

Considerando que um texto dissertativo em geral pode ser dividido em introdução, desenvolvimento e conclusão, discuta com os alunos a organização geral do artigo assinado por Léo Lince (página 84).

Uma divisão possível desse texto, do ponto de vista da organização dissertativa, seria a seguinte:

Introdução (parágrafo 1) — O autor *constata* o mal-estar provocado pelo voto obrigatório, mas contesta a ideia de que o voto facultativo não só eliminaria esse incômodo mas, ainda, corrigiria distorções do nosso sistema eleitoral.

Desenvolvimento (parágrafos 2 a 8) — Nesta seção, Lince argumenta em defesa de sua tese em duas frentes: contestando as supostas vantagens do voto facultativo; e desenvolvendo argumentos em defesa do voto obrigatório.

Se quiser retomar a organização geral dessa seção, confira as sugestões dadas, na oficina anterior, para uma resposta à questão “Quais são os argumentos principais? Como vêm desenvolvidos?” (página 88).

Conclusão (parágrafo 9).



O jornalista (re)apresenta as ideias que defende. Agora, formuladas como conclusão fundamentada em todo o raciocínio desenvolvido ao longo do artigo: “Para que o sufrágio continue universal, para que todo poder emane do povo e não dos donos do poder econômico, o voto, além de um direito, deve conservar a sua condição de um inarredável dever civil”.

atividades

- ▷ Peça aos alunos que releiam silenciosamente o artigo de Léo Lince. Diga-lhes que o objetivo, agora, será analisar como ele está organizado, do ponto de vista da argumentação. Que raciocínio o autor desenvolve? Que partes o compõem? Como cada uma delas se articula com as demais?
- ▷ Para auxiliar nessa análise, tome como base o esquema desenvolvido pelo filósofo britânico Stephen Toulmin para descrever os componentes de uma argumentação e explicar as relações que se estabelecem entre eles. Para fins didáticos, o esquema foi ligeiramente adaptado.

A estrutura do argumento, de acordo com Toulmin



Stephen Toulmin. 1958 (1ª ed.). *Os usos do argumento*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Ferramentas)

Acompanhe a explicação passo a passo:

- D** – É o conjunto de **Dados**, ou seja, de *fatos*, indícios, informações etc., que o argumentador toma como ponto de partida para o seu raciocínio. No texto, os dados dos quais Léo Lince parte para desenvolver seu artigo são os fatos citados no primeiro parágrafo: o incômodo gerado pela obrigatoriedade do voto e as “armadilhas” envolvidas na proposta do voto facultativo.
- C** – É a **Conclusão** a que o argumentador quer chegar, ou seja, a tese que pretende defender, em relação aos argumentos usados como base para o artigo. Nesse sentido, Lince quer nos levar à conclusão que identificamos na oficina anterior: “Para que o sufrágio continue universal, para que todo poder emane do povo e não dos donos do poder econômico, o voto, além de um direito, deve conservar a sua condição de um inarredável dever civil”.
- J** – É o conjunto de **Justificativas**, ou seja, de *argumentos* propriamente ditos, que o argumentador reúne e analisa com o objetivo de sustentar a conclusão ou tese. No artigo aqui analisado, os principais argumentos são aqueles apresentados na seção do texto que denominamos “Desenvolvimento”.

S – É o **Suporte** (para os Dados ou para as Justificativas), ou seja, o conjunto de informações ou argumentos complementares que ajudam o argumentador a reforçar ou os Dados e fatos de que parte ou, ainda, as Justificativas que apresenta. Alguns dos argumentos desenvolvidos ao longo do artigo funcionam como suporte para outros, de forma que a conclusão ou justificativa final vem amparada por todo um esquema argumentativo. No artigo de Léo Lince, um bom exemplo de suporte aparece no parágrafo 2: o argumento “O quadro atual, marcado pelo desencanto com a política e pela descrença no voto como instrumento de mudança, [...] também joga água no moinho dos que defendem o voto facultativo” é um reforço ao argumento anterior “A coerção que encurrala eleitores [...] tem a ver com o peso do poder econômico”. Já no parágrafo 5, as informações históricas e filosóficas sobre o que é o poder republicano têm a função de reforçar o argumento, desenvolvido no parágrafo anterior, “Quem vive numa comunidade política não pode estar desobrigado de opinar sobre seus rumos”.

M – É o **Modalizador**, a palavra ou expressão por meio da qual o argumentador manifesta determinada atitude em relação à conclusão que pretende levar o leitor a aceitar: “é certo que”, “necessariamente”, “talvez”, “é provável/possível que”, “na medida em que” etc. Alguns exemplos, no artigo de Léo Lince:

“Este fato, indiscutível, favorece os defensores do voto facultativo” (parágrafo 1)

“[...] algumas distorções que, de fato, existem em nosso sistema eleitoral” (parágrafo 1)

“Ou seja, sendo obrigatório ou facultativo, o voto pode se tornar mercadoria” (parágrafo 2)

“Falsa conquista, [...] que pode comprometer a realização do princípio republicano da soberania popular” (parágrafo 3)

“O voto [...] deve ser considerado um dever” (parágrafo 4)

R – É a **Refutação**, ou seja, a contestação que seria possível fazer ao raciocínio do argumentador, mas ela somente é citada para mostrar como e por que ela não procede. Assim, a Refutação funciona como um recado ao adversário: “Eu sei que você pode dizer que... mas esse contra-argumento não é válido, por tais e tais motivos”. Em seu raciocínio, Lince antecipa e contesta contra-argumentos possíveis à sua tese desde o primeiro parágrafo. Portanto, todo o artigo pode ser entendido como uma longa refutação à defesa do voto facultativo.

Os DADOS, a CONCLUSÃO e a JUSTIFICATIVA compõem o núcleo de uma argumentação. Em muitos casos, o raciocínio resume-se a eles. Veja, como exemplo, uma argumentação contrária à transposição das águas do rio São Francisco.

Diante do projeto do governo federal de transpor as águas do rio São Francisco (D), quero dizer que isto seria um crime ambiental (C). A atual vazão do rio, drasticamente diminuída por seu crescente assoreamento, não suportará o bombeamento de águas previsto (J).

Entretanto, o SUPORTE para os Dados ou Justificativas, o MODALIZADOR e a REFUTAÇÃO também podem agregar-se a uma argumentação, com o objetivo de lhe dar mais consistência ou eficácia, do ponto de vista de um auditório específico.

A linha pontilhada do gráfico que liga os Dados à Conclusão indica que existe uma relação lógica indireta desses dois elementos dentro do esquema argumentativo. Ela é indireta justamente porque precisa ser estabelecida ou demonstrada por meio de argumentos coerentes e convincentes. Já as linhas cheias indicam relações lógicas diretas e necessárias entre os Dados e os argumentos que os complementam e reforçam, ou seja, as Justificativas e o Suporte.

É preciso estar atento, portanto, às relações que se estabelecem entre as partes de um texto argumentativo para detectar adequadamente “quem é quem” e também para avaliar se elas efetivamente funcionam, no conjunto, como Dados, Justificativas, Conclusão. Vale ressaltar que nenhuma oração, período ou trecho é, independentemente dessas relações, uma Conclusão, um Dado ou uma Justificativa. Os elementos articuladores, que serão abordados da Oficina 10 em diante, também desempenham um papel importante nesse processo.

Organização geral para o texto dissertativo: introdução, desenvolvimento e conclusão

Textos dissertativos podem ser predominantemente expositivos ou argumentativos.

No primeiro caso, a finalidade principal da escrita é apenas esclarecer e/ou explicar um conceito ou noção, analisar um fato, apresentar resultados de uma pesquisa etc., de acordo com critérios já estabelecidos ou inerentes ao próprio assunto e sem maiores desdobramentos. Entretanto, quando o texto dissertativo é, antes de tudo, argumentativo, como o artigo de opinião, qualquer análise, explicação ou comentário está a serviço da defesa de uma tese; portanto, funciona como um argumento que apoia ou contesta uma opinião, uma tese, um julgamento, uma avaliação etc.

Em ambos os casos, o texto dissertativo tende a se organizar em três grandes partes (introdução, desenvolvimento e conclusão), que, *grosso modo*, correspondem, respectivamente, às decisões tomadas pelo articulista a respeito de como começar o seu texto, dar a ele a melhor sequência e, por fim, “passar a palavra”, com a convicção de “ter dado o recado”.

Num texto argumentativo, a introdução cumpre várias funções: apresenta o assunto; aponta, direta ou indiretamente, a questão polêmica; situa essa questão no tempo e no espaço (contextualização); especifica o âmbito do debate (a dimensão ética da corrupção; os prejuízos causados à economia; os danos morais e/ou pedagógicos, do ponto de vista das crianças e dos jovens...); indica, direta ou indiretamente, quem são seus interlocutores (parceiros e/ou apoiadores, adversários, os próprios leitores); esclarece as motivações do articulista (“Escrevo esse artigo porque...” etc).

Em muitos casos, a opinião, ou seja, a tese defendida no texto, aparece já na introdução, numa estratégia de “ir direto ao ponto”. Em outros casos, a tese só se formula durante o desenvolvimento e/ou na conclusão, como consequência necessária do raciocínio elaborado: é exatamente quando o leitor está pronto a admitir essa consequência que ela é apresentada. Por fim, o articulista pode arriscar-se a nem sequer explicitar sua tese: sua confiança nos argumentos expostos e na sua sintonia com quem acompanha seu raciocínio é tão grande que ele “deixa o leitor tirar suas próprias conclusões”. A escolha por esta ou aquela via definirá uma parte importante da estratégia argumentativa. E estabelecerá com os leitores uma interação própria.

Já o desenvolvimento é a parte do artigo em que o articulista explica e justifica as posições e a opinião dele sobre o assunto – apresentando argumentos, indicando as condições em que devem ser recebidos (“é certo”; “é provável”; “é possível”; “em tais ou quais situações” etc.), expressando convicções, esclarecendo o sentido de algum vocábulo importante, analisando e avaliando fatos, examinando dados de pesquisas, resumindo e contestando posições contrárias defendidas por adversários etc. Assim, a principal função do desenvolvimento é reunir e examinar informações que sirvam de argumentos adequados para a sustentação da tese.

Finalmente, como o próprio nome indica, a conclusão não é apenas o fechamento do texto, mas, principalmente, o ponto de chegada de todo o raciocínio desenvolvido. A função principal da conclusão é (re)apresentar explicitamente a opinião do articulista. Mesmo que ela já tenha aparecido na introdução – ou, menos provavelmente, no desenvolvimento –, é na conclusão, ou seja, depois de todo um adequado trajeto argumentativo, que ela aparece como opinião fundamentada e, portanto, como tese. Por isso mesmo essa é a hora certa de o autor do artigo “passar a palavra”.

2ª etapa

Comparação

atividade

- ▷ No final, compare a análise feita do artigo “Em defesa do voto obrigatório” com as informações do quadro “Organização geral para o texto dissertativo”. Mostre aos alunos – ou crie atividades que os levem a perceber – que os Dados aparecem na introdução; as Justificativas (com ou sem Suporte) constituem o núcleo do desenvolvimento; e a (re)apresentação da tese é a parte principal da Conclusão. Com muita frequência, esse mesmo padrão pode ser observado em textos dissertativos de caráter argumentativo, especialmente no artigo de opinião. Uma forma de fazer essa análise é projetar o texto na parede e propor aos alunos, coletivamente, que reconheçam os trechos que pertencem a cada parte do artigo.



8 oficina





Questão, posição e argumentos

▶ objetivo

- Reconhecer questões polêmicas e analisar a argumentação do autor.

▶ prepare-se!

Você acompanha as notícias sobre os refugiados, em vários países do mundo? Sabia que muitos brasileiros emigram para países da Europa, para os Estados Unidos e para o Japão, enfrentando grandes dificuldades nesses destinos? Conhece a realidade daqueles que vêm para o Brasil fugindo de guerras, de dificuldades econômicas e de perseguições políticas em seus países de origem? Tem informações sobre o tratamento que dispensamos a bolivianos, haitianos e sírios, entre outros que optaram por viver em nosso país?

- ▶ Coletânea de artigos de opinião (PDF)
- ▶ Áudio de artigos de opinião
- ▶ Datashow

Sobre a oficina

Nesta Oficina, seus alunos lerão uma notícia e um artigo de opinião. A primeira aborda diretamente o tema dos refugiados haitianos no Brasil e do tratamento dispensando a muitos deles; já o segundo, refere-se ao assunto para inseri-lo num debate sobre exclusão, desigualdade e discriminação social no Brasil. Antes da leitura, entretanto, você os estimulará a conversar a respeito das duas questões e dos pontos em comum entre elas. Para ajudá-los, leve para a sala outras matérias pertinentes, para subsidiar o debate.

Para o tema da imigração, o artigo “Os outros somos nós”, da historiadora Lena Medeiros de Menezes pode ajudar. Publicado na *Revista de História da Biblioteca Nacional*, o texto trata da imigração no Brasil, procurando mostrar o quanto o convívio com outras culturas foi e continua sendo importante para a formação da nossa identidade. Assim, o estrangeiro imigrante, venha de onde vier, é sempre bem-vindo disponível em <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos-revista/os-outros-somos-nos>>.

Entretanto, em nossa imprensa diária, assim como nas mídias eletrônicas, não faltam notícias sobre maus tratos a imigrantes de países pobres e a refugiados no Brasil. Em muitos casos, essas matérias referem-se a situações de intolerância, preconceito, discriminação e exclusão, especialmente no caso de bolivianos e haitianos. Reunindo algum material jornalístico a esse respeito, facilmente encontrável na internet, você poderá promover uma boa discussão sobre as diversas formas de tratamento a diferentes tipos de (i)migrantes no Brasil. Caso considere útil, informe os alunos de que os temas aqui estudados voltarão a ser abordados no artigo “Tã com dô do refugiado? Leva pra casa...”, de Leonardo Sakamoto, programado para a Oficina 11.

Já no que diz respeito às desigualdades econômico-sociais do país, apontadas por todos os índices nacionais e internacionais, você pode recorrer a matérias como “Desigualdade social”, do sociólogo Orson Camargo (<http://brasilecola.uol.com.br/sociologia/classes-sociais.htm>) e “Violência urbana no Brasil: as vítimas e os criminosos”, do professor Guilherme Almeida Borges, da UnB, sobre vítimas da violência urbana no Brasil: (<http://www.mundojovem.com.br/artigos/violencia-urbana-no-brasil-as-vitimas-e-os-criminosos>).

1ª etapa

A notícia e o artigo de opinião

Nesta etapa será analisado o esquema argumentativo do artigo “Do chumbinho nos haitianos aos protestos de domingo”, escrito por Mônica Francisco, visando identificar, no corpo do texto, a questão polêmica, a tese defendida pelo autor, os argumentos por ela utilizados para fazer valer seu ponto de vista, as refutações a possíveis contra-argumentos, a maneira com que estabelece sua conclusão (diretamente ou por meio de um modalizador). Antes, porém, vamos analisar uma notícia diretamente relacionada a esse artigo: “Haitianos foram feridos com bala de chumbinho, diz secretaria de Saúde”.

atividades

- ▷ Divida os alunos em grupos e apresente a Coletânea. Peça-lhes que, antes de iniciarem a leitura, digam o que sabem e o que pensam a respeito.
- ▷ Em seguida, peça que leiam a notícia da próxima página.

Haitianos foram feridos com bala de chumbinho, diz secretaria de Saúde

Grupo foi atacado no Glicério, região central de São Paulo, no dia 1º; uma das suspeitas é de xenofobia

O Estado de S. Paulo

10/8/2015

SÃO PAULO – A Secretaria Municipal de Saúde confirmou nesta segunda-feira, 10, que os seis haitianos feridos no Glicério, centro da capital, no dia 1º foram alvo de balas de chumbinho. Eles foram atingidos nas pernas e não correm riscos. Uma das suspeitas é de que eles tenham sido alvos de **xenofobia**.

Três das vítimas fizeram exames nesta segunda no Hospital Municipal do Tatuapé, na zona leste. Dois deles, de acordo com a pasta, passarão por cirurgias para extrair estilhaços das balas. Outro haitiano ainda será novamente avaliado pelos médicos.

A Secretaria Estadual de Segurança Pública informou que o 1º Distrito Policial (Sé) está apurando o caso. Segundo a pasta, “a polícia está colhendo o depoimento dessas vítimas e de testemunhas e não irá revelar detalhes para não comprometer a investigação”.

O grupo de haitianos, relatam as próprias vítimas, foram alvos de vários ataques. O padre Paolo Parisi, da Igreja Nossa Senhora da Paz, no Glicério, disse que a maioria dos atingidos pelos disparos não se conheciam. Imagens das câmeras de vigilância do comércio local também foram requisitadas pelos investigadores.

Rigor. Felipe González, relator sobre direitos dos migrantes da Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (OEA), disse que é necessária uma investigação “rápida e rigorosa” sobre o caso. “Para saber, ao final, se há ou não motivos xenofóbicos”, disse ele nesta segunda-feira, 10. González está em São Paulo para debates sobre **políticas migratórias**.

O Congresso Nacional discute atualmente uma nova Lei de Migrações para substituir o Estatuto do Estrangeiro, aprovado em 1980, ainda na época da ditadura militar. Aprovado no Senado em julho, o projeto da Lei de Migrações deve começar a ser votado na Câmara no segundo semestre.

Segundo ativistas da área, alguns dos avanços da proposta é a redução de **burocracias** para migrantes, além de garantias ao acesso à justiça e reunião familiar. Com a mudança, a política migratória deixa de ser da segurança nacional e passa a integrar a área de direitos humanos. Para Felipe González, porém, seria importante também criar uma autoridade civil que pudesse tratar do controle migratório, além da Polícia Federal.

Disponível em <<http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,haitianos-foram-feridos-com-bala-de-chumbinho-diz-secretaria-de-saude,1741549>>. Acesso em 17/1/2016.

atividades

- ▷ Converse com os alunos sobre a notícia. Informe-os de que, no *site* do jornal o *Estado de S. Paulo*, de onde ela foi extraída, há matérias relacionadas, com manchetes como: “Governo vai pedir ajuda para evitar tráfico de haitianos por ‘coiotes’”. Pergunte a eles o que essa manchete estaria indicando, a respeito de como recebemos refugiados haitianos. Como estratégia de exploração de vocabulário específico, ajude-os a esclarecer o sentido de termos como “coiote”, “xenofobia”, “políticas migratórias”, “burocracia” e outros.
- ▷ Em seguida, proponha aos alunos que leiam atentamente o artigo “Do chumbinho nos haitianos aos protestos de domingo”: qual seria a questão polêmica? Que tese a articulista defende a respeito dessa questão? Que argumentos utiliza? Recorre a suportes para os argumentos? Quais? Confira antes a análise proposta na página 108.
- ▷ Solicite-lhes que identifiquem esses dados no próprio texto. Você também poderá projetar o texto na parede e fazer os grifos coletivamente. Se achar pertinente, recorra à leitura em voz alta desse artigo, no áudio.
- ▷ Ao conduzir esse estudo coletivo, chame a atenção dos alunos para o sentido de palavras e expressões como as que vêm destacadas no texto.
- ▷ As frases e/ou expressões sublinhadas são as que melhor resumem o conteúdo do parágrafo em que aparecem.

Do chumbinho nos haitianos aos protestos de domingo

Mônica Francisco
Jornal do Brasil – 16/8/2015

Referência à canção “Dias melhores”, de Jota Quest.

1 Minha mãe dizia que o mundo só é ruim para quem não sabe esperar. Neste mundo acelerado, de respostas instantâneas para tudo, de tudo ao alcance em um só clique, de emoções e sentimentos voláteis e breves, alguns de nós batalhamos para não perdermos a humanidade e a capacidade de esperar, como diz a canção, “dias melhores pra sempre”.

Duas alusões à escassez de água no Sudeste, à época.

2 Os tais dias de paz que a outra parte da mesma canção nos provoca a pensar e refletir, se de fato eles virão. Aquela humanidade que nos distingue das outras espécies, parece por vezes chegar no seu volume morto (pra não perder de vista a crise hídrica) e fazer com que esta esperança quase se desvaneça.

3 Abrir as páginas dos jornais, sejam on line ou impressos, ver postagens que dão conta de duas dezenas de pessoas assassinadas, ler postagens ininterruptas de tiroteios que assombram o Complexo do Alemão, nos dão a certeza de que algo precisa urgentemente mudar neste país.

Conjunto de quinze comunidades do Morro do Alemão, Zona Norte do Rio de Janeiro.

4 Relatórios oficiais de governos estrangeiros, como o dos EUA, da Anistia Internacional, do Mapa da Violência 2015, enfim, um sem número de dados oficiais, que fazem de nós uma nação que ainda continua perpetuando a tortura e o assassinato de parte da população, e de maneira sistemática, percebe-se embutido aí um desejo franco de limpeza étnica travestida de guerra à drogas e combate ao crime.

5 Não estamos em guerra, não temos fundamentalista armados até os dentes querendo tomar o controle estatal (até agora). Não é possível a produção em ritmo fordista de tantas mortes seletivas e monocromáticas.

6 Discursos higienistas, xenofóbicos, ditos por empreiteiros sem o menor sintoma de constrangimento. Promover cerceamento de “tipos” ou “categorias” de pessoas na circulação da cidade, ou na presença em determinados espaços, isto sim é a prática nossa de cada dia.

7 Não podemos nos permitir a conviver de maneira natural e sistemática com esta barbárie. Nossa leniência com este assunto vai nos custar caro demais, ou melhor, já está nos dando um quadro atarrador do que é viver com este nível de violência no Brasil. Violência seletiva, que mata negros e não brancos, pobres e de áreas desfavorecidas.

8 O pior é que tudo isso, aliado ao discurso hipnótico e paralisador do “somos todos brasileiros”, “no Brasil ninguém é branco” ou o indefectível “ não somos racistas” acrescentando à esse o “não somos xenófobos”, somos um país miscigenado, multicolorido, misturado, aqui temos povos de todo mundo, recebemos todos de braços abertos.

9 Pois bem, tudo isso se desvanece ao termos haitianos espancados, atingidos por disparos (ainda que de armas com munição como o “chumbinho”), índios queimados, chamados de fedorentos e meninos e homens negros espancados até a morte.

10 Isso tudo precisa de alguma maneira ser estancado, não encontro melhor definição. Alguns vão às ruas neste domingo, buscando a manutenção de privilégios seculares. Isso mostra claramente não só uma rejeição a um governo, mostra claramente quem não faz parte do Brasil oficial, que deveria ser de direitos para todos e não de privilégios para alguns.

P.S.: Não esqueci das **Margaridas**, voltaremos a elas em breve.

“A nossa luta é todo dia. Favela é cidade. Não aos Autos de Resistência, à GENTRIFICAÇÃO, à REDUÇÃO DA MAIORIDADE PENAL, ao RACISMO, ao RACISMO INSTITUCIONAL, ao VOTO OBRIGATÓRIO, ao MACHISMO, À VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER e à REMOÇÃO!”

Mônica Franciso é membro da Rede de Instituições do Borel, Coordenadora do Grupo Arteiras e Consultora na ONG Asplande. (Twitter/@MncaSFranciso)

Disponível em <<http://www.jb.com.br/comunidade-em-pauta/noticias/2015/08/16/do-chumbinho-nos-haitianos-aos-protestos-de-domingo>>

Grupo organizado de mulheres trabalhadoras rurais, extrativistas, indígenas ou quilombolas que lutam por desenvolvimento sustentável com democracia, justiça, autonomia, igualdade e liberdade. Na ocasião em que o artigo foi escrito tinham acabado de realizar a 5ª Marcha das Margaridas em Brasília, a maior manifestação de mulheres da América Latina.



Análise do texto

“Do chumbinho nos haitianos aos protestos de domingo”

A análise que apresentamos a seguir é dirigida a você, professor. Ela poderá ajudá-lo a mediar o estudo de texto a ser feito em sala de aula. Assim, você poderá exercitar a compreensão dos alunos, elaborando coletivamente tanto uma síntese quanto um esquema do texto.

Como é frequente em artigos de opinião, este foi escrito no calor da hora: no caso, a crise política nacional de 2015 e, em especial, os protestos de diferentes setores da sociedade, em torno de valores e interesses conflitantes. Originalmente publicado no *Jornal do Brasil*, o artigo persegue um claro objetivo: denunciar as urgências sociais do país, relacionadas a nossas desigualdades sociais, conclamando o leitor a uma tomada de posição. Seu ponto de partida são matérias recentes sobre dificuldades dos haitianos no país, como a notícia que acabamos de ler.

A estratégia argumentativa da autora pode ser descrita, resumidamente, nos seguintes termos:

- » Numa espécie de depoimento em primeira pessoa, a jornalista evoca a sabedoria popular, dando voz a um provérbio, repetido por sua mãe, que enaltece o valor da paciência para uma vida feliz. Logo em seguida, contrasta esse mundo com a pressa e a velocidade contemporâneas, com a conseqüente dificuldade de preservar-se, hoje, a esperança, a paciência e a humanidade. As referências a “este mundo acelerado” — assim como às injustiças que o caracterizam, abordadas por ela mais adiante — constituem, então, o **Dado (D)** da argumentação da autora. Nesse mesmo momento, uma nova voz se faz ouvir: a canção “Dias melhores”, de Jota Quest, citada por meio de um de seus versos, e que anuncia a direção argumentativa pretendida por Mônica Francisco: a luta pela igualdade social. Se houver tempo para tanto, leve para a sala de aula a letra da canção (<https://letras.mus.br/jota-quest/46686/>). Se conseguir uma gravação, aproveite para promover uma audição coletiva. Você não terá dificuldades de encontrar vídeos com a canção na internet.
- » Mencionando a “outra parte da mesma canção”, no segundo parágrafo, a jornalista traz à cena a falta da paz, cantada por Jota Quest, típica de nossas grandes e médias cidades. E compara essa carência de humanidade à crise hídrica da região Sudeste, provocada, segundo especialistas nacionais e internacionais, por má gestão desse recurso natural. Essa perspectiva da luta pela paz e pela felicidade é a primeira **Justificativa (J)** dada para a conclusão a que se chegará.

- » Nos três parágrafos seguintes, o artigo aponta o noticiário da mídia e os relatórios de organizações internacionais, que, informando sobre torturas, assassinatos diários e tiroteios que amedrontam favelas cariocas, evidenciam nossa violência urbana cotidiana. Lembrando que não estamos em situação de guerra declarada, Mônica denuncia o ritmo inaceitavelmente veloz dessas mortes, assim como o seu caráter de limpeza étnica.
- » Do sexto ao oitavo parágrafos, a violência seletiva (por só se abater sobre negros, não brancos, pobres e desfavorecidos) das cidades brasileiras aparece nas vozes tanto dos que defendem posições higienistas e xenofóbicas quanto nos discursos que mascaram nossa violência pela ideologia da miscigenação e do caráter supostamente pacífico e cordial do brasileiro.
- » Nos dois parágrafos seguintes, a articulista atualiza a discussão, referindo-se, de um lado, a episódios recentes como os espancamentos e disparos contra haitianos; e, de outro, aos “protestos de domingo” (20/8/2015), supostamente promovidos pelas classes médias das grandes cidades e interpretados pela jornalista como em defesa de “privilégios seculares”.
- » Portanto, do terceiro ao nono parágrafos o artigo traz à tona uma série de informações sobre violência, desigualdade e discriminação no Brasil. Todas elas funcionam como **Justificativas (J)** que, dando **Suporte (S)** umas às outras, apontam para uma urgência: “Isto tudo precisa de alguma maneira ser estancado”. Assim, esta é a **Conclusão (C)** do artigo, conclamando o leitor e o auditório envolvidos no debate a posicionar-se.
- » Um P.S. (abreviatura latina para *post scriptum*, “depois do escrito”) e um conjunto de palavras de ordem, no rodapé do texto, lembram o leitor que a discussão não se encerra ali.

A argumentação desenvolvida no artigo revela-se, portanto, própria de alguém diretamente envolvido nas questões abordadas e combativamente participante. Articulista do *Jornal do Brasil*, Mônica Francisco de fato atua em organizações não governamentais que apoiam populações de comunidades populares e/ou em situação de risco. Em seus artigos, combate todas as formas de exclusão e discriminação social, assim como os efeitos negativos da especulação imobiliária e da ocupação desordenada do espaço urbano (gentrificação). Dessa forma, você pode estimular seus alunos a perceber as estratégias argumentativas da autora, aqui analisadas, como uma manifestação de sua atuação profissional e cidadã.

2ª etapa

Contra-argumentação

Na etapa anterior foi trabalhada a argumentação. Agora, você irá ajudar seus alunos a exercitar a contra-argumentação.

atividades

- ▷ Estimule-os a contrapor-se aos argumentos do artigo “Do chumbinho nos haitianos aos protestos de domingo”, assumindo pontos de vista diferentes ou mesmo contrários aos de Mônica Francisco.
- ▷ Em linhas gerais, os alunos deverão tomar os dados de realidade apontados pela autora como sinais ou exemplos de problemas sociais que poderiam ser encarados e solucionados de outras formas. É possível argumentar, por exemplo, que a questão dos refugiados haitianos mereceria um tratamento à parte, por suas particularidades. Há quem pense, ainda, que a violência urbana não atinge só as camadas populares, assumindo formas próprias em diferentes camadas sociais. De acordo com muitas pesquisas, a violência doméstica atravessa todos os estratos sociais, dos mais ricos aos mais pobres. E a exclusão e a discriminação também atingiriam gays, mulheres, idosos e deficientes, independentemente de seu *status*. Assim, seria possível, por exemplo:
 - a) alegar que o artigo deixa de lado questões relevantes para a discussão da violência;
 - b) apontar e discutir esses outros aspectos do fenômeno;
 - c) argumentar no sentido de que tratar de refugiados e violência urbana num só artigo impede de tratar cada uma dessas questões com o interesse que merece etc.

- ▷ Chame a atenção dos alunos para a necessidade de, uma vez decidido o assunto a ser tratado, estabelecerem a tese (firmando claramente, portanto, o ponto de vista que dará coerência a todo o artigo) e elaborarem os argumentos que a defenderão. Recomende, então, que pesquisem, em livros, revistas, jornais e na internet diferentes opiniões e estudos sobre o tema escolhido.
- ▷ Divida a turma em pequenos grupos. Peça-lhes que conversem sobre a(s) tese(s) e os possíveis argumentos que utilizariam. Os alunos devem registrá-los para, num momento posterior, apresentá-los à classe. Lance questões para ajudá-los nesse desafio:
 - ▶ **A jornalista abordou todas as formas de violência e/ou injustiça social? Discutiu os problemas apontados com a devida consistência? Defendeu pontos de vista sempre corretos e aceitáveis? De acordo com a autora, “não estamos em guerra”; será? Há quem diga o contrário...**
 - ▶ **Homens, mulheres e gays vivem a realidade de que o artigo trata da mesma forma? Adultos, jovens e crianças sofrem os efeitos da violência da mesma maneira? Refugiados e favelados podem ser considerados em pé de igualdade?**
 - ▶ **Aquecidos pela discussão, os alunos deverão escrever um artigo de opinião que se contraponha ao de Mônica Francisco.**
- ▷ Para isso, podem começar o artigo referindo-se ao texto e/ou a sua autora:

“Em artigo publicado no *Jornal do Brasil*, Mônica Francisco afirma que precisamos estancar a violência contra os refugiados haitianos e setores desfavorecidos da população. Entretanto...”.
- ▷ Lembre-os que, ao escrever um artigo de opinião, o articulista deve conhecer os argumentos dos opositores e dialogar com eles, antecipando possíveis críticas. Dessa forma, pode contestar de modo mais eficaz os pontos de vista contrários aos seus, convencendo o leitor de sua posição. Nesse sentido, o artigo a ser produzido deve dialogar intensamente com as opiniões de Mônica Francisco e/ou de autores que defendam as mesmas ideias.

9

oficina





Sustentação de uma tese

▶ objetivo

- Construir argumentos para defender uma tese.

▶ prepare-se!

Nesta oficina você tomará contato com diferentes tipos de argumento. Fique atento para ajudar seus alunos a perceber que a escolha dos tipos de argumento mais convincentes depende do auditório.

1ª etapa

Tipos de argumento

Para escrever um artigo de opinião é preciso, antes de tudo, ter uma tese muito clara para defendê-la diante de uma questão polêmica. Afinal, toda a organização textual do artigo, assim como sua consistência, estarão subordinadas à defesa dessa tese. Por isso, todo o artigo deve poder ser resumido por um argumento central. É com esse argumento que o autor articula sua opinião pessoal (a tese ou a conclusão de seu raciocínio e os dados e as justificativas que a sustentam).

Assim, é necessário, para escrever um bom artigo de opinião, utilizar argumentos consistentes e bem fundamentados, pois são mais fortes e convincentes. O autor do artigo tem de informar ao leitor quais as razões que o levaram a tomar determinada posição, evitando motivos superficiais ou sem justificativa, do tipo “porque ninguém que eu conheço discorda”, “porque ouvi dizer”, “porque todo mundo pensa assim”, “porque na vizinhança todos dizem” etc.

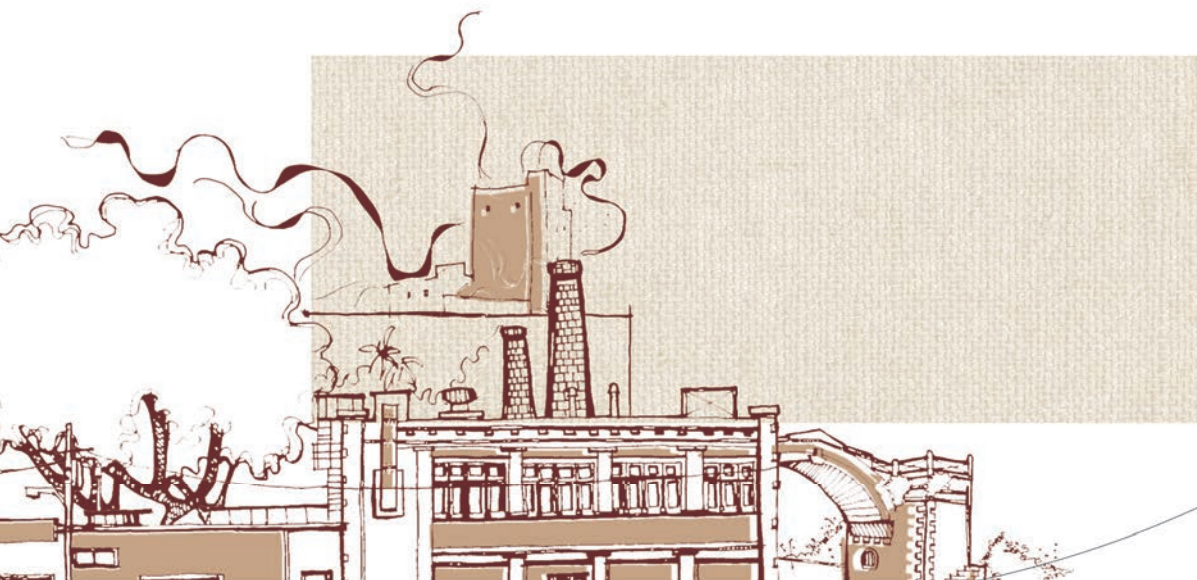
O articulista precisa, então, definir seus argumentos de acordo com o tema escolhido e, portanto, também de acordo com o público (o auditório) para quem escreve: um artigo para um jornal de economia, por exemplo, deverá apoiar-se em conceitos e valores da área, assim como em dados estatísticos, entre outros; para defender uma lei que esteja sendo criada, um articulista deve citar exemplos de situações em que a sua aplicação trouxe melhorias; num debate sobre novos costumes, terá de evocar valores, lembrar dados históricos e fazer análises comparativas; e assim por diante. Quanto mais o articulista dominar o tema sobre o qual está escrevendo e conhecer o perfil e as expectativas do auditório a quem se dirige, maiores serão as chances dele de elaborar uma estratégia argumentativa eficaz.



Parte dessa estratégia consiste em perceber com precisão que tipo(s) de argumento pode(m) funcionar melhor no contexto do debate. Com base na relação lógica estabelecida entre os dados, as justificativas e a conclusão ou tese tem-se um tipo de argumento, conforme exemplifica o quadro “Tipos de argumento”, nas páginas 116 e 117.

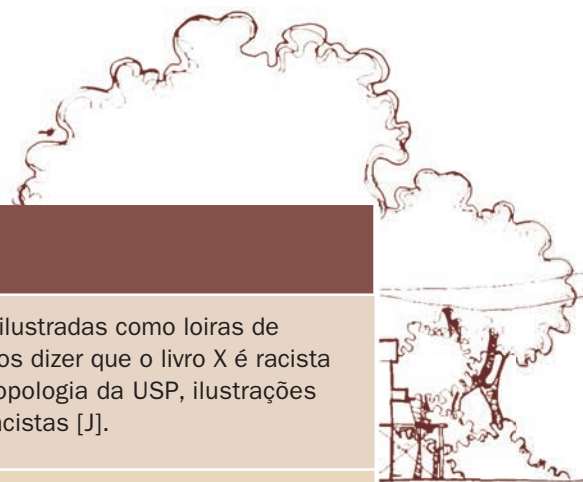
atividades

- ▷ Providencie cópias desse quadro e faça uma leitura comentada para que seus alunos conheçam os diferentes tipos de argumento.
- ▷ Em seguida, organize a classe em duplas. Selecione um dos artigos da Coletânea e, depois de lê-lo coletivamente, peça aos alunos que identifiquem o argumento central do artigo e, com base no quadro, classifique-o.
- ▷ Você pode ajudá-los fazendo perguntas do tipo:
 - ▶ **A que área ou setor (educação, política, ciência, economia etc.) o artigo e seus argumentos estão associados?**
 - ▶ **Qual é a relação lógica (de princípio, exemplificação, autoridade, causa e consequência, comparação ou evidência) que se estabelece entre dados, justificativas e conclusão?**
 - ▶ **Como vocês chegaram a esse resultado? Há alguma indicação no texto para essa resposta?**



Quadro – Tipos de argumento

Tipos de argumento	Explicação
Argumento de autoridade	No argumento de autoridade, o auditório é levado a aceitar a validade da tese ou conclusão [C] defendida a respeito de certos dados [D], pela credibilidade atribuída à palavra de alguém publicamente considerado autoridade na área [J].
Argumento por evidência	No argumento por evidência, pretende-se levar o auditório a admitir a tese ou conclusão [C], justificando-a por meio de evidências [J] de que ela se aplica aos dados [D] considerados.
Argumento por comparação (analogia)	No argumento por comparação, o argumentador pretende levar o auditório a aderir à tese ou conclusão [C] com base em fatores de semelhança ou analogia [J] evidenciados pelos dados [D] apresentados.
Argumento por exemplificação	No argumento por exemplificação, o argumentador baseia a tese ou conclusão [C] em exemplos representativos [D], os quais, por si sós, já são suficientes para justificá-la [J].
Argumento de princípio	No argumento de princípio, a justificativa [J] é um princípio, ou seja, uma crença pessoal baseada numa constatação (lógica, científica, ética, estética etc.) aceita como verdadeira e de validade universal. Os dados apresentados [D], por sua vez, dizem respeito a um fato isolado, mas, aparentemente, relacionado ao princípio em que se acredita. Ambos ajudam o leitor a chegar a uma tese, ou conclusão, por meio de dedução.
Argumento por causa e consequência	No argumento por causa e consequência, a tese, ou conclusão [C], é aceita justamente por ser uma causa ou uma consequência [J] dos dados [D].



Exemplo

No livro didático X, as personagens que praticam boas ações são sempre ilustradas como loiras de olhos azuis, enquanto as más são sempre morenas ou negras [D]. Podemos dizer que o livro X é racista [C], pois, segundo o antropólogo Kabengele Munanga, do Museu de Antropologia da USP, ilustrações que associam traços positivos apenas a determinados tipos raciais são racistas [J].

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio (PNAD) de 2008, o telefone, a televisão e o computador estão entre os bens de consumo mais adquiridos pelas famílias brasileiras [D]. Esses dados mostram que boa parte desses bens de consumo está ligada ao desejo de se comunicar [C]. A presença desses três meios de comunicação entre os bens mais adquiridos pelos brasileiros é uma evidência desse desejo [J].

A quebra de sigilo nas provas do Enem 2009, denunciada pela imprensa, nos faz indagar quem seriam os responsáveis [D]. O sigilo de uma prova do Enem deve pertencer ao âmbito das autoridades educacionais – e não da imprensa [C]. Assim como a imprensa é responsável por seus próprios sigilos, as autoridades educacionais devem ser responsáveis pelo sigilo do Enem [J].

Vejam os exemplos de muitas experiências positivas – Jundiá (SP), Campinas (SP), São Caetano do Sul (SP), Campina Grande (PB) etc. – sistematicamente ignoradas pela grande imprensa [D]. Tantos exemplos levam a acreditar [J] que existe uma tendência predominante na grande imprensa do Brasil de só noticiar fatos negativos [C].

A derrubada dos índices de mortalidade infantil exige tempo, trabalho coordenado e planejamento [J]. Ora, o índice de mortalidade infantil de São Caetano do Sul, em São Paulo, foi o que mais caiu no país [D]. Portanto, São Caetano do Sul foi o município do Brasil que mais investiu tempo, trabalho coordenado e planejamento na área [C].

Não existem políticas públicas que garantam a entrada dos jovens no mercado de trabalho [D]. Assim, boa parte dos recém-formados numa universidade está desempregada ou subempregada [C]. O desemprego e o subemprego são uma consequência necessária das dificuldades que os jovens encontram de ingressar no mercado de trabalho [J].

Observações importantes

1. Na elaboração do texto argumentativo, a ordem dos fatores altera o produto, mas não elimina a argumentação; apenas produz efeitos diferentes sobre o auditório. O autor pode escolher “ir direto ao ponto”, apresentando sua tese ou conclusão logo de cara. Já num contexto em que o argumentador considera que seus adversários ignoram um princípio fundamental, pode preferir começar o texto lembrando ao público, antes de tudo, esse mesmo princípio com base no qual tentará convencer o auditório de uma tese. Por fim, o autor pode entrar num debate apresentando, em primeiro lugar, os dados em que se baseará para desenvolver o texto. É o caso, por exemplo, da descrição ou análise de determinada situação, diante da qual o articulista irá, num momento posterior, se posicionar.
2. Nem sempre os componentes de um argumento aparecem escritos com “todas as letras”, podendo estar subentendidos. Cabe ao leitor, portanto, perceber quando isso ocorre e resgatar essas “partes” que compõem o argumento em sua totalidade.

Jogo Q.P. Brasil

Observe que no verso do tabuleiro há uma tabela na qual os alunos poderão colocar os argumentos referentes a uma das questões polêmicas, de acordo com os tipos aqui apresentados.

Solicite a cada grupo que escolha uma questão polêmica e dê-lhes um tempo para preencher a tabela. Em seguida, peça a outro grupo que analise a tabela e sugira modificações. Outra opção é fazer o que propõe a atividade 2 do Manual do jogo.



Produção de texto

Chegou a hora de colocar em prática a teoria que você viu nesta oficina: como escolher diferentes tipos de argumentos que possam convencer o auditório a aderir à tese que está sendo defendida?

Para isso, sugerimos uma discussão a respeito da seguinte pergunta:

Grafite é uma forma de arte?

2ª etapa

Provocação

atividades

▷ Para iniciar a reflexão com a turma, sugerimos a exibição de trechos de dois documentários que retratam os universos do grafite e da pichação. Ambos estão disponíveis no YouTube:

- ▶ Cidade cinza (<https://www.youtube.com/watch?v=yNSLpmcfy0g>): O longa-metragem de 2013 conta a história de uma parede de grafites na Avenida 23 de Maio que foi apagada pela prefeitura de São Paulo. A partir do episódio, os diretores Marcelo Mesquita e Guilherme Valiengo entrevistam grafiteiros, governantes e a população para traçar um panorama sobre a história do grafite e também discutir a relação controversa que essa manifestação urbana têm com poder público.
- ▶ Pixo (<https://www.youtube.com/watch?v=skGyFowTzew>): No filme de Roberto T. Oliveira e João Wainer (2009), a pichação é retratada como expressão cultural de grupos marginalizados nas grandes cidades. É também vista como elemento agregador, que garante identidade e voz a esses grupos.

Depois de assistir a trechos dos dois filmes, faça uma roda de conversa com os alunos para traçar as diferenças e semelhanças entre a pichação e o grafite. Vale a pena ressaltar que ambas são formas de expressão que surgem em grandes aglomerados urbanos, nos quais a desigualdade social é mais evidente e em que as características individuais se diluem na rotina apressada e no grande contingente populacional. Trata-se de uma apropriação política do espaço da cidade, muitas vezes marcado pelo cinza do concreto e pelo excesso de informações.



3ª etapa

Repertório de argumentos

Indique ainda que apesar das semelhanças, o grafite é mais bem aceito por parte da sociedade do que a pichação, que tende a ser entendida, na maior parte das vezes, como vandalismo. Ainda assim, grafite pode ser visto como uma forma de arte e, como tal, deve transgredir limites e questionar as regras impostas? Ou, apesar do colorido que confere à imensidão cinza, por vezes, viola a propriedade privada, não agrada ao gosto de todos e, uma vez que se distribui de forma desordenada por muros, pontes e outros suportes, não deve ser tolerado?

Os seguintes textos de apoio devem basear a discussão:

1. “A arte é sobre o que não sabemos e por isso deve poder ser transgressora, indefinida, incompreendida, subjetiva. Sociedade que não tem isso é uma sociedade pobre, sem alma e sem potencial criativo. Incompreendido hoje pode ser o gênio de amanhã. Uma sociedade sem transgressores é uma sociedade burra.” (Nexo Jornal, 16 de setembro de 2017).

2. “(...)Não constitui crime a prática de grafite realizada com o objetivo de valorizar o patrimônio público ou privado mediante manifestação artística, desde que consentida pelo proprietário e, quando couber, pelo locatário ou arrendatário do bem privado e, no caso de bem público, com a autorização do órgão competente e a observância das posturas municipais e das normas editadas pelos órgãos governamentais responsáveis pela preservação e conservação do patrimônio histórico e artístico nacional.” (Lei de crimes ambientais, Lei nº 9.605/98)

3. Também conhecidos como “Arcos do Jânio”, os Arcos da Rua Jandaia foram pichados na madrugada de sábado, 5, na Bela Vista, no centro expandido da cidade de São Paulo. Parte da ação foi registrada por equipamentos do programa City Câmeras da Prefeitura. O procedimento durou ao menos 30 minutos.

Nas imagens, um homem aparece preso a uma corda (como se estivesse praticando rapel) enquanto escreve as iniciais “BTH” com tinta branca, contornadas por tintas preta e azul. O sistema mostra, ainda, que havia uma viatura da Guarda Civil Metropolitana (GCM) estacionada próxima ao local no momento da ação - que começou às 3h37.

A Prefeitura informou, em nota, que a limpeza do local está sendo feita. “Uma equipe do Departamento do Patrimônio Histórico acompanha o trabalho para, assim, preservar as características originais deste bem histórico”, declarou. (O Estado de S. Paulo, 7 de maio de 2017).

4. O prefeito de São Paulo, João Doria (PSDB), afirmou neste sábado, 14, que vai retirar todos os grafites na área conhecida como “Arcos do Jânio” e também limitar as obras expostas na Avenida 23 de Maio, na zona sul da capital paulista, onde participou da terceira ação do Cidade Linda, programa de zeladoria da gestão. Desta vez, o prefeito deixou a vassoura de lado e se vestiu de operador de motocompressor. Doria trocou o uniforme verde de gari, usado nos dois atos anteriores, pelo laranja. Com o motocompressor, óculos de proteção, máscara e avental, apagou pichações de uma mureta da 23 de Maio. “Pintei com enorme prazer três vezes mais a área que estava prevista para pintar exatamente para dar a demonstração de apoio à cidade e repúdio aos pichadores”, disse. Ao fim, o sapato Osklen ficou todo salpicado de tinta.

Apesar de reconhecer “grafiteiros e muralistas” como artistas, o prefeito afirmou que vai limitar as obras espalhadas pela 23 de Maio. “Os grafites serão mantidos em oito espaços já definidos previamente pela Secretaria de Cultura. Os demais, que já estão envelhecidos ou infelizmente foram mutilados por pichadores, serão pintados.” (O Estado de S. Paulo, 14 de janeiro de 2017)

5. Vocês vivem numa queda de braço com a prefeitura, que costuma apagar grafites de vocês dos muros da cidade.

Cara, nem temos muito o que falar sobre isso. Chegamos a ir lá falar com eles na gestão do Kassab, mas continuaram apagando nossas coisas. Nosso recado já foi dado. Vamos continuar fazendo. Não vamos deixar de falar o que queremos falar. Isso é certo. Só não entendo como eles podem se preocupar com grafite com tantos outros problemas por aí. Eles vão lá e passam a tinta cinza, paga pela própria população. (Entrevista da dupla osgeomeos para a Revista Trip, 15/7/2013).

6. Desde o início do mês, um tema tem dominado as conversas nos bares e os debates na imprensa de Nova York: a passagem do artista de rua britânico Banksy pela cidade.

(...)

Famoso por manter sua identidade em segredo e pelo humor crítico, Banksy iniciou em 1º de outubro o projeto “Better Out Than In”, uma residência de um mês em Nova York.

A cada dia, uma nova obra aparece em algum canto da cidade, atraindo imediatamente pequenas multidões de fãs munidos de câmeras e celulares e provocando reações apaixonadas.

(...)

O trabalho mais recente (até a conclusão desta matéria), revelado na segunda-feira em um muro no sul do Bronx, traz a figura de um menino escrevendo com uma lata de spray a frase “Ghetto 4 Life” (“gueto para toda a vida”), enquanto um mordomo segura uma bandeja com mais latas.

A frase gerou debate entre os moradores do bairro – o mais pobre de Nova York e famoso por seus grafites – e foi recebida com estranheza por alguns.

Segundo a imprensa, os proprietários do local já estavam em busca de ajuda para proteger a obra de depredações e evitar o destino de outros trabalhos de Banksy na cidade.

No domingo, a figura de um menino segurando um martelo desenhada em uma parede do Upper West Side sofreu uma tentativa de depredação poucas horas depois de descoberta. O ataque foi impedido por pessoas que passavam pelo local.

No Brooklyn, uma porta de ferro foi colocada em frente à parede com um grafite de Banksy, que havia sido depredado e, posteriormente, restaurado por moradores na semana passada. Apesar de admitirem que o proprietário talvez esteja bem intencionado, nova-iorquinos e turistas que foram até o local reagiram com indignação por não conseguir ver a obra.

(...)

Nessas três semanas em Nova York, Banksy conquistou admiradores e inimigos.

Na quinta-feira passada, o jornal New York Post anunciou em sua manchete que a polícia de Nova York estava à caça do artista.

Nos dias seguintes, integrantes do Departamento de Polícia negaram a informação, mas o prefeito Michael Bloomberg criticou o trabalho do artista e disse que “o grafite desfigura propriedades e é um sinal de decadência e perda de controle”.

“Não é minha definição de arte”, afirmou o prefeito. “Ou talvez seja arte, mas não deveria ser permitido. E acho que é exatamente isso que a lei diz.”

As reações negativas não vêm apenas das autoridades, mas também de grafiteiros locais. Além dos que reagem com violência, depredando as obras do britânico, e dos que tentam se fazer passar por Banksy, há os que preferem recorrer ao humor.

▷ Procure realizar a leitura da coletânea orientando-se pela tabela com os tipos de argumentos que vimos anteriormente. Neste texto, é possível identificar quais tipos? Além disso, eles contribuem para sustentar qual tese? Grafite é uma forma de arte ou é vandalismo e violação do patrimônio público?

▷ Você pode dividir a lousa em duas partes e pedir aos alunos que, com base na coletânea, enumerem seus argumentos de modo a se posicionar sobre a questão.



4ª etapa

A construção da opinião

▷ Após as atividades de leitura crítica e debate, peça aos alunos que elaborem parágrafos argumentativos nos quais eles se posicionam a respeito do tema e, ao mesmo tempo, lancem mão de algumas das estratégias vistas na oficina: argumento de autoridade, argumento por evidência, argumento por comparação (analogia), argumento por exemplificação, argumento de princípio e argumento por causa e consequência.

▷ As produções podem ser revisadas por você e reescritas pelos alunos antes de formar um painel de opiniões a respeito do assunto. Neste painel, os alunos também podem registrar o processo de debate e incluir trechos da coletânea, imagens de grafites, cenas dos documentários e outras notícias que tenham pesquisado.



10

oficina





Como articular

▶ objetivos

- Perceber articulações, ou seja, relações e/ou vínculos entre partes diferentes de um texto argumentativo.
- Conhecer e usar expressões que tornam um texto argumentativo articulado.

▶ prepare-se!

Seus alunos irão trabalhar com elementos articuladores comumente usados em artigos de opinião. Para isso é imprescindível que você organize o material com antecedência, tire cópias das tabelas e recorte as fichas.

- ▶ Cópias da “Tabela para a atividade” (página 126), recortadas nas linhas pontilhadas e colocadas em envelopes
- ▶ Cópias do quadro “Elementos articuladores” (página 127)

Até aqui foram levantados alguns elementos constitutivos do artigo de opinião: a identificação de uma questão polêmica, a tomada de posição favorável ou contrária e a apresentação dos argumentos. Esses elementos estão vinculados entre si, ao longo do artigo, pelos articuladores – palavras ou expressões cuja função específica é exatamente estabelecer e deixar evidentes as relações entre diferentes partes do texto, não permitindo que o leitor perca o fio da meada. Assim, podem conectar ideias no interior de uma única oração. Mas podem também estabelecer relações entre períodos, parágrafos e partes do texto, às vezes distantes entre si.

As próximas atividades têm como objetivo orientar os alunos a identificar esses elementos, perceber suas funções e usá-los apropriadamente.



1ª etapa

Articuladores

atividades

Faça cópias da tabela da página 130, recorte nas linhas pontilhadas e coloque em envelopes – um conjunto completo em cada envelope. Divida a classe em duplas ou trios e entregue um envelope para cada grupo.

Observação:

É importante que os alunos não tenham acesso à tabela pronta, para não transformarem a atividade em um jogo de formar frase.

- ▷ Distribua os envelopes entre os alunos e, então, proponha para a turma, o seguinte jogo: montar dez pequenos textos argumentativos coerentes e consistentes, usando as fichas do envelope. Para tanto, eles precisarão prestar muita atenção aos tipos de relação entre os fragmentos fornecidos, para descobrir que aqueles que estão na coluna do meio da tabela são os articuladores, ou seja, os termos capazes de estabelecer essas relações.
- ▷ Uma dica suplementar: sugira-lhes que fiquem atentos à pontuação na hora de verificar que fragmento pode estar articulado a outro.
- ▷ Quando todos tiverem terminado, solicite-lhes que leiam em voz alta e discuta com eles se constituem ou não, em cada caso, bons textos argumentativos. Em qualquer dos casos, reforce bem as razões, chamando a atenção para o papel dos articuladores.

Tabela para a atividade

Devemos ajudar nossos pais,	pois, sem dúvida,	a cooperação é um valor fundamental para a convivência familiar.
As propagandas mostram produtos atraentes indispensáveis para a nossa vida,	mas	cabe ao consumidor analisar aquilo de que realmente necessita e selecionar o que é bom.
O fumo faz mal à saúde.	Portanto,	as pessoas deveriam parar de fumar.
A água doce, por causa dos abusos cometidos, poderá acabar em nosso planeta.	Assim,	é preciso definir algumas regras para o uso racional da água.
A limpeza de terrenos e casas é necessária para impedir a propagação do mosquito da dengue.	Além disso,	é importante que se faça campanhas de conscientização para que as pessoas não deixem que a água se acumule em vasos e outros recipientes.
Se o desmatamento não diminuir,	é provável	que a Amazônia se transforme em um imenso deserto.
É indispensável que se intensifiquem campanhas de coleta seletiva de lixo nas escolas, famílias e comunidade,	pois dessa forma	a responsabilidade cidadã crescerá entre os moradores.
A pena de morte não é solução para a criminalidade.	Primeiramente,	está comprovado que os crimes hediondos não deixaram de ocorrer nos países que a adotaram.
A pena de morte não é solução para a criminalidade.	Em segundo lugar,	porque muitos dos que foram executados tiveram, posteriormente, sua inocência comprovada.
A pena de morte não é solução para a criminalidade.	Finalmente,	não matar os semelhantes é um princípio ético fundamental.

2ª etapa

Produção de artigos

atividades



- ▷ Divida a classe em pequenos grupos, e diga-lhes que irão escrever um texto breve inspirado por uma questão polêmica. Por exemplo: “Deve ou não haver restrições à oferta de alimentos com alto teor de açúcar, gordura e/ou sódio nas cantinas escolares?”.
- ▷ Proponha aos grupos que discutam a questão, cheguem a um consenso e articulem o texto usando expressões como as sugeridas no quadro abaixo “Elementos articuladores”.
- ▷ Distribua cópias do quadro e peça a cada grupo que eleja um redator para escrever o texto.

Quadro – Elementos articuladores

Uso	Expressões
Tomar posição	Do meu ponto de vista; na minha opinião; pensamos que; pessoalmente acho
Indicar certeza	Sem dúvida; está claro que; com certeza; é indiscutível
Indicar probabilidade	Provavelmente; me parece que; ao que tudo indica; é possível que
Indicar causa e/ou consequência	Porque; pois; então; logo; portanto; conseqüentemente
Acrescentar argumentos	Além disso; também; ademais
Indicar restrição	Mas; porém; todavia; contudo; entretanto; apesar de; não obstante
Organizar argumentos	Inicialmente; primeiramente; em segundo lugar; por um lado; por outro lado
Preparar conclusão	Assim; finalmente; para finalizar; por fim; concluindo; enfim; em resumo

oficina





Vozes presentes no artigo de opinião

▶ objetivo

- Identificar as vozes, ou seja, as diferentes informações e/ou posições a respeito de um assunto com as quais o articulista interage.

▶ prepare-se!

Para realizar essa atividade é imprescindível que você conheça o texto aqui analisado e saiba reconhecer as vozes nele presentes.

- ▶ Coletânea de artigos de opinião (PDF)
- ▶ Áudio de artigos de opinião
- ▶ *Datashow*

Sobre a oficina

Nesta oficina, vamos trabalhar com o texto “Tã com dô do refugiado? Leva pra casa...”. A questão polêmica a que o texto se refere é parte de um debate mais amplo, sobre os direitos dos migrantes e, em especial, dos refugiados. Se quisermos formular essa questão em formato de pergunta, a exemplo do que fazem alguns jornais, teremos algo como: “Devemos exigir que o Estado desenvolva políticas públicas que garantam os direitos de migrantes e refugiados?”.

Já pelo título escolhido, o jornalista Leonardo Sakamoto entra no debate “citando” uma fala bastante ouvida em lugares do país em que refugiados e migrantes — bolivianos, haitianos e sírios, principalmente — estão mais presentes.

As atividades propostas procuram levar os alunos a perceberem que um artigo de opinião tende a reproduzir, no corpo de seu próprio texto, o debate no qual se insere. Nesse sentido, costuma trazer diversas “vozes”, isto é, referências explícitas ou implícitas a informações e/ou posições de diferentes protagonistas do debate, apontados como aliados, adversários, ou, ainda, como parte do auditório. No primeiro caso, a voz de um aliado tem a função de apoiar a tese defendida. Já a voz de um adversário, representa um contra-argumento possível (como referido nas Oficinas 7 e 8) e vem mencionado pelo articulista para ser rebatido. O auditório aparece, muitas vezes, nas referências ao leitor, ao cidadão, à comunidade, ao país etc. De maneira geral, o auditório representa, no debate, o conjunto dos interlocutores que o argumentador quer convencer, ou, ainda, a opinião pública, conforme explicado na Oficina 2.

As vozes de um texto

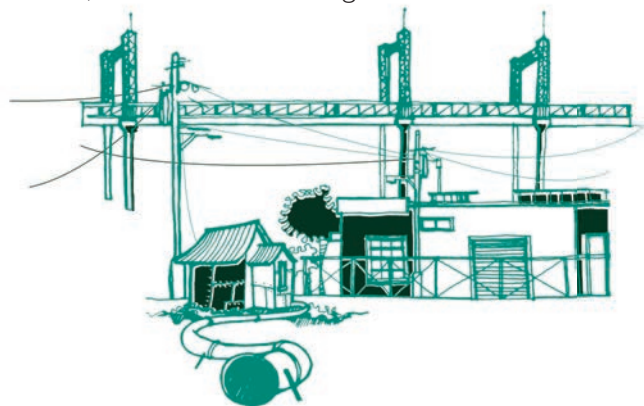
O termo “voz” não se refere apenas à palavra, falada ou escrita, de indivíduos e instituições. Números, estatísticas, dados quantitativos ou qualitativos de diferentes ciências também são considerados vozes, na medida em que são assumidos socialmente por especialistas e/ou instituições que funcionam como protagonistas de um discurso. Num texto argumentativo, as vozes assumem funções específicas, e tendem a se organizar como num debate.

1ª etapa

Um artigo tem...

atividades

- ▷ Prepare os alunos para a leitura do artigo “Tã com dó do refugiado? Leva pra casa...”. É importante que você lhes ofereça algumas “pistas” do texto que irão ler, para que tenham condições de fazer a análise.
- ▷ Inicie dizendo que a **finalidade** dessa leitura é descobrir as diferentes “vozes” presentes no texto. Explique-lhes o que são as “vozes” que deverão identificar.
- ▷ Faça perguntas sobre o **título do artigo**. Leve os alunos a perceberem que, por aparecer entre aspas, o título já se reporta a uma voz que não é a do articulista. Pergunte se já ouviram ou leram, em algum lugar, frases semelhantes. Em caso positivo, explore um pouco o contexto em que esse tipo de frase ocorreu, assim como as pessoas envolvidas. Pergunte, também, se, pelo título, dá para se ter ideia não só do assunto que será tratado, como das posições que o autor defenderá a respeito.



- ▷ Chame a atenção para o **veículo** do artigo: *Blog do Sakamoto*. Pergunte se eles têm alguma informação a respeito; e estimule-os a pesquisarem, argumentando sobre a relevância de conhecermos características de um veículo – como sua história e/ou a imagem pública a que um *blog* e/ou seus autores estão associados – para aprofundar a leitura dos textos que ele difunde.
- ▷ Faça perguntas sobre o **gênero**. Como vocês já estão trabalhando com artigo de opinião, é provável que os alunos antecipem que o texto trará uma questão polêmica e argumentos diversos. Com base no que discutiram sobre o título, pergunte qual pode ser a questão polêmica, e se é possível formular boas hipóteses a respeito da tese do artigo. Essa exploração preliminar poderá ser cotejada, ao final, com os resultados da análise que, com base nas orientações aqui fornecidas, vocês farão coletivamente.
- ▷ Chame a atenção dos alunos para os **créditos** relativos ao autor, ao final do artigo. Discuta com eles se essas informações são ou não relevantes para o leitor. Pergunte quais delas pareceram mais importantes, e por quê.
- ▷ Anuncie que o novo artigo é diferente dos demais, na forma como conduz sua argumentação. Peça que procurem “descobrir”, durante a leitura, que diferença seria esta.
- ▷ Depois dessa preparação para a leitura, divida a classe em grupos e apresente a Coletânea. Leia o artigo para os alunos ou ouça junto com eles a leitura pelo áudio.



As vozes no artigo

atividades

- ▷ Instigue os alunos com perguntas que os levem a perceber, no texto, as diferentes vozes. Escreva na lousa as questões abaixo e peça-lhes que, em pequenos grupos, releiam o texto, discutam as questões e localizem as respostas. *Identificar os trechos que contenham elementos que ajudem a responder às perguntas é uma boa estratégia de aprendizagem.*
 - ▶ Qual é o ponto de partida (D) da argumentação?
 - ▶ Qual é a posição ou tese (C) do articulista sobre a questão?
 - ▶ Para construir seus argumentos (J), Sakamoto tanto recorre a vozes que lhe são favoráveis quanto analisa e contesta (R) vozes que lhe são contrárias. Peça aos alunos que identifiquem os trechos correspondentes.
- ▷ Para finalizar, um representante de cada grupo lerá para a classe as respostas elaboradas, cabendo a você promover, como fechamento da atividade, uma discussão coletiva capaz de estabelecer consensos e de chegar a resultados satisfatórios.
- ▷ Para ajudar no trabalho de sala de aula, a reprodução do artigo a ser analisado vem, aqui, acompanhada de um comentário geral e de observações pontuais, distribuídas ao longo do texto.

“Tá com dó do refugiado? Leva pra casa!”

Leonardo Sakamoto

8/9/2015

- 1 “Tá com dó? Leva para casa!” é uma daquelas frases icônicas, através das quais consegue-se avaliar se o interlocutor merece respeito ou um abraço forte e solidário. É utilizada por pessoas com síndrome de pombo-enxadrista (faz sujeira no tabuleiro, joga ignorando regras mínimas de sociabilidade e sai voando, cantando vitória), normalmente diante do clamor para políticas voltadas àquela gente pobre, parda, perdida ou violada que habita as frestas das grandes cidades.
- 2 É só falar da necessidade de políticas específicas que garantam qualidade de vida para esse pessoal mas, ao mesmo tempo, respeitem seu direito de ir e vir e ocupar o espaço público que o povo vira bicho. Ou melhor, vira pombo.
- 3 Este tema não é novo por aqui, mas vi que a frase passou a ser usada diante da última crise de refugiados na Europa. Gente empregando-a para negar a necessidade de acolher refugiados, não só da Síria, mas da Ásia, África e América Latina. “Querem trazer mais deles para o Brasil? Coloque-os na sua casa!”
- 4 Não viu esse tipo de coisa na sua timeline? Acha que o mundo é só solidariedade? Culpe o algoritmo de sua rede social, que te colocou numa bolha cor-de-rosa. O mundo lá fora, minha gente, é flicts.

Ao citar a frase entre parênteses, Sakamoto dá voz a uma opinião corrente de parte da população brasileira sobre refugiados. E ao manifestar sua crítica a respeito, anuncia uma segunda voz: a posição que pretende defender no artigo.

As duas posições/vozes são retomadas. A posição defendida pelo articulista se explicita, em favor de políticas específicas para os refugiados. Em contraposição, reaparece a voz dos que “viram bicho” diante dessa opinião.

Novamente citadas, as duas posições/vozes são atualizadas em relação à “última crise de refugiados na Europa” e seu contexto político nacional e internacional.

O jornalista interpela diretamente o leitor a respeito da situação referida no parágrafo anterior. Ao mesmo tempo, põe em cena duas novas vozes em contraste: a das redes sociais, com seus filtros cor-de-rosa, e a de Ziraldo, autor e um livro infantil, *Flicts*, que defende o direito de um lugar ao sol para toda e qualquer diferença.

No livro, *flicts* é uma cor que, por ser diferente e única, não encontra um lugar próprio, seja no arco-íris, seja em uma bandeira qualquer. Mas acaba se reconciliando com sua singularidade; e, assim, conquista o seu posto.

5 Tanto na Europa quanto por aqui, ações individuais ajudam a mitigar o impacto inicial dos refugiados, garantindo apoio a quem perdeu tudo. E é ótimo que seja assim. Mas eles devem ser alvo, principalmente, de uma política pública, com intervenção direta do Estado, única instituição com tamanho e legitimidade para garantir uma ação nacional, transnacional e de escala. Porque isso também inclui a garantia da autonomia econômica e social às famílias. Quem acha que o Estado é um simples entrave e não a forma que construímos para impedir que nos devoremos, tem dificuldade de entender que o acolhimento de refugiados e migrantes não é caridade individual, mas sim a efetivação de compromissos assumidos internacionalmente por um povo.

6 Ao mesmo tempo, o Estado é responsável por aprovar o mais rápido possível a nova lei brasileira de migração, que facilita a acolhida de estrangeiros de locais com instabilidade, guerras, violações a direitos humanos. O projeto, já aprovado no Senado e que está em análise na Câmara dos Deputados (PL 2516/15), repudia a xenofobia, tendo um caráter mais humanitário que o Estatuto do Estrangeiro atual, um Walking Dead – morto, mas segue aí, atrapalhando. Não é a panaceia para todos os problemas, mas um passo importante. Migrantes geram riqueza para seus novos países, mas a narrativa é de que são custosos para o poder público. Prova de que uma mentira contada mil vezes vira verdade.

7 Tenho dó é desse povo que tem medo de tudo e acha que a vida é uma selva, do nós contra eles. Pessoal que pensa assim, na boa, sua vida deve ser ruim demais.

Disponível em

<<http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2015/09/08/ta-com-do-do-refugiado-leva-para-casa>>.

Dando à questão dos refugiados uma dimensão internacional, o autor menciona as boas iniciativas individuais; mas aponta para a responsabilidade do Estado, na questão. E contrapõe a voz de “quem acha que o Estado é um simples entrave” à daqueles que o concebem como um instrumento “que construímos para impedir que nos devoremos”.

Duas vozes oficiais distintas são confrontadas: a do atual “Estatuto do Estrangeiro” e a “nova lei brasileira de migração”, qualificada no artigo como mais humanitária. Sakamoto conclama o Estado brasileiro a aprovar o mais rápido possível a nova lei, argumentando, em sua defesa, que “migrantes geram riquezas para seus novos países”.

Ao afirmar que “uma mentira contada mil vezes vira verdade”, o jornalista alude a uma nova voz: a de Joseph Goebbels, célebre ministro da propaganda da Alemanha nazista e autor da frase citada. Assim, o articulista aponta o que há de nazista na posição dos que divulgam mentiras, como a de que imigrantes são um estorvo econômico, com a intenção de fazê-las passar por verdades.

A conclusão aparece em primeira pessoa, na voz do próprio autor, dirigindo-se a seus oponentes. Se formulada em terceira pessoa, como é o usual nos artigos de opinião, a conclusão seria algo como: “Aqueles que têm medo do suposto perigo dos refugiados devem sentir-se numa selva. Devem, portanto, ser dignos de dó”.

Leonardo Sakamoto é jornalista e doutor em ciência política pela Universidade de São Paulo. Cobriu conflitos armados em diversos países e o desrespeito aos direitos humanos no Brasil. Professor de jornalismo na PUC-SP e pesquisador visitante do Departamento de Política da New School, em Nova York; é diretor da ONG Repórter Brasil e conselheiro do Fundo das Nações Unidas para Formas Contemporâneas de Escravidão. Fonte: Blog do Sakamoto (<http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2015/09/08/ta-com-do-do-refugiado-leva-para-casa>).

Comentários gerais sobre o artigo “Tá com dó do refugiado? Leva pra casa!”

- ▷ Para que seus alunos compreendam e “curtam” o artigo, certifique-se de que certos termos e expressões, entre ele os destacados no texto, tenham sido bem compreendidos: pautas do Congresso; temperança; passionalidade; clamor público; furor dos acontecimentos; leis casuísticas; panaceia etc. Se quiser, recorra à edição eletrônica do *Dicionário Caldas Aulete* (<http://www.aulete.com.br>), gratuitamente disponível na internet.
- ▷ Em seguida, discuta com eles quais são as informações – ou as orações/períodos – que resumem cada parágrafo (como fazemos aqui), de forma que produzisse uma síntese coletiva do texto e permitisse uma rápida apreensão dos raciocínios desenvolvidos.
- ▷ Finalmente, reconstrua com eles a trajetória desenvolvida pelo autor para nos convencer de sua(s) tese(s). Mostre a eles que, graças à *estratégia argumentativa* de contrastar vozes antagônicas ao longo do artigo, Sakamoto “dramatiza” a questão polêmica de que parte: “Os refugiados têm direito a uma política pública específica?”; e, assim, “encena” o próprio debate em seu texto. Isso lhe permite:
 - ▶ **Identificar-se e confundir-se com as vozes que sustentam uma resposta positiva para a questão;**
 - ▶ **conclamar o Estado a fazer a parte que lhe cabe;**
 - ▶ **chamar o leitor às falas;**
 - ▶ **interpelar diretamente seus opositores.**

Em consequência, essa estratégia dá ao artigo o mesmo poder de atingir emocionalmente o público que os espetáculos teatrais têm: o leitor “vê” a realidade diante de si. E então, identificando-se com as situações, personagens e “falas” retratadas, é chamado a tomar o seu próprio lugar na cena. Um efeito que os gregos da Antiguidade reconheciam em suas tragédias, denominando-o como “catarse”.

Vejamos como esse caminho se desenha ao longo do texto.

- ▷ O Dado (D) de que o artigo parte é a *fala* que lhe dá título: “Tã com dó do refugiado? Leva pra casa!”. O ponto de partida de toda a argumentação é, portanto, uma voz que o autor qualifica como “icônica”, representativa, portanto, do senso comum, no que diz respeito aos refugiados. Pelas críticas feitas a essa primeira voz – “é utilizada por pessoas com síndrome de pombo-enxadrista” –, o autor deixa evidente que ele e outros pensam de outra forma. Por outro lado, na forma como descreve os refugiados (“gente pobre, parda, perdida ou violada que habita as frestas das grandes cidades”), assim como na expressão que utiliza para se referir às vozes que se levantam em favor deles (“clamor por políticas voltadas àquela gente pobre...”), Sakamoto faz ouvir uma segunda voz: a sua própria e a de todos os que pensam de forma semelhante.
- ▷ No parágrafo seguinte, essa segunda voz se explicita: trata-se da fala que defende “políticas específicas que garantam qualidade de vida para esse pessoal”. E o seu antagonismo com aqueles que “não têm dó dos refugiados” fica claro.
- ▷ Na sequência, o texto alterna essas duas posições. Em alguns momentos, a primeira voz se manifesta, e sua fala é marcada pelas aspas; em outros trechos, os comentários do autor ecoam e desenvolvem o discurso da segunda voz. Favoráveis ou contrárias a esses direitos, as posições se alternam, fazendo com que o texto evolua como um drama.

- ▷ Nas reflexões que contestam a primeira voz, no quinto e no sexto parágrafos, surgem, então, os argumentos, ou seja, as **Justificativas (J)** que sustentam, no artigo, a defesa de políticas públicas específicas para os direitos dos refugiados: as iniciativas pessoais são “ótimas”, mas insuficientes; o Estado tem, por princípio, responsabilidade na questão; além disso, só o Estado tem os meios indispensáveis a ações da envergadura necessária; o Estado não é um entrave, e sim uma forma de não nos devorarmos; o Estado brasileiro deve agilizar a aprovação da nova lei de migração, um avanço em relação ao atual Estatuto. Todas elas reportam-se ao papel que o Estado deve desempenhar na questão; nesse sentido, todos esses argumentos são **Suportes (S)** uns dos outros.
- ▷ Por conta da estrutura dramática do texto, o articulista, exatamente como fazem os atores, em certas peças, interpela o público em meio ao “espetáculo”: “Não viu esse tipo de coisa na sua timeline? Acha que o mundo é só solidariedade? Culpe o algoritmo de sua rede social que te colocou numa bolha cor-de-rosa. O mundo lá fora, minha gente, é flicts”. Ao fim do drama/artigo, o jornalista dirige-se a seus opositores, numa fala que, respondendo diretamente à que dá título ao texto, representa a **Conclusão (C)** de todo o seu raciocínio/diálogo: “Pessoal que pensa assim, na boa, sua vida deve ser ruim demais”.

- ▷ Apesar da organização original do artigo, os argumentos e contra-argumentos expressos por essas vozes antagônicas garantem a estrutura dissertativa do texto: o primeiro parágrafo, correspondente aos Dados (D), funciona como *Introdução*; os parágrafos de 2 a 6, que alternam e confrontam vozes que portam Justificativas (J) para as ideias com que o autor se identifica e, por isso defende, são o *Desenvolvimento*; finalmente, a tese apresentada no último parágrafo corresponde à *Conclusão*.



12

oficina

144
pontos de vista

144
pontos de vista





Pesquisar para escrever

▶ objetivos

- Buscar informações sobre a questão polêmica.
- Relacionar informações de caráter universal com realidades locais.
- Socializar os resultados das pesquisas.

▶ prepare-se!

Os alunos deverão pesquisar questões polêmicas locais para terem o que dizer nos artigos de opinião que eles vão escrever. Ajude-os a encontrar as formas para obter informações sobre temas que lhes interessem e sejam representativos do lugar onde vivem.

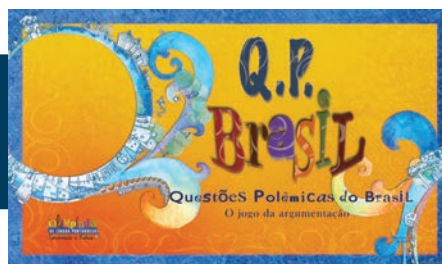
- ▶ Jornais e revistas locais
- ▶ Computadores com acesso à internet

1ª etapa

Grupos de pesquisa

Jogo Q.P. Brasil

Para introduzir essa etapa, proponha a atividade 3 do Manual do jogo *Q.P. Brasil*.



atividades

- ▷ Retome com os alunos as questões polêmicas locais já levantadas. Peça-lhes que façam uma pesquisa cujo foco seja o assunto sobre o qual irão escrever, visando à construção de argumentos consistentes.
- ▷ Divida a classe em grupos de pesquisa. Cada um deles terá de buscar informações (dados histórico-culturais, estatísticas, pontos de vista de diferentes autoridades, leis ou projetos de lei, causas e consequências, exemplos de acontecimentos) sobre um dos aspectos da questão polêmica. Eles devem organizar os dados obtidos por temas – podem até criar uma “minipasta” para cada tema – com o objetivo de organizar todo o material levantado, bem como anotações feitas durante a pesquisa.
- ▷ Para que as informações sejam confiáveis, eles devem consultar diferentes fontes, como jornais, livros, internet e vídeos informativos; universidades, prefeituras, secretarias, delegacias, ONGs etc.; entrevistas com pessoas que sejam autoridades no assunto; enquête/pesquisa de opinião com moradores do município.

- ▷ Finalizada a pesquisa, os alunos deverão fazer uma síntese (texto corrido ou dividido em tópicos) das informações mais relevantes, que servirá para sustentar a argumentação na escrita individual.
- ▷ Suponha que o assunto seja a violência contra a mulher. A questão polêmica poderia ser: “A vítima deve ou não denunciar o agressor para a polícia ou para organizações de defesa da mulher?”.
- ▷ Os alunos podem e devem colher informações e opiniões de âmbito nacional, mas precisam trazer o problema para “o lugar em que vivem”, tomando como ponto de partida dados locais. Use como exemplo o texto “Cavaleiros da cana *versus* mecanização”, que faz parte da Coletânea e foi escrito por Mariane Cheli de Oliveira, aluna finalista da 1ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro.

2ª etapa

Socialização dos resultados da pesquisa

atividades

- ▷ Para socializar a pesquisa sobre os diferentes aspectos da questão polêmica, cada grupo deverá ter em mãos a síntese que preparou. Nessa socialização, a participação de todos é fundamental. Uma boa forma de organizar os trabalhos é pedir aos alunos que apresentem oralmente as informações levantadas nas pesquisas, enquanto você anota, na lousa, as mais relevantes, aquelas que poderão ser transformadas em argumentos de diferentes tipos.
- ▷ Para facilitar o trabalho, consulte novamente o quadro “Tipos de argumento” (páginas 116 e 117), apresentado na Oficina 9.

13

oficina





Aprendendo na prática

▶ objetivo

- Analisar e reescrever um artigo de opinião produzido por um aluno.

▶ prepare-se!

Nesta Oficina você pode auxiliar os alunos a analisar e aperfeiçoar o texto, reorganizando parágrafos, eliminando ou incluindo informações. Para isso, selecione a produção de um de seus alunos ou utilize o texto “A cidade de Campina da Mata”.

material

- ▶ Papel *kraft*, canetas hidrográficas coloridas
- ▶ Cópias do texto “O lugar onde eu vivo” ou do artigo escrito por um de seus alunos

Atenção!

Essa atividade, em que o texto de um aluno é analisado e aperfeiçoado por todos, exige o consentimento dele para tal e pressupõe um grupo onde exista respeito mútuo e cooperação.



1ª etapa

O texto: primeiras impressões

atividades

Faça cópias, ou escreva em papel kraft, o texto que você escolheu para aperfeiçoar coletivamente. Caso não queira trabalhar com o texto de um de seus alunos, lembre-se de que você também pode utilizar o artigo “A cidade de Campina da Mata” (página 152 desta etapa).

Explique aos alunos as alterações que precisam ser feitas para melhorar o texto e reflita com eles sobre as possíveis modificações.

Valorize a participação de todos, mas interfira com suas contribuições, quando necessário.

Estimule-os com perguntas:

O título é adequado para um artigo de opinião? Por quê?

O articulista indica claramente a questão polêmica?

Há vozes diferentes no texto? De quem são?

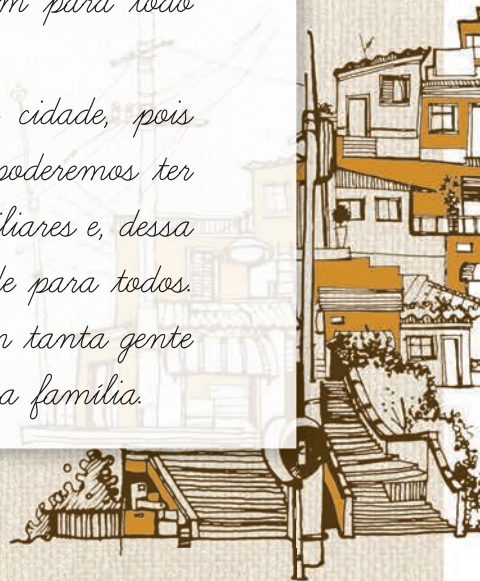
Os argumentos apresentados são convincentes? Apresentam dados, exemplos; referem-se a valores éticos ou morais; deixam clara a relação de causa e consequência?

São utilizados elementos articuladores, ou seja, palavras ou expressões que estabelecem conexões entre as partes do texto?



A cidade de Campina da Mata

- 1 O lugar onde eu vivo é uma pequena cidade chamada Campina da Mata que é muito legal e sossegada. A mesma tem muitas belezas naturais, belos igarapés, festas locais, comidas típicas, passeios e cachoeiras. É uma cidade conhecida por formar bons trabalhadores, gente que luta para construir seu futuro. Muitos moradores querem que ela continue sempre assim, pequena e tranquila, sem a agitação das cidades grandes. Outros gostariam que ela crescesse mais e oferecesse bons empregos.
- 2 Nossos jovens são incentivados desde muito cedo a buscarem alvos, porém nossa querida cidade não consegue oferecer oportunidades de emprego para todos, isso faz enfrentar um sério problema que é o desemprego, com isso ocorre a migração de nossos trabalhadores e junto com eles o sonho de fazer crescer cada vez mais o nosso município.
- 3 Além disso, perdemos a oportunidade de dividir momentos felizes de nossas vidas com pessoas que possuem papel importante na família de cada campinense da mata. Os jovens vão embora e largam aqui seus pais, irmãos e avós, é um problema muito triste, se tivesse trabalho aqui mesmo seria bom para todo mundo.
- 4 Na minha opinião, deveriam acreditar e investir em nossa cidade, pois temos vontade de fazer crescer o lugar em que vivemos. Assim poderemos ter a certeza de que não teremos mais que nos separar de nossos familiares e, dessa forma construir um lugar para se viver com trabalho e igualdade para todos.
- 5 Enfim, vamos orar para que Deus olhe por esta cidade que tem tanta gente boa e trabalhadora que quer construir um futuro melhor para sua família.



2ª etapa

Reescrita em grupos

atividades

- ▷ Divida a classe em grupos e indique qual o parágrafo que cada grupo deve reformular.
- ▷ Por meio de perguntas, auxilie os alunos a pensar sobre possíveis mudanças no momento da reescrita em grupos.

A reescrita em grupos deve ajudar os alunos a organizar uma síntese das principais informações apreendidas nas oficinas anteriores até que chegue o momento de escrever o texto final, que será individual. Talvez não seja possível fazer essa reescrita em uma única aula, por isso é importante que todos os alunos anotem as correções feitas para continuarem o trabalho na aula seguinte, do ponto em que foi interrompido.

Utilize o quadro “Preparação da reescrita” (página 154) para orientar os alunos. Ele contém, além dos trechos que devem ser reelaborados, algumas perguntas e comentários.



	Texto	Perguntas
Título	A cidade de Campina da Mata	<ul style="list-style-type: none"> • Esse título é original? • Desperta curiosidade? • Anuncia a questão polêmica? • Instiga o leitor a conhecer o texto?
1	O lugar onde eu vivo é uma pequena cidade chamada Campina da Mata que é muito legal e sossegada. A mesma tem muitas belezas naturais, belos igarapés, festas locais, comidas típicas, passeios e cachoeiras. É uma cidade conhecida por formar bons trabalhadores, gente que luta para construir seu futuro. Muitos moradores querem que ela continue sempre assim, pequena e tranquila, sem a agitação das cidades grandes. Outros gostariam que ela crescesse mais e oferecesse bons empregos.	<ul style="list-style-type: none"> • O autor indica claramente a questão polêmica? • Usa linguagem adequada para um artigo de opinião? • Relaciona os problemas locais com situações nacionais ou até mesmo internacionais?
2	Nossos jovens são incentivados desde muito cedo a buscarem alvos, porém nossa querida cidade não consegue oferecer oportunidades de emprego para todos, isso faz enfrentar um sério problema que é o desemprego, com isso ocorre a migração de nossos trabalhadores e junto com eles o sonho de fazer crescer cada vez mais o nosso município.	<ul style="list-style-type: none"> • Que assunto é tratado no segundo parágrafo? • A maneira como as informações estão organizadas, em um só período, sem ponto final, com verbos sem sujeito ajudam a entender a polêmica de que vai tratar? • Por que os jovens dessa cidade em particular são “incentivados desde muito cedo”? Que características relacionadas ao tipo de trabalho dos adultos nesta região levam-nos a incentivar seus filhos a buscar emprego muito cedo? • O que significa exatamente “buscar alvos”? Como seria possível explicar melhor o que o aluno quis dizer com isso? • Que dados poderiam ser citados para provar que a migração para os grandes centros é alta em Campina da Mata? • Que fatos, exemplos ou autoridades poderiam ser citados para fundamentar o argumento de que o aumento da oferta de empregos só é possível com o crescimento das cidades que, com isso, correm o risco de se descaracterizarem? • Quais são as vantagens apontadas pelos moradores que querem que a cidade permaneça pequena?
3	Além disso, perdemos a oportunidade de dividir momentos felizes de nossas vidas com pessoas que possuem papel importante na família de cada campinense da mata. Os jovens vão embora e largam aqui seus pais, irmãos e avós, é um problema muito triste, se tivesse trabalho aqui mesmo seria bom para todo mundo.	<ul style="list-style-type: none"> • O autor assume uma posição? • Utiliza bons argumentos para sustentá-la? • Há pessoas que não acreditam que a migração seja um problema? • Será que todos os moradores pensam da mesma forma ou alguns podem levantar contra-argumentos à posição do autor do texto? • Como seria possível refutar os contra-argumentos dos que pensam de forma diferente?
4	Na minha opinião, deveriam acreditar e investir em nossa cidade, pois temos vontade de fazer crescer o lugar em que vivemos. Assim poderemos ter a certeza de que não teremos mais que nos separar de nossos familiares e, dessa forma construir um lugar para se viver com trabalho e igualdade para todos.	<ul style="list-style-type: none"> • O autor acrescenta outros tipos de argumentos para fortalecer sua posição? • Expande a discussão, relacionando a migração local em busca de empregos a aspectos nacionais ou globais?
5	Enfim, vamos orar para que Deus olhe por esta cidade que tem tanta gente boa e trabalhadora que quer construir um futuro melhor para sua família.	<ul style="list-style-type: none"> • Como leitor, você ficou convencido pelos argumentos do autor? • Conclui o texto enfatizando a posição dele?

Comentários

O título não é apropriado, pois o aluno intitulou seu texto com o nome da cidade; o que não motiva a leitura nem adianta a polêmica.

Este parágrafo inicial poderia ser melhorado, primeiro, se o aluno usasse uma linguagem mais próxima da jornalística, ou seja, menos coloquial (o texto é quase uma transcrição da maneira como ele fala). Em sua descrição da cidade, algumas das qualidades que ele aponta (“belezas naturais, belos igarapés, festas locais, comidas típicas, passeios e cachoeiras”) não têm relação com o problema de que vai tratar, a migração dos jovens em busca de emprego. Ele também poderia ter explicado melhor os motivos que levam alguns moradores a quererem que a cidade não cresça muito, assim como as razões dos que acham que ela precisa crescer, ou seja, formular mais claramente a *questão polêmica*; também seria possível relacionar o processo de expansão dos pequenos centros com a urbanização acelerada que pode descaracterizá-los.

Neste trecho, fica claro que o aluno deseja realizar, adequadamente, uma relação entre a falta de empregos e a migração dos jovens, mas não só não explicita suficientemente esta relação, como não comprova com dados e exemplos aquilo que escreve. Também não indica a voz que, por trás da dele, valoriza a ideia de que a cidade deve permanecer pequena, não aponta os benefícios advindos de se viver em uma cidade pequena e pacata.

No terceiro parágrafo, o aluno aponta, adequadamente, uma desvantagem da migração dos jovens em busca de emprego, trabalhando com um argumento de causa e consequência: a busca por empregos leva os jovens a perderem a convivência com a família. Entretanto, como ele ainda não anunciou claramente sua posição sobre a polêmica, não consegue fazer um uso eficaz do argumento para sustentá-la. Note-se que, até este ponto do texto, não se sabe qual é, exatamente, a posição do autor; o leitor só “desconfia” que ele é contra a migração dos jovens em busca de emprego, pelo uso que faz da 1ª pessoa do plural (“perdemos a oportunidade de dividir momentos felizes de nossas vidas...”). Mesmo assim, no período seguinte, o aluno volta a usar a 3ª pessoa (“Os jovens vão embora...”). Esta oscilação da pessoa do discurso não ajuda o leitor a perceber a posição do autor. Além disso, como o aluno não antecipou possíveis contra-argumentos à sua posição, não pode refutá-los, o que fortaleceria seu ponto de vista.

No momento em que se encaminha para a conclusão do artigo, o aluno utiliza-se da expressão “na minha opinião”, mas não enuncia o seu ponto de vista sobre a polêmica central e sim aponta para o que acha que seria uma forma de “resolver o problema”; e mesmo este movimento é feito de maneira muito vaga e genérica, pela indeterminação do sujeito (“deveriam acreditar e investir em nossa cidade”). Quem “deveria”? Não há análise.

Provavelmente, se o aluno tivesse pesquisado mais, lido alguns artigos de especialistas sobre o assunto, poderia ter ampliado a visão dele sobre a relação entre oferta de emprego, migração e urbanização acelerada, abandonando a maneira simplista de analisar o problema.

Este último trecho é iniciado com a expressão “enfim”, indicadora de conclusão. Não basta, porém, usar uma expressão articuladora correta. O modo como o aluno fecha o texto mostra que ele não vê um possível encaminhamento para os problemas. Da mesma forma que faltou uma análise da situação atual da cidade, o texto também carece de sugestões práticas para resolver os problemas existentes.

3ª etapa

Versão final

atividades

- ▷ Terminada a reescrita, peça a cada grupo que leia o trecho aprimorado. À medida que forem lendo, registre os parágrafos reformulados na lousa ou no papel *kraft* e faça novas intervenções, se considerar necessário.
- ▷ Vale lembrar aos grupos que o texto resultante dessa reelaboração feita por eles é uma possibilidade, entre outras.
- ▷ A seguir veja um exemplo de reformulação do texto, com parágrafos ampliados.



Ser jovem e viver em Campina da Mata

Como ocorre com diversas pequenas cidades brasileiras, Campina da Mata tem muitas belezas naturais e oferece boa qualidade de vida para seus moradores, que desfrutam de um dia a dia tranquilo, sem o estresse típico dos grandes centros urbanos. É também uma cidade conhecida por formar bons trabalhadores, gente que luta para construir seu futuro. Boa parte dos moradores trabalha na zona rural ou na área de serviços na cidade e por isso incentivam nossos jovens desde muito cedo a ajudar no sustento das famílias.

Porém, nossa querida cidade não consegue oferecer oportunidades de emprego para todos, o que cria um sério problema que é o desemprego. Isso provoca a migração de nossos trabalhadores para buscar trabalho em outros lugares e, junto com eles, o sonho de fazer crescer cada vez mais o nosso município. Uma reportagem publicada no jornal local mostrou que, na última década, quase 2/3 dos jovens campinenses da mata migrou para os grandes centros em busca de emprego. A mesma matéria sugere que, se tivéssemos um bom programa municipal de incentivo à vinda de fábricas e empresas para cá, a migração de jovens diminuiria.

Na minha opinião, programas como este deveriam ser prioridade da prefeitura para evitar que a cidade perca seus jovens. É verdade que, como pensam alguns moradores mais idosos, a vinda de fábricas poderia transformar o cotidiano da nossa cidade, encarecer o custo de vida, tornar o dia a dia do cidadão mais estressante. O que fazer? Impedir o progresso e tornar Campina da Mata uma cidade habitada predominantemente por pessoas mais velhas? Ou aceitar o progresso e manter os mais jovens perto de nós? Penso que a segunda opção é melhor para Campina da Mata.

Além disso, devemos pensar que é muito triste impedir que nós, jovens, percamos a oportunidade de dividir momentos felizes de nossas vidas com pessoas que possuem papel importante na família. De fato, os jovens vão embora e largam aqui seus pais, irmãos e avós; isso pode provocar danos emocionais não só para os jovens, se tivesse trabalho aqui mesmo seria bom para todo mundo.

Portanto, ainda que alguns problemas pudessem surgir com a vinda de mais empresas para nossa cidade, penso que este não é dilema só de nossa cidade, mas de outras cidades brasileiras e provavelmente do mundo todo. Devemos acreditar e investir em nossa cidade, pois temos vontade de fazer crescer o lugar em que vivemos. Assim poderemos ter a certeza de que não teremos mais que nos separar de nossos familiares e, dessa forma, construir um lugar para se viver com trabalho e igualdade para todos.



14

oficina





Enfim, o artigo

▶ objetivo

- Escrever o texto individualmente.

▶ prepare-se!


Agora é o momento de observar o resultado de seu trabalho! Leia os artigos de opinião produzidos por seus alunos e faça indicações, em cada um deles, do que pode ser melhorado. Alguns alunos precisarão de dicas bastante pontuais; para outros, alguns apontamentos serão suficientes. Você, que os conhece, fará as indicações necessárias para que todos aprimorem os textos.

A produção final

atividades

- ▷ Retome com os alunos o percurso feito até agora. Nas oficinas anteriores, eles escolheram uma questão polêmica que afeta a comunidade onde vivem. Fizeram entrevistas, pesquisas em jornais e revistas, colheram dados para melhor embasar a posição deles.
- ▷ Cada aluno vai produzir agora um texto individual, com base na questão polêmica escolhida anteriormente ou numa nova questão que esteja em evidência na comunidade.



- 
- ▷ Antes de começarem, lembre aos alunos que, como articulistas, eles devem:
- ▷ partir de uma questão polêmica local e situar o leitor em relação a ela;
 - ▷ tomar posição em relação à questão polêmica e defender o ponto de vista dele como sendo o melhor; assim, será preciso apresentar argumentos ora de autoridade, ora por exemplificação, ora baseados em princípios, comparações, evidências ou em relações de causa e consequência;
 - ▷ incluir opiniões de adversários, contestando-as ou desvalorizando-as com os argumentos deles (é preciso tomar cuidado para que não seja feita uma desvalorização preconceituosa, até porque isso não pode ser considerado um bom argumento);
 - ▷ concluir o texto reforçando a posição tomada;
 - ▷ usar elementos articuladores como os que:
 - anunciam a posição do articulista (“do nosso ponto de vista”, “penso que”, “pessoalmente”, “acho que”);
 - marcam as diferentes vozes presentes no artigo (“como dizem os economistas...”, “segundo alguns empresários...”, “muitas pessoas dizem que...”, “há pessoas que negam...”, “algumas pessoas afirmam...”, “para muitos é importante... para outros...”);
 - introduzem argumentos (“porque”, “pois”, “mas”); anunciam a conclusão (“então”, “consequentemente”, “por isso”, “assim”).
- ▷ Recolha as produções dos alunos e indique as alterações que devem ser feitas para aprimorar o texto.

15

oficina





Revisão final

▶ objetivo

- Revisar e melhorar o texto individual.

▶ prepare-se!

Com os artigos prontos, defina com os alunos como publicá-los. Lembre-se de que um artigo de opinião, para ser efetivo, precisa ser lido pelo maior número possível de pessoas. Prepare um cartaz com o roteiro para a análise da produção.

material

- ▶ Dicionário de língua portuguesa
- ▶ Papel *kraft*, canetas hidrográficas

atividades

- ▷ Prepare um cartaz com o roteiro descrito abaixo. Distribua aos alunos as produções deles para que possam revisar e melhorar o texto.
- ▷ Ajude-os com relação ao roteiro e explique que ele não representa um conjunto de regras a serem cumpridas. São apenas orientações, não precisam ser seguidas à risca.

Roteiro

- » Seu artigo parte de uma questão polêmica?
- » Você colocou o leitor a par da questão?
- » Tomou uma posição?
- » Introduziu sua opinião com expressões como “penso que”, “na minha opinião”?
- » Levou em consideração os pontos de vista de opositores para construir seus argumentos?
Por exemplo: “Para fulano de tal, a questão é sem solução. Ele exagera, pois...”.
- » Utilizou expressões que introduzem os argumentos, como “pois”, “porque”?
- » Utilizou expressões para anunciar a conclusão, como: “então”, “assim”, “portanto”?
- » Concluiu o texto reforçando sua posição?
- » Verificou se a pontuação está correta?
- » Corrigiu os erros de ortografia?
- » Substituiu palavras repetidas e eliminou as desnecessárias?
- » Escreveu com letra legível para que todos possam entender?
- » Encontrou um bom título para o artigo?



- ▷ Ajude os alunos a eliminar dúvidas. Elas costumam ser frequentes, por exemplo, quanto à grafia das palavras, em fonemas de mesmo som e grafia diferentes (caso de *ss/s/ç, z/s*), bem como em palavras que se devem escrever juntas ou separadas: “porque”, “por isso”, “embora”.
- ▷ À medida que as dúvidas surgirem, escreva a forma correta no quadro para que todos possam conhecer a ortografia, ou faça um cartaz, afixando-o na sala de aula. Esse também pode ser um bom momento para incentivar o hábito de consultar dicionários.
- ▷ Ajude-os também com dicas sobre pontuação e uso de sinônimos e pronomes para evitar repetição excessiva de palavras.
- ▷ Por fim, faça mais uma revisão do texto de seus alunos e peça-lhes que escrevam, com base nessa correção, a versão definitiva.
- ▷ Escolha em consenso com a classe os textos que serão encaminhados para a Comissão Julgadora Escolar.

Para o encerramento defina com os alunos a melhor forma de publicar todos os textos. Professor, não deixe que os artigos escritos pelos alunos fiquem na gaveta. Você pode produzir junto com eles uma coletânea de todos os artigos da classe para deixar na biblioteca da escola; enviar alguns artigos para jornais, revistas ou outros periódicos locais; produzir um *blog* e garantir que todos os artigos dos alunos sejam publicados; montar um grande jornal mural em algum espaço da escola.

Essa publicação trará um real significado para o artigo produzido pelo aluno e, com certeza, eles se sentirão valorizados pelo trabalho que realizaram.

Atenção!

O texto selecionado pela comissão deverá ser digitado pelo aluno sob orientação do professor.

Pronto! O trabalho está feito. Agora é só esperar pelos resultados.

Critérios de avaliação para o gênero Artigo de opinião

Apresentamos, na página ao lado, a grade de avaliação para os textos do gênero Artigo de opinião da quarta edição da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*.

Os critérios, elaborados no âmbito da Olimpíada, refletem a forma como os gêneros textuais foram definidos nos Cadernos do Professor. Para 2014 foram feitas pequenas alterações no intuito de aprimorar o processo avaliativo, levando em conta experiências acumuladas em comissões julgadoras e reflexões realizadas no Seminário Nacional Olimpíada em Rede.

Os **descritores** detalham os critérios e foram elaborados em forma de perguntas para facilitar a análise.

O critério “Adequação ao gênero” foi organizado em dois grupos de descritores:

1. **Adequação discursiva:** refere-se à conformidade do texto à situação de produção; deve-se observar se o texto aborda o tema, se deixa transparecer quem o escreveu, para quem ler, com que objetivo e se está de acordo com a organização geral.
2. **Adequação linguística:** está relacionada ao modo como a linguagem é empregada para construir a adequação discursiva; assim é preciso observar se a linguagem utilizada, a forma de dizer, está a serviço da situação de produção e da organização textual.

A equipe da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* agradece a contribuição dos parceiros, docentes das universidades de todo Brasil, que estiveram presentes no Seminário Nacional Olimpíada em Rede, realizado em São Paulo nos dias 30 e 31 de outubro de 2013, e participaram do grupo de trabalho “Alinhando critérios para avaliação de textos”, coordenado por Ana Luiza Marcondes Garcia (PUC-SP) e Egon de Oliveira Rangel (PUC-SP).

Alexandre Almeida (UFRGS)

Ana Lucia de Sena Cavalcante (UFRR)

Celeste Maria da Rocha Ribeiro (UNIFAP)

Cristiane Mori de Angelis (PUC-SP)

Eliana Merlin Deganutti de Barros (UENP)

Emilio Davi Sampaio (UEMS)

Henrique Silvestre Soares (UFAC)

Ivoneide Bezerra de Araújo Santos (IFRN)

Jamesson Buarque de Souza (UFG)

José Herbertt Neves Florencio (UFPE)

Juscéia Aparecida Veiga Garbelini (UFTO)

Lícia Maria Freire Beltrão (UFBA)

Luciene Juliano Simões (UFRGS)

Luiz Percival Leme Britto (UFOPA)

Márcia Cristina Greco Ohuschi (UFPA)

Maria Zélia Versiani Machado (UFMG)

Margarete Schlatter (UFRGS)

Mary Jane Dias da Silva (UFS)

Mônica de Souza Serafim (UFC)

Nelita Bortolotto (UFSC)

Neusa dos Santos Tezzari (UNIR)

Pedro Garcez (UFRS)

Shirley Marly Alves (UESPI)

Simone de Jesus Padilha (UFMT)

Zilda Laura Ramalho Paiva (UFPA)

ARTIGO DE OPINIÃO

Proposta de descritores

CRITÉRIOS	PONTUAÇÃO	DESCRITORES
Tema “O lugar onde vivo”	1,0	<ul style="list-style-type: none"> • O texto se reporta de forma pertinente a alguma questão polêmica da realidade local?
Adequação ao gênero	3,0	Adequação discursiva <ul style="list-style-type: none"> • Há uma questão polêmica apresentada no texto? • O autor se posiciona claramente em relação à questão apresentada? • A questão polêmica está relacionada a aspectos que afetam a realidade local? • A questão polêmica tratada é relevante para o autor, para a comunidade e pode interessar múltiplos leitores? • O autor argumenta como alguém que entende do assunto e se sente autorizado a opinar perante seus leitores? • O autor utiliza dados e informações pertinentes e diversificados para dar sua opinião contribuindo para o debate?
	2,5	Adequação linguística <ul style="list-style-type: none"> • O texto deixa transparecer claramente o ponto de partida (os dados) e a conclusão (ou tese) a que o autor pretende chegar? • O ponto de partida que gerou a opinião e a tese defendida estão construídos de maneira clara e coerente para o leitor projetado? • Os argumentos apresentados sustentam a opinião do autor perante o leitor a que se destina o texto? • Estratégias argumentativas como a refutação e posições de diferentes protagonistas do debate estão articuladas entre si e integradas ao propósito do texto? • O texto é coeso? Os elementos de articulação são adequadamente utilizados?
Marcas de autoria	2,0	<ul style="list-style-type: none"> • Levando em conta o leitor do texto (alguém que pode conhecer ou não a questão, concordar ou discordar da opinião defendida) e o propósito do texto (formar opinião, mobilizar, desacomodar, fazer mudar de ideia etc.), a tese construída é defendida por argumentos convincentes? • Ao tentar convencer seus leitores, o autor utiliza diversidade de tipos de argumentos? Estes argumentos estão articulados? A estratégia utilizada é eficaz? • O autor supõe um leitor que quer ou deve saber sua opinião sobre a questão? • Ao escrever o texto, o autor considerou diferentes leitores? • O título antecipa a polêmica e motiva a leitura do texto?
Convenções da escrita	1,5	<ul style="list-style-type: none"> • O texto atende às convenções da escrita (morfossintaxe, ortografia, acentuação, pontuação), levando em conta o leitor considerado no texto? • O texto rompe convenções da escrita (por exemplo, marcas de oralidade ou de variedades linguísticas regionais ou sociais) a serviço de produção de sentidos no texto?

Glossário

Alienação política – Quando um indivíduo ou todo um segmento da população se aparta da política, agindo como se esta não fosse uma dimensão constitutiva de nossa vida em sociedade, encontra-se em estado de *alienação política*. Assim, a alienação pode ser efeito tanto de estratégias de poder destinadas a reservar o exercício da política a determinados grupos (como o dos políticos profissionais) quanto resultado de frustrações e decepções políticas.

Burocracia – As instituições, normas e procedimentos que regulamentam o funcionamento e a administração do Estado compõem a *burocracia*. Em decorrência da distância que frequentemente se estabelece entre a *burocracia* e o pleno exercício da cidadania, o termo também é utilizado pejorativamente, para designar o conjunto de obstáculos que a administração estatal interpõe ao livre exercício de direitos por parte do cidadão.

Classe política – Usa-se a expressão *classe política* para designar o segmento da sociedade que, diferentemente do restante da população, se profissionaliza no exercício da política.

Coioote – Em analogia à proverbial esperteza do animal de mesmo nome, o termo *coioote* é usado para designar aquele que se beneficia de demandas criadas por (i)migrantes, seja do ponto de vista dos deslocamentos até o território pretendido, seja no que diz respeito ao agenciamento para o trabalho.

Comunidade política – Um grupo de cidadãos relacionados ao poder de um mesmo Estado constitui uma *comunidade política*.

Conservador – De forma geral, chamam-se de *conservador* o indivíduo, grupo, atitude ou instituição que, visando manter inalterado um determinado estado de coisas, posiciona-se e/ou atua contra possíveis mudanças.

Corpo legal – É uma expressão que designa o conjunto de leis referentes a uma determinada esfera de atividades, como a eleitoral.

Cristalização do poder – Fala-se em *cristalização do poder* sempre que o princípio democrático da alternância é contrariado, seja pela permanência no poder do mesmo indivíduo, grupo ou classe social, seja pela manutenção de esquemas e estratégias de atuação na política, inclusive no que diz respeito às eleições.

Curral eleitoral – Durante a “República Velha”, em que o voto era aberto, chamava-se de *curral eleitoral* o grupo de cidadãos cujo voto era diretamente controlado por um determinado político e/ou por alguém poderoso e influente. Mesmo depois da instituição do voto secreto, na década de 1930, o termo continuou a ser usado, para designar a(s) região(ões) de influência de um político.

Democracia – Um regime é democrático quando é baseado no princípio da soberania popular. A *democracia* é, portanto, o regime político em que todo poder emana do povo e em seu nome é exercido. Como garantia de que assim seja, toda democracia pressupõe rotatividade no poder.

Democracia participativa — Quando um regime democrático se baseia na participação direta dos cidadãos nas decisões políticas socialmente relevantes, diz-se que ele constitui uma *democracia participativa*.

Desobediência civil — Caracteriza-se como *desobediência civil* toda aquela estratégia de luta política cujo objetivo é defender direitos civis ameaçados ou violados por leis ou por decisões oficiais. Trata-se, portanto, de uma manifestação direta da *soberania popular*, capaz de suscitar a revisão ou a revogação de leis e decisões arbitrárias.

Deveres civis — Chamam-se *deveres civis* aos deveres decorrentes do exercício dos *direitos civis* pelo cidadão. Nesse sentido, esses deveres são uma *condição* para o exercício dos direitos civis a que se relacionam.

Direção argumentativa — Toda argumentação visa, por meio de diferentes recursos, levar o interlocutor a aceitar uma determinada conclusão (tese). Tendo em vista esse objetivo, a *direção argumentativa* de um texto é a sinalização, a cada passo, de um raciocínio, da perspectiva defendida.

Direitos civis (políticos e sociais) — Os *direitos civis* são aqueles que envolvem o exercício cidadão da liberdade. É o caso, por exemplo, do direito à vida e do direito de ir e vir.

Estado mínimo — Em sua fase atual, o assim chamado “novo capitalismo” ou “capitalismo neoliberal” preconiza um *Estado mínimo*, ou seja, um Estado que evite intervir no funcionamento do mercado — supostamente capaz de se regular por sua própria lógica e dinâmica —, aliado a uma administração pública a mais enxuta e a menos custosa possível. A aplicação dessa diretriz tem significado, em todo o mundo, um grande desinvestimento nas políticas sociais.

Exclusão social — Quando um indivíduo ou todo um grupo é direta ou indiretamente impedido de ter acesso a direitos e/ou recursos socialmente disponíveis, podemos dizer que sofrem de *exclusão social*.

Frase icônica — Consideramos uma *frase icônica* quando ela funciona como um ícone, ou seja, como um símbolo daquilo que designa ou significa. É, portanto, uma frase estereotipada, facilmente reconhecível como associada a uma situação, a uma ideia ou a um tipo de pessoa.

Jean-Jacques Rousseau — Nascido em Genebra, Suíça, *Jean-Jacques Rousseau* (1712-1778) foi um filósofo cujas ideias inspiraram e influenciaram fortemente a Revolução Francesa. Seu livro mais conhecido — *O contrato social* — defende o contrato social como meio de conciliar a liberdade individual e a organização da sociedade.

Limpeza étnica — A expressão *limpeza étnica* tem sido utilizada para nomear as operações civis, policiais ou militares que, a exemplo do que sucedeu na Europa, durante a Guerra dos Balcãs (1912-1913), a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e as guerras da Iugoslávia (1991-1995) e de Kosovo (1996-1999), visam eliminar determinados grupos étnicos, como os judeus e os ciganos, da população nacional que integram.

Macroeconomia liberal — A organização geral, o funcionamento e os componentes de um sistema econômico (taxa de juros, câmbio, balanço de pagamentos, nível geral de preços, nível de emprego etc.) compõem a macroeconomia. Assim, *Macroeconomia liberal* é o termo utilizado para nomear, no seu todo, o sistema econômico que se organiza com base no novo capitalismo. Ver também *Estado mínimo* e *Teoria da representação mínima*.

Não brancos – A expressão *não brancos* tem sido usada para referir todos aqueles que, numa população como a norte-americana, não são reconhecidos como brancos e, em consequência, são discriminados e sofrem diferentes procedimentos de exclusão social.

Políticas migratórias – Em resposta a grandes e numerosas ondas internacionais de migração, muitos Estados nacionais e numerosos organismos internacionais estabeleceram *políticas migratórias*, destinadas seja para garantir os direitos básicos dessas populações, seja para regulamentar sua entrada e permanência num determinado país ou região.

Postura libertária – Uma pessoa ou instituição defende uma *postura libertária* sempre que se manifesta a favor da liberdade individual ou coletiva.

Princípio republicano – Em oposição a regimes como o monárquico, o *princípio republicano* estabelece que a gestão da *res publica* – expressão latina para *coisa pública*, ou seja, para aquilo que, num Estado, é do interesse de todos e de cada um – é incumbência de um governante eleito por voto popular e em mandato de duração definida.

Produção fordista – Esquema de produção industrial que, à semelhança da linha de montagem idealizada por Henry Ford, aumenta exponencialmente a produtividade.

República Velha – Termo cunhado por historiadores para nomear as primeiras décadas do regime republicano no Brasil, da Proclamação da República até a Revolução de 1930, que deu início à “República Nova”. A *República Velha* se caracterizou pela “política do café com leite” (em que grandes produtores de café (São Paulo) e de leite (Minas Gerais) se revezavam na presidência da República) e por práticas como a do *curral eleitoral*.

Revolução Francesa – Durante aproximadamente dez anos (1789 a 1799) a França viveu grande agitação política e social, da qual resultou a derrota da monarquia absolutista (assim como dos privilégios de classe que a caracterizavam) e a instauração da República, com base no princípios de liberdade, igualdade e fraternidade. Assim denominada, a *Revolução Francesa* tornou-se, então, um marco histórico mundial da luta republicana pelos direitos humanos.

Seção eleitoral – No sistema eleitoral brasileiro, os eleitores são cadastrados com base na região em que residem. Para organizar e viabilizar o processo de votação, a região é dividida em seções. Assim, uma *seção eleitoral* é, também, o local em que um determinado grupo de eleitores exerce o seu direito de voto.

Síndrome – Em áreas do conhecimento como a medicina e a psiquiatria, um conjunto de sintomas associados a uma ou a mais de uma causa é chamado de *Síndrome*.

Sistema eleitoral – O conjunto de instituições, leis e normas que um Estado mobiliza para realizar e controlar suas eleições constitui o seu *sistema eleitoral*.

Soberania popular – Parte indissociável do princípio republicano, a *soberania popular* consiste em considerar a *vontade dos cidadãos* como critério absoluto para a constituição, a organização e o funcionamento do Estado. De acordo com o artigo 1º, parágrafo único, da Constituição da República Federativa do Brasil: “Todo poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição”.

Sufrágio — O termo *sufrágio* é usado como sinônimo de escolha, voto ou apoio.

Teoria da representação mínima — Preconizada por muitas instituições e diferentes setores da sociedade brasileira, a *Teoria da representação mínima* prega uma drástica redução do número de partidos e do número de representantes da população – vereadores, deputados estaduais e federais, senadores – nos parlamentos. De acordo com os críticos dessa corrente, que a associam ao *Estado mínimo*, o resultado seria um radical empobrecimento da participação popular e da representatividade política.

Timeline — Um conjunto de eventos cronologicamente organizados, num projeto ou no planejamento de um trabalho, por exemplo, constitui uma *timeline*, termo inglês cujo significado literal é “linha do tempo”.

Vontade geral — Em Rousseau, a noção de *vontade geral* corresponde à interpretação que a classe política faz de qual seria, numa determinada circunstância, a “vontade do povo”, entendido como uma “pessoa coletiva”, dotada, portanto, dos atributos de toda e qualquer pessoa.

Voto distrital-majoritário — No debate sobre a reforma do sistema eleitoral brasileiro a proposta do *voto distrital-majoritário* para as assembleias legislativas e a Câmara Federal consiste em: dividir os Estados em distritos eleitorais, cada um deles elegendo um deputado por maioria simples; e, considerar vencedor do pleito o mais votado entre os candidatos distritais. Os críticos a essa proposta alegam que ela prejudica a representatividade política, seja por privilegiar os interesses regionais-distritais sobre os estaduais e nacionais, seja por dificultar e mesmo inviabilizar a eleição de candidatos de partidos pequenos.

Voto facultativo – Quando o Estado não estabelece qualquer restrição ou penalidade para o cidadão que decide não votar, dizemos que o voto é *facultativo*. Caso contrário, o voto é obrigatório.

Voto nulo – Não contabilizado no cômputo do total dos votos válidos, numa eleição, o *voto nulo* envolve algum desvio de registro (nome ou número do candidato, por exemplo) que impede sua validação. Na votação manual, o voto nulo corresponde, com frequência, a um protesto, como o voto no famoso rinoceronte Cacareco para vereador da cidade de São Paulo, no final da década de 1950, e diferentes manifestações de discordância e insatisfação. Dada esta possibilidade, muitos preconizam que o voto digital inclua esta opção.

Xenofobia — De origem grega, o termo *xenofobia* significa, literalmente, medo (*fóbos*) do que é estranho ou estrangeiro (*xénos*). É utilizado, no entanto, para designar a aversão, o ódio e/ou a hostilidade contra estrangeiros, especialmente em relação a imigrantes e refugiados.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. “O todo semântico da personagem”, in: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BRETON, Philippe. *Argumentar em situações difíceis*. Barueri: Manole, 2005.
- CAMARGO, Flavio Pereira. “Marcel Proust e o triunfo da memória”. Disponível em <www.ucm.es/info/especulo/numero42/mproustm.html> .
- DOLZ, Joaquim; PASQUIER, Auguste. “Un decálogo para enseñar a escribir”, in: *Cultura y Educación*. Madrid: Fundación Infancia y Aprendizaje, v. 8, nº 2, jun., 1996.
- DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, B. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado das Letras, 2004.
- DOLZ, Joaquim et al. *O enigma da competência em educação*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- FREIRE, Madalena. *Observação, registro e reflexão*. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.
- MACHADO, Anna Rachel e colabs. ABREU-TARDELLI, Lília Santos e CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes (orgs.). *Linguagem e educação: o ensino e a aprendizagem de gêneros textuais*. Campinas: Mercado das Letras, 2009.
- MARCUSCHI, Luiz A. *Linguística do texto: o que é, como se faz*. Recife: UFPE, 1983.
- . *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.
- MATÊNCIO, Maria de Lourdes Meirelles. “Referenciação e retextualização de textos acadêmicos: um estudo do resumo e da resenha”. Disponível em <http://www.letramento.iel.unicamp.br/publicacoes/artigos/referenciacao_e_retextualizacao_MariaMatencio.pdf> .
- NASCIMENTO, Elvira Lopes (org.). *Gêneros textuais: da didática das línguas aos objetos de ensino*. São Carlos: Claraluz, 2009.
- RANGEL, Egon de Oliveira. *O processo avaliatório e a elaboração de “protocolos de avaliação”*. Brasília: Semtec/MEC, 2004.
- TOULMIN, Stephen. *Os usos do argumento*. São Paulo, Martins Fontes, 2001.
- VYGOTSKY, Lev Semenovich. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- YOKOZAWA, Solange Fiuza Cardoso. “Memória literária e modernidade: o caso Proust”, in: *Temporis(ação)*, v. 1, nº 5-6, 2002, pp. 63-74.



Parceria



Coordenação
Técnica

Iniciativa



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO



olimpíada
de Língua Portuguesa

Coletânea

**Artigos
de opinião**

Distribuição gratuita



coletânea artigos de opinião

2

Tirinha
Laerte

Charge
Duke

4

Em defesa
do voto
obrigatório

Léo Lince

3

“Tá com dó
do refugiado?
Leva pra casa!”

Leonardo
Sakamoto

6

Google entra
na guerra
contra as
falsas notícias

Camilo Rocha

8

Ciclistas
denunciam
agressão de
motorista em
discussão de
trânsito no
Bairro Aldeota

Tribuna do Ceará

12

Do chumbinho
nos haitianos
aos protestos
de domingo

Mônica Francisco

10

A viralização do
senso comum

Michel Carvalho da Silva

7

Haitianos foram
feridos com bala
de chumbinho, diz
secretaria de Saúde

O Estado de S. Paulo

16

Cavaleiros da
cana *versus*
mecanização

Mariane Cheli
de Oliveira

14

Teste rápido
Você faz
papel de idiota nas
redes sociais?

Leonardo Sakamoto

Tirinha

Laerte



Disponível em <<http://www2.uol.com.br/laerte/tiras/hugo/tira29.gif>>.

Charge

Duke



Disponível em <https://www.google.com.br/search?q=charges+sobre+internet&hl=pt-BR&rlz=1T4MXGB_pt-BRBR511BR511&tbnisch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwi9p4H2_6TJAhWMJZAKHUwjBEUQsAQIHA&biw=1536&bih=730>.

“Tá com dó do refugiado? Leva pra casa!”

Leonardo Sakamoto

8/9/2015

“Tá com dó? Leva para casa!” é uma daquelas frases icônicas, através das quais consegue-se avaliar se o interlocutor merece respeito ou um abraço forte e solidário. É utilizada por pessoas com síndrome de pombo-enxadrista (faz sujeira no tabuleiro, joga ignorando regras mínimas de sociabilidade e sai voando, cantando vitória), normalmente diante do clamor para políticas voltadas àquela gente pobre, parda, perdida ou violada que habita as frestas das grandes cidades.

É só falar da necessidade de políticas específicas que garantam qualidade de vida para esse pessoal mas, ao mesmo tempo, respeitem seu direito de ir e vir e ocupar o espaço público que o povo vira bicho. Ou melhor, vira pombo.

Este tema não é novo por aqui, mas vi que a frase passou a ser usada diante da última crise de refugiados na Europa. Gente empregando-a para negar a necessidade de acolher refugiados, não só da Síria, mas da Ásia, África e América Latina. “Querem trazer mais deles para o Brasil? Coloque-os na sua casa!”

Não viu esse tipo de coisa na sua timeline? Acha que o mundo é só solidariedade? Culpe o algoritmo de sua rede social, que te colocou numa bolha cor-de-rosa. O mundo lá fora, minha gente, é flicts.

Tanto na Europa quanto por aqui, ações individuais ajudam a mitigar o impacto inicial dos refugiados, garantindo apoio a quem perdeu tudo. E é ótimo que seja assim.

Mas eles devem ser alvo, principalmente, de uma política pública, com intervenção direta do Estado, única instituição com tamanho e legitimidade para garantir uma ação nacional, transnacional e de escala. Porque isso também inclui a garantia da autonomia econômica e social às famílias. Quem acha que o Estado é um simples entrave e não a forma que construímos para impedir que nos devoremos, tem dificuldade de entender que o acolhimento de refugiados e migrantes não é caridade individual, mas sim a efetivação de compromissos assumidos internacionalmente por um povo.

Ao mesmo tempo, o Estado é responsável por aprovar o mais rápido possível a nova lei brasileira de migração, que facilita a acolhida de estrangeiros de locais com instabilidade, guerras, violações a direitos humanos. O projeto, já aprovado no Senado e que está em análise na Câmara dos Deputados (PL 2516/15), repudia a xenofobia, tendo uma caráter mais humanitário que o Estatuto do Estrangeiro atual, um Walking Dead – morto, mas segue aí, atrapalhando. Não é a panaceia para todos os problemas, mas um passo importante. Migrantes geram riqueza para seus novos países, mas a narrativa é de que são custosos para o poder público. Prova de que uma mentira contada mil vezes vira verdade.

Tenho dó é desse povo que tem medo de tudo e acha que a vida é uma selva, do nós contra eles. Pessoal que pensa assim, na boa, sua vida deve ser ruim demais.

Disponível em

<http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2015/09/08/ta-com-do-do-refugiado-leva-pra-casa/>.

Em defesa do voto obrigatório

Léo Lince

Correio da Cidadania, 29/5/2015

Existe, no senso comum, um mal-estar em relação ao voto obrigatório. Toda obrigação incomoda. Este fato, indiscutível, favorece os defensores do voto facultativo, que, ademais, apresentam sua proposta como expressão da postura libertária e como fator de desmonte de algumas distorções que, de fato, existem em nosso sistema eleitoral.

O “curral eleitoral” e a compra de votos seriam distorções eliminadas pela simples presença do voto facultativo. Falso. Na República Velha, o voto era facultativo e os currais proliferavam. O voto obrigatório foi implantado na década de 30 e os currais continuam a operar até hoje. Ou seja, sendo obrigatório ou facultativo, o voto pode se tornar mercadoria. A coerção que encurrala eleitores é de outra natureza e tem a ver com o peso do poder econômico. O quadro atual, marcado pelo desencanto com a política e pela descrença no voto como instrumento de mudança — elementos que favorecem a cristalização do poder de quem já está por cima — também joga água no moinho dos que defendem o voto facultativo.

Apresentado como uma vitória da liberdade, o voto facultativo se recobre com as feições sedutoras da rebeldia. Desobrigado de votar, o indivíduo ficaria mais “livre” ao

deixar de “perder” aquele pedaço do dia em que, de dois em dois anos, comparece na seção eleitoral. Falsa conquista, baseada em perigoso conceito de liberdade individual, que pode comprometer a realização do princípio republicano da soberania popular.

O voto, para os que defendem sua obrigatoriedade, além de um direito duramente conquistado, deve ser considerado um dever, sem o exercício do qual aquele direito se descaracteriza ou se perde. A liberdade e a democracia não são meros meios, são fins cuja permanência depende da eterna vigilância e do trabalho continuado de seus defensores. Logo, quem vive numa comunidade política não pode estar desobrigado de opinar sobre os seus rumos.

Essa é uma ideia que vem de longe, dos tempos da Revolução Francesa, ancorada em formulação de Jean-Jacques Rousseau. Segundo ele, o cidadão só pode ser o **soberano** da política se ao mesmo tempo for “**escravo**” do processo que constitui a “vontade geral”. Ou seja, o poder político só emanará do povo se o povo participar da política. Nada contra a desobediência civil ou demais formas de protesto político que vão além do momento eleitoral. A insatisfação contestatória, aliás, também pode



se expressar no voto nulo, cuja tecla deveria constar na máquina de votar.

O voto facultativo desloca o eixo da questão. Com ele, o direito de votar e o de não votar ficam inscritos, em pé de igualdade, no corpo legal. Uma parte do eleitorado deixará voluntariamente de opinar sobre a constituição do poder político. O desinteresse pela política e a descrença no voto serão registrados como mera “escolha”, sequer como desobediência civil ou protesto. A consagração da alienação política como um direito legal interessa aos conservadores. Reduz o peso da soberania popular e desconstitui o sufrágio como universal.

Ganha com a mudança quem deseja o povo como “maioria silenciosa”, gigante adormecido, aglomerado de consumidores, nunca como titular soberano e organizado do poder político. Nos EUA, onde o voto é facultativo, a abstenção eleitoral é enorme e tende a se perpetuar, ao longo do tempo, nos mesmos grupos sociais e étnicos, especialmente entre os discriminados socialmente. A redução da universalidade do sufrágio se expressa como exclusão social e elemento efetivo de cristalização do poder nas mãos da “classe política”.

No quadro brasileiro atual, o voto facultativo é uma das faces (a mais simpática) da investida conservadora. O “estado mínimo” da macroeconomia neoliberal demanda, para o seu bom funcionamento, a teoria da representação mínima. Encolher o tamanho do eleitorado com o voto facultativo; reduzir o número de partidos com a cláusula de barreira; eliminar parte dos votos válidos com o distrital-majoritário. Querem reduzir a participação política, eliminar partidos e esterilizar o voto da oposição contestadora.

Para o cidadão ativo, que além de votar se organiza para garantir os direitos civis, políticos e sociais, o enfoque deve ser inteiramente outro. A liberdade de não ir votar é uma armadilha. O tempo dedicado ao acompanhamento continuado da política não deve se apresentar como restritivo da liberdade individual. Pelo contrário. É compromisso livre com a democracia participativa, indispensável ao exercício pleno de todas as liberdades, inclusive as individuais. Para que o sufrágio continue universal, para que todo poder emane do povo e não dos donos do poder econômico, o voto, além de um direito, deve conservar a sua condição de um inarredável dever civil.

Disponível em <http://www.correiodadania.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=10806:submanchete290515&catid=13:leo-lince&Itemid=87>.

Google entra na guerra contra as falsas notícias

Novo algoritmo do sistema de buscas irá checar confiabilidade de páginas da internet, influenciando sua posição nos resultados

Camilo Rocha

Blog de O Estado de S. Paulo - 4/3/2015



SÃO PAULO – Que a internet e as redes sociais são um desfile constante de notícias e informações falsas, boa parte dos usuários já sabe. O ruído ininterrupto de conteúdo duvidoso é uma reclamação comum, de usuários a empresas de mídia. Um aliado poderoso chega agora para ajudar na guerra contra a desinformação: o Google anunciou que um novo algoritmo no seu sistema de buscas irá checar a confiabilidade de páginas da internet.

Atualmente, os resultados de buscas do Google são ranqueados de acordo com sua popularidade. Esta é medida pelo número de vezes em que a página é linkada de outros lugares. Ou seja, basta que o conteúdo tenha um alto índice de compartilhamento para que seja considerado relevante pelos robôs do Google e suba posições na lista de resultados.


O novo modelo em desenvolvimento pela empresa pretende mensurar a confiabilidade de uma página contando o número de fatos incorretos contidos nela. Segundo a descrição do projeto, “os fatos serão automaticamente extraídos de cada fonte através de métodos usados para construir bases de conhecimento (tecnologia que armazena dados não estruturados em computadores)”.

O texto do projeto cita como exemplo a informação da nacionalidade do presidente Barack Obama em oito sites diferentes. Sites que indicam o local como sendo o Quênia e não os Estados Unidos tendem a perder posições no ranking de confiabilidade. Quanto mais erros e inverdades um site tiver, piores são suas chances de ter um bom lugar nas buscas do Google.

O sistema checará as informações que circulam pela internet no “knowledge vault” (cofre do conhecimento, em tradução livre), um vasto banco de dados que o Google vem montando de maneira automatizada com fatos sobre o mundo, pessoas e objetos. Esse banco serve para responder perguntas que usuários fazem ao Google em seus celulares ou computadores. Por exemplo, quando você digita “capital da Hungria” na busca é do “knowledge vault” que vem a resposta “Budapeste”.

Segundo os criadores do projeto, o banco de dados inclui 2,8 bilhões de fatos, com os quais pode se estimar a confiabilidade de 119 milhões de páginas na web. O texto de apresentação explica que foram realizadas avaliações humanas dos resultados para “a confirmação da eficiência do método”.

Disponível em <<http://blogs.estadao.com.br/link/google-entra-na-guerra-contra-as-falsas-noticias>>.



Haitianos foram feridos com bala de chumbinho, diz secretaria de Saúde

Grupo foi atacado no Glicério, região central de São Paulo, no dia 1.º; uma das suspeitas é de xenofobia

O Estado de S. Paulo

10/8/2015

SÃO PAULO – A Secretaria Municipal de Saúde confirmou nesta segunda-feira, 10, que os seis haitianos feridos no Glicério, centro da capital, no dia 1.º- foram alvo de balas de chumbinho. Eles foram atingidos nas pernas e não correm riscos. Uma das suspeitas é de que eles tenham sido alvos de xenofobia.

Três das vítimas fizeram exames nesta segunda no Hospital Municipal do Tatuapé, na zona leste. Dois deles, de acordo com a pasta, passarão por cirurgias para extrair estilhaços das balas. Outro haitiano ainda será novamente avaliado pelos médicos.

A Secretaria Estadual de Segurança Pública informou que o 1.º Distrito Policial (Sé) está apurando o caso. Segundo a pasta, “a polícia está colhendo o depoimento dessas vítimas e de testemunhas e não irá revelar detalhes para não comprometer a investigação”.

O grupo de haitianos, relatam as próprias vítimas, foram alvos de vários ataques. O padre Paolo Parisi, da Igreja Nossa Senhora da Paz, no Glicério, disse que a maioria dos atingidos pelos disparos não se conheciam. Imagens das câmeras de vigilância do comércio local também foram requisitadas pelos investigadores.

Rigor. Felipe González, relator sobre direitos dos migrantes da Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (OEA), disse que é necessária uma investigação “rápida e rigorosa” sobre o caso. “Para saber, ao final, se há ou não motivos xenofóbicos”, disse ele nesta segunda-feira, 10. González está em São Paulo para debates sobre políticas migratórias.

O Congresso Nacional discute atualmente uma nova Lei de Migrações para substituir o Estatuto do Estrangeiro, aprovado em 1980, ainda na época da ditadura militar. Aprovado no Senado em julho, o projeto da Lei de Migrações deve começar a ser votado na Câmara no segundo semestre.

Segundo ativistas da área, alguns dos avanços da proposta é a redução de burocracias para migrantes, além de garantias ao acesso à justiça e reunião familiar. Com a mudança, a política migratória deixa de ser da segurança nacional e passa a integrar a área de direitos humanos. Para Felipe González, porém, seria importante também criar uma autoridade civil que pudesse tratar do controle migratório, além da Polícia Federal.

Disponível em <<http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,haitianos-foram-feridos-com-bala-de-chumbinho-diz-secretaria-de-saude,1741549>>. Acesso em 17/1/2016.

Ciclistas denunciam agressão de motorista em discussão de trânsito no Bairro Aldeota

Os ciclistas registraram BO relatando agressão. O motorista reconhece que se excedeu, após presenciar os ciclistas “furando” sinal vermelho

Tribuna do Ceará

17 de outubro de 2015

Já passava das 22h30, quando um casal de ciclistas pedalava no Bairro Aldeota, em Fortaleza. Eles retornavam para casa e, ao passar pelo cruzamento das ruas José Lourenço com Dom Expedito, afirmam terem sido abordados por um motorista de carro na noite da última quinta-feira (15). Depois do episódio, a dupla se dirigiu ao 2º Distrito Policial, para registrar um **boletim de ocorrência** contra o suposto agressor.

“Estávamos em um grupo de quatro ciclistas, mas um de nós ficou no sinal da Avenida Padre Antônio Tomás. Resolvemos seguir, com uma de nós mais à frente. Para acompanhar o ritmo dessa amiga que ia mais à frente, passamos o sinal vermelho, virando à direita juntamente com o motorista que vinha. Mas, ainda enquanto fazíamos a conversão, ele já baixou o vidro e começou a falar de forma agressiva, puxando o carro para o lado, imprensando as bicicletas contras os carros estacionados”, conta uma das vítimas.

O motorista, identificado como J. M. M., relatou a sua versão em sua página, em uma rede social, nesta sexta-feira (16). Ele cita que houve agressão mútua e apontou o mau comportamento dos ciclistas. “No meio do cruzamento, me deparei com um casal que vinha de bicicleta pelo meio

da rua descendo a José Lourenço, cruzando o sinal que estava vermelho para eles. Diminuí, desviei e avisei aos dois que o sinal estava verde para mim. Eles me mandaram para merda (*sic*) com cara feia, como se eu estivesse errado. Eu, ainda calmo, perguntei se era assim que eles queriam ser respeitados no trânsito. Eles novamente me xingaram e mandaram eu me f... (*sic*), exigindo que eu saísse da frente deles, com palavras ostensivas: SAI FORA!!!”, declara o motorista.

A mulher contradiz o relato e afirma que foi o motorista quem iniciou as agressões. “Pegou a bicicleta do meu amigo, jogou no chão e bateu nele. Eu, que consegui escapar da investida, pude ver a placa do carro e comecei a gritar para que alguém anotasse”, disse. Ela conta que, nesse momento, a atenção do motorista mudou. “Ele retornou ao carro e dirigiu em minha direção, **jogando o veículo para cima de mim**. Desceu novamente do carro e bateu com a mão na minha cabeça para tirar o boné que eu usava”, acrescenta.

O motorista informa só ter agredido o rapaz e aponta que, quando se dirigiu à mulher para evitar a gravação, apenas tentou **tomar o celular das mãos dela**. “Fui novamente para cima do rapaz. Ia fazer uma besteira, Deus foi



mais! O máximo que eu consegui foi dar um chute nele, porque ele corria. Em uma atitude impensada, joguei a bicicleta dele no chão e fui embora. Ela continuou gritando e me instigando, me filmando. Me irritei e tentei tomar o celular dela”, completa.

De acordo com o relato da vítima, a dupla viu o motorista entrar novamente no carro e ir embora. “Mas **ele parou na esquina da Rua Padre Valdevino**. Peguei o celular para registrar o que estava acontecendo, ouvir as pessoas que estavam ali assistindo a tudo. Acho que ele viu que eu estava filmando e saiu do carro, correndo em direção a mim novamente, exigindo que eu parasse de filmar.”

João conta que teve seu carro seguido por alguns metros e, por isso, parou o veículo para confrontar o ciclista. “Ele empurrou a bicicleta contra mim e, quando fui empurrá-lo, ele a usava de escudo. Enquanto isso, ela me cercava gritando um número de um artigo que não recordo qual, vindo para cima de mim como se estivesse me dando voz de prisão, se aproveitando de que era mulher, me incitando para ver se eu tinha coragem de agredi-la”, explica no texto.

A mulher relata que sofreu mais agressões, que **incluiram socos nas costas**, e que teve sua bicicleta novamente arremessada ao chão. “Ainda não acredito no que aconteceu. Foi uma agressão arbitrária, já que não fizemos nada contra ele. Independente de termos atravessado o sinal vermelho, poderíamos compartilhar a pista, até porque já era tarde, o fluxo era pequeno”, comenta.

Apesar do acontecido, a ciclista não pretende aposentar a magrela, e se diz ainda mais estimulada a lutar pelos direitos dos ciclistas urbanos. “Uso a bicicleta todos os dias, é meu meio de transporte e não vai ser isso que vai me fazer parar. Na verdade, estou ainda mais animada de continuar pedalando. É uma pena que ainda existem pessoas que não

acreditam que possa existir uma convivência pacífica entre bicicletas e carros, mas acredito que isso vai acontecer em breve”, almeja.

“Agredir gratuitamente uma pessoa na rua nunca pode se tornar algo banal, e existem aí questões mais profundas.” (ciclista vítima da agressão)

Quanto ao amigo que também foi agredido, ela tem poucas notícias. “Não consegui encontrá-lo ainda, mas pelo pouco que nos falamos, sei que ele está bem, o dano foi mais na bicicleta”, explica. O mesmo vale para ela, que **ainda sofre com as dores de cabeça** causadas pela agressão. “Fui ao médico e está tudo bem. Ainda sinto dores no corpo, mas o maior trauma é emocional e psicológico.”

A vítima diz não se arrepender da **denúncia** e aponta a importância da discussão civilizada sobre temas sociais. “É preciso denunciar para que a nossa sociedade aprenda a discutir de forma civilizada essas questões. Agredir gratuitamente uma pessoa na rua nunca pode se tornar algo banal, e existem aí questões mais profundas, como a agressão contra a mulher, que deve, sim, ser apontada e discutida.”

“Agi de cabeça quente! É muito complicado, mas só quem pode julgar é Deus e a Justiça!” (João Mário Martin)

Em seu texto, João **se desculpa e assume o erro cometido**. “Estar indo para casa descansar e ser xingado sabendo que estava certo me subiu à cabeça. Se um chute caracteriza uma agressão, que me processem, assumo o que fiz e estou disposto a arcar com as consequências. Agora peço que entendam meu lado, cometi um erro, mas não fui o único agressor! Não justifico meu erro! Agi de cabeça quente! É muito complicado, mas só quem pode julgar é Deus e a Justiça.” João finaliza com o apelo. “Tomem as atitudes legais e parem de me crucificar e julgar meu trabalho! Por favor me deixem em paz!” **O Tribuna do Ceará** não conseguiu um contato com o motorista.

Tribuna do Ceará. Fortaleza, 17 de outubro de 2015.

Disponível em <<http://tribunadoceara.uol.com.br/noticias/mobilidadeurbana/ciclistas-denunciam-agressao-de-motorista-em-discussao-de-transito-no-bairro-aldeota>>.



A viralização do senso comum

Michel Carvalho da Silva

Observatório da Imprensa, ed. 864 - 21/8/2015

Quem já recebeu alguma mensagem via *whatsapp* informando que o governo vai confiscar a caderneta de poupança ou que o Congresso vai votar um projeto que acaba com o 13º- salário? Outro conteúdo falso que “viralizou” no Facebook nos últimos tempos se refere ao auxílio-reclusão, que seria pago diretamente ao criminoso, ou, ainda, que o benefício se multiplicava conforme o número de filhos do preso ou da presa.

Muitas mensagens circulam pela internet e nem sempre elas são verdadeiras. Mas como pode o cidadão comum distinguir, num volume pulverizado de informação, entre aquela confiável, verídica e relevante, e aquela errônea, imprecisa e falsa? É evidente que essa questão está relacionada ao nível de empoderamento do indivíduo, que varia de acordo com o grau de instrução, a consciência política e os hábitos midiáticos de cada um.

Uma pesquisa divulgada recentemente pelo Pew Research Center mostra que cresceu nos últimos dois anos a

influência das redes sociais na tarefa de manter os cidadãos informados. Os sites de notícias, antes tradicionais fontes de informação, foram descritos no estudo como fontes secundárias, na hora de saber sobre um assunto ou acontecimento.

As redes sociais podem impulsionar o engajamento cívico devido à sua flexibilidade ao permitir aos usuários acessar informações sob demanda, receber notícias de maneira instantânea, aprender sobre diversos temas, personalizar conteúdo de acordo com seus interesses e aprofundar a discussão em torno de assuntos mais complexos.

Acesso à informação é um direito

No entanto, o potencial da internet para ampliar o grau de informação do indivíduo ainda é limitado por fatores como o desinteresse da coletividade ou a incapacidade das pessoas em assimilar grandes volumes de dados e relacionar fatos. Daí a importância de uma educação que subsidie o cidadão a entender a burocracia governamental

e o funcionamento do sistema político (conhecimento das regras gerais, familiaridade com as estatísticas e as plataformas de governo). Só uma pessoa que reúna essas competências poderá acompanhar e fiscalizar as políticas públicas implementadas pelos agentes públicos.

A desinformação, fruto da imprecisão, da mentira ou do ruído informacional, contribui para a ignorância das pessoas e inviabiliza o debate democrático. Aliás, é preocupante quando observamos que uma informação é manipulada simplesmente com o propósito de causar pânico ou revolta, com vistas a beneficiar um segmento político. Não podemos nos esquecer também do triste episódio, ocorrido no ano passado no Guarujá, em que uma mulher foi espancada até a morte após boato espalhado em rede social que a acusava de sequestro e bruxaria.

Diante disso, é preciso verificar se a informação veiculada é de uma fonte confiável, como sites institucionais,

páginas de jornais conhecidos e blogues de profissionais respeitados. Também é importante pesquisar se mais de uma fonte publicou a notícia, isso denota maior credibilidade à mensagem. Outro aspecto relevante é identificar se o conteúdo divulgado não é oriundo de um site de notícias falsas ou de conteúdo exclusivamente humorístico, como o Sensacionalista.

A informação tem relevância para o exercício pleno da cidadania e a formação de opinião. Por isso, o acesso à informação é um direito que antecede os demais, pois quem está bem informado tem maiores possibilidades de reivindicar outros direitos. As redes sociais oferecem oportunidades significativas para a politização da sociedade e um maior engajamento do cidadão no processo de deliberação pública, mas é preciso, antes de tudo, discernimento para não reproduzir o senso comum “viralizado” na internet.

Michel Carvalho da Silva é jornalista, professor e mestre em ciências da comunicação. Disponível em <<http://observatoriodaimprensa.com.br/redes-sociais/a-viralizacao-do-senso-comum>>



Do chumbinho nos haitianos aos protestos de domingo

Mônica Francisco

Jornal do Brasil - 16/8/2015

Minha mãe dizia que o mundo só é ruim para quem não sabe esperar. Neste mundo acelerado, de respostas instantâneas para tudo, de tudo ao alcance em um só clique, de emoções e sentimentos voláteis e breves, alguns de nós batalhamos para não perdermos a humanidade e a capacidade de esperar, como diz a canção, “dias melhores pra sempre”.

Os tais dias de paz que a outra parte da mesma canção nos provoca a pensar e refletir, se de fato eles virão. Aquela humanidade que nos distingue das outras espécies, parece por vezes chegar no seu volume morto (pra não perder de vista a crise hídrica) e fazer com que esta esperança quase se desvaneça.

Abriu as páginas dos jornais, sejam on line ou impressos, ver postagens que dão conta de duas dezenas de pessoas assassinadas, ler postagens ininterruptas de tiroteios que assombram o Complexo do Alemão, nos dão a certeza de que algo precisa urgentemente mudar neste país.

Relatórios oficiais de governos estrangeiros, como o dos EUA, da Anistia Internacional, do Mapa da Violência 2015, enfim, um sem número de dados oficiais, que fazem de nós uma nação que ainda continua perpetuando a tortura e o assassinato de parte da população, e de maneira sistemática, percebe-se embutido aí um desejo franco de limpeza étnica travestida de guerra à drogas e combate ao crime.

Não estamos em guerra, não temos fundamentalista armados até os dentes querendo tomar o controle estatal (até agora). Não é possível a produção em ritmo fordista de tantas mortes seletivas e monocromáticas.

Discursos higienistas, xenofóbicos, ditos por empreiteiros sem o menor sintoma de constrangimento. Promover cerceamento de “tipos” ou “categorias” de pessoas na circulação da cidade, ou na presença em determinados espaços, isto sim é a prática nossa de cada dia.



Não podemos nos permitir a conviver de maneira natural e sistemática com esta barbárie. Nossa leniência com este assunto vai nos custar caro demais, ou melhor, já está nos dando um quadro aterrador do que é viver com este nível de violência no Brasil. Violência seletiva, que mata negros e não brancos, pobres e de áreas desfavorecidas.

O pior é que tudo isso, aliado ao discurso hipnótico e paralisador do “somos todos brasileiros”, “no Brasil ninguém é branco” ou o indefectível “ não somos racistas” acrescentando à esse o “não somos xenófobos”, somos um país miscigenado, multicolorido, misturado, aqui temos povos de todo mundo, recebemos todos de braços abertos.

Pois bem, tudo isso se desvanece ao termos haitianos espancados, atingidos por disparos (ainda que de armas com munição como o “chumbinho”), índios queimados, chamados de fedorentos e meninos e homens negros espancados até a morte.

Isso tudo precisa de alguma maneira ser estancado, não encontro melhor definição. Alguns vão às ruas neste domingo, buscando a manutenção de privilégios seculares. Isso mostra claramente não só uma rejeição a um governo, mostra claramente quem não faz parte do Brasil oficial, que deveria ser de direitos para todos e não de privilégios para alguns.

PS.: Não esqueci das Margaridas, voltaremos a elas em breve. “A nossa luta é todo dia. Favela é cidade. Não aos Autos de Resistência, à GENTRIFICAÇÃO, à REDUÇÃO DA MAIORIDADE PENAL, ao RACISMO, ao RACISMO INSTITUCIONAL, ao VOTO OBRIGATÓRIO, ao MACHISMO, À VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER e à REMOÇÃO!”

Mônica Francisco é membro da Rede de Instituições do Borel, Coordenadora do Grupo Arteiras e Consultora na ONG Asplande. (Twitter/@MncaSFrancisco)

Disponível em <<http://www.jb.com.br/comunidade-em-pauta/noticias/2015/08/16/do-chumbinho-nos-haitianos-aos-protestos-de-domingo>>

Teste rápido: Você faz papel de idiota nas redes sociais?

Leonardo Sakamoto

17/11/2015

Escolha apenas uma alternativa:

1. Após ler o título de um texto sobre um assunto que te interessa, você:

- a) Parte para esculhambar e xingar o autor.
- b) Começa a elogiar e endeusar o autor.
- c) Diz que aquela postagem é a prova que os Illuminati estão dominando o mundo.
- d) Avisa que aquilo não tem importância alguma porque Cristo vai voltar em breve.
- e) Lê o texto.

2. Você recebeu uma mensagem no WhatsApp com uma denúncia séria, mas com autoria desconhecida e sem fontes de dados confiáveis. Então:

- a) Encaminha a postagem para 50 amigos no WhatsApp.
- b) Encaminha a postagem para 50 amigos no WhatsApp e replica no Twitter.
- c) Encaminha a postagem para 50 amigos no WhatsApp, replica no Twitter e bomba no Facebook.
- d) Encaminha a postagem para 50 amigos no WhatsApp, replica no Twitter, bomba no Facebook e fica falando dele no Snapchat.
- e) Dá um Google para checar e; caso haja uma dúvida razoável, avisa a quem te mandou, a fim de que evite espalhar conteúdo que pode ser falso.

3. Quando percebe que não manja muito de um assunto em um debate nas redes sociais, você:

- a) Inventa dados para ganhar o debate.
- b) Cria histórias para sustentar seus argumentos.
- c) Enfia palavras na boca de terceiros.
- d) Distorce o que não é favorável a você.
- e) Não tem vergonha de dizer “não sei”, “não faço ideia” e “me explica”.

4. Quem xinga alguém durante uma discussão nas redes sociais está:

- a) Colocando a pessoa no seu devido lugar.
- b) Mostrando a ela quem manda por aqui.
- c) Deixando claro a todo mundo quem é o pica das galáxias.
- d) Dando uma lição em quem se atreveu a questioná-lo.
- e) Sendo um babaca.

5. Alguém que discorda educadamente do seu post é:

- a) Um petralha imundo que mama nas tetas do governo.
- b) Um tucanilha nojento e insensível à dor do semelhante.
- c) Uma feminazi maldita que quer destruir os homens de bem.
- d) Um gayzista que quer transformar meus filhos em sodomitas.
- e) Alguém que discorda educadamente do meu *post*.

A quem respondeu qualquer coisa que não fosse a alternativa “e”: Há pessoas preocupadas em ganhar debates e que ignoram as dores do outro. E ofendem, xingam, maltratam, espantam. E há aquelas que querem construir algo através de conversas nas redes sociais. E ouvem, entendem, toleram, absorvem. Qual desses grupos de pessoas você acha que vai deixar saudades, se partir? Qual desses grupos de pessoas você acha que são fundamentais para o futuro do País?

<http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2015/11/17/teste-rapido-voce-faz-papel-de-idiota-nas-redes-sociais>



Cavaleiros da cana *versus* mecanização

Mariane Cheli de Oliveira

O lugar onde vivo é uma típica cidadezinha do interior do Paraná, com uma população de apenas 4.275 habitantes. O formato do município de Tamboara é no mínimo curioso, quase um quadrado perfeito emoldurando uma cidade em miniatura com virtudes e problemas característicos de uma cidade pequena.

Em nosso município e região a cana-de-açúcar é a principal fonte de trabalho; é cortando cana que muitos trabalhadores sustentam suas famílias. Devido ao serviço árduo e estafante, podemos chamá-los de cavaleiros da cana, pois levantam de madrugada, vestem suas armaduras e saem para a luta com a determinação de guerreiros.

Mas ultimamente algo vem lhes tirando o sono: a provável mecanização da colheita de cana. Penso que isso não deveria acontecer, pois é indiscutível que esse tipo de colheita irá ocasionar o desemprego de muitos trabalhadores braçais.

Com a implantação da mecanização, as usinas teriam mais lucros, pois, segundo dados da Alcopar, enquanto um trabalhador colhe em média seis toneladas de cana por dia, uma máquina pode colher seiscentas.

Segundo dados da União dos Produtores de Bioenergia (UDOP), o Paraná ocupa o segundo lugar na produção de cana-de-açúcar. Isso é algo que podemos perceber claramente observando o aumento do plantio de cana em nossa área rural, que, se por um lado, gera muitos empregos, por outro, causa problemas ambientais.

Nesse sentido, os que são contrários ao processo de mecanização da colheita de cana-de-açúcar argumentam que ele tiraria o emprego de muita gente, que em sua maioria possui baixa escolaridade e não conseguiria outro emprego, principalmente com carteira assinada, como o proporcionado pelo corte de cana.

Os que argumentam a favor citam as questões ambientais, pois com o trabalho das máquinas não haveria a necessidade das queimadas dos canaviais que poluem o ar, matam animais e prejudicam a saúde humana, principalmente a dos próprios cortadores de cana que entram em contato direto com a fuligem.

Na minha opinião, os impactos negativos causados pelas queimadas são inegáveis, mas não deveriam servir de justificativa para a substituição de trabalhadores por máquinas. Vale lembrar que o corte da cana sem a prática da queimada não é impossível, pois isso já ocorre quando há o corte de cana para a produção de mudas.

Segundo pesquisa feita pelo engenheiro ambiental Eleutério Languloski, não há motivos que justifiquem técnica, ecológica ou socialmente as queimadas nos canaviais, a não ser para maior rendimento da colheita.

Esse, com certeza, é um impasse difícil de ser resolvido, mas acho que a solução está com os donos de usinas, que poderiam abrir mão de suas margens de lucro, acabando com a prática da queima de cana, pagando uma remuneração mais justa aos seus trabalhadores que produziram menos do que na situação atual e fornecendo-lhes equipamentos de trabalho adequados para sua proteção, visto que na colheita da cana os trabalhadores estariam mais sujeitos à picada de bichos peçonhentos e cortes causados pelas folhas.

Assim, o verde de nossos canaviais continuaria sendo a cor da esperança de nossos cavaleiros, que veem no plantio da cana e na força de seu trabalho a garantia de sustento de suas famílias e o progresso de nossa cidade.

Aluna finalista da Olimpíada de Língua Portuguesa
Escrevendo o Futuro em 2008, 3º ano do Ensino Médio da
E.E.E.F. Doutor Duílio Trevisani Beltrão, Tamboara – PR.



PDE

Parceria



Coordenação
Técnica

Iniciativa



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

